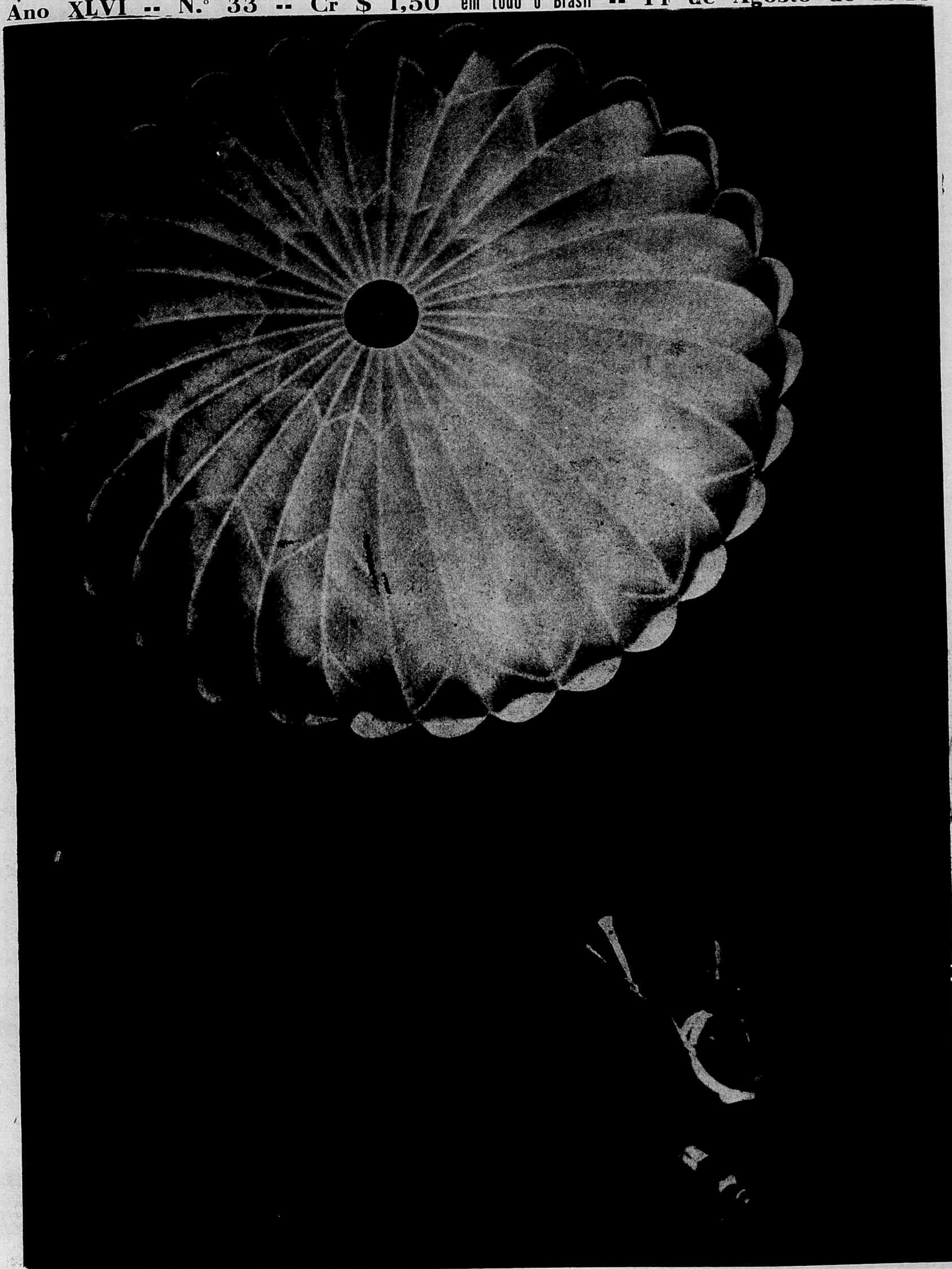


Revista da Semana

Ano XLVI -- N.º 33 -- Cr \$ 1,50 em todo o Brasil -- 14 de Agosto de 1943



Soldados do céu

Reportagem neste número

BOLSA DE VALORES

A visita do Dr. João Daudt de Oliveira

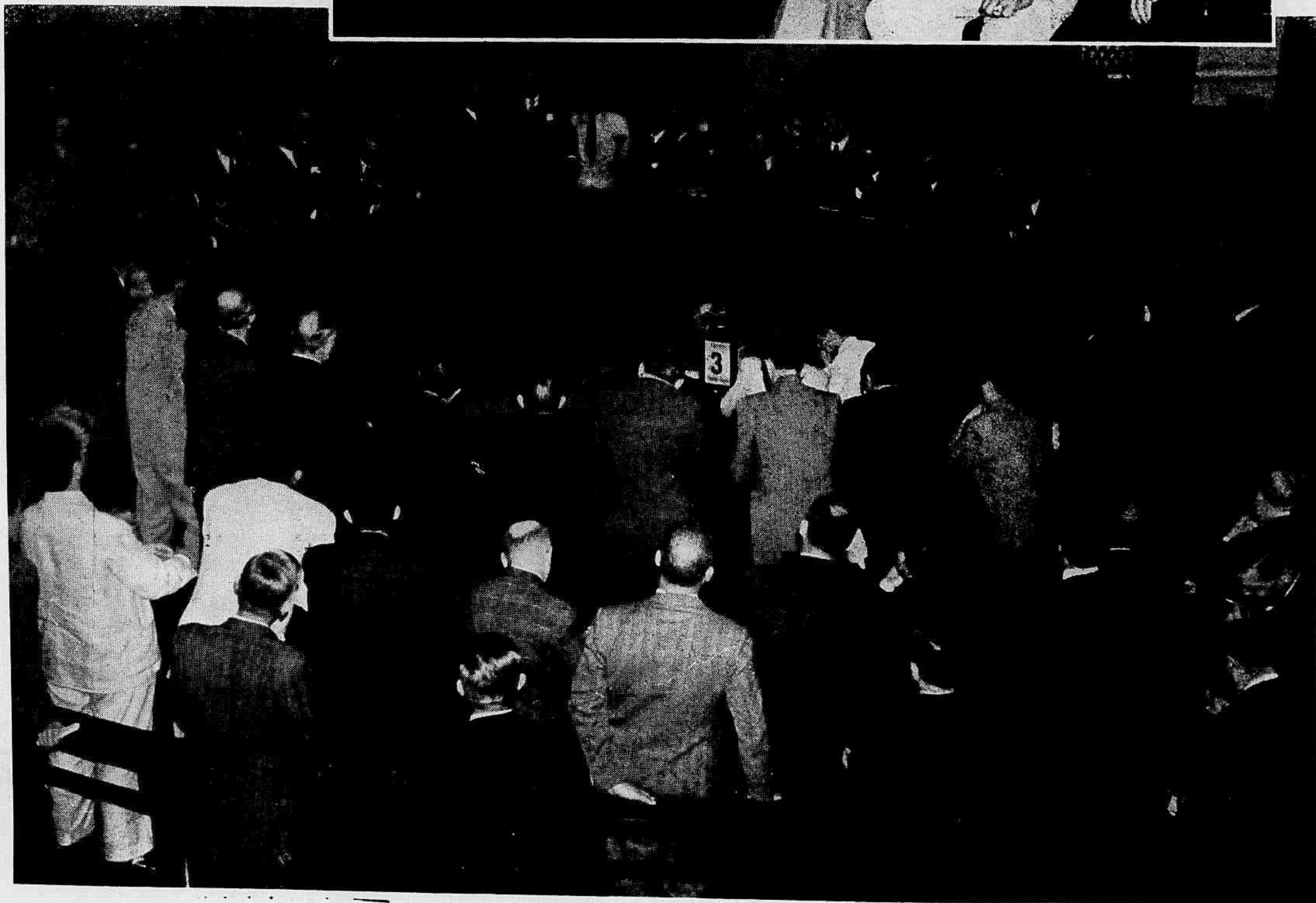
Esteve, semana passada, em visita à Bolsa de Valores o Dr. João Daudt de Oliveira, Presidente da Associação Comercial, que compareceu ao Edifício da Praça 15 acompanhado do Dr. Heitor Beltrão.

O visitante, chegou ao recinto da Bolsa, no momento em que se iniciava a sessão de pregões, tendo sido saudado pelo presidente da Câmara Sindical, Dr. Juvenal de Queiroz Vieira. Com a presença de todos os corretores e do público, o Dr. Juvenal em brilhante improviso, salientou as boas relações entre a Bolsa e a Associação Comercial.

Em seguida, o Dr. Daudt de Oliveira falou sobre a importante tarefa que a Bolsa desempenhará no futuro para a nossa indústria, cujo progresso atingirá grande surto com o término do cataclisma que assola o mundo.

Novamente aplaudido, o orador no posto de honra, presidiu os primeiros trabalhos da sessão. Terminados os pregões, o presidente da A. Comercial percorreu todas as dependências da Bolsa, manifestando-se entusiasmado pela organização dos serviços de registros de cotações, estatísticas e processamento de autos.

Três aspectos da visita: em cima o dr. Juvenal de Queiroz Vieira durante o discurso. No centro: flagrante do snr. Ernesto Stampa quando falava ao dr. Daudt de Oliveira na presença do Presidente da Bolsa e do dr. Heitor Beltrão. Em baixo: um instantâneo do visitante no início da sessão.



Morreu o poeta do Solimões

Herman Lima

N^o Ceará, onde sempre viveu, salvo uma escapula de moço a Paris, via-Amazonia, acaba de morrer, velho e pobre, um dos tipos mais expressivos da minha terra, desses que os anos passam e a morte leva mas vão ficando cada vez mais vivos na nossa lembrança, pela marca inicial da adolescência tocada pelo seu prestígio. Quintino Cunha, o maior ironista do Ceará de todos os tempos, no dizer de Agrippino Grieco, epigramista de repentes geniais, à moda de Paula Ney e Emilio de Menezes, faz parte da galeria dos intelectuais cearenses a cuja sombra, como bisonho broto sem clorofila, fui ensaiando as primeiras expansões no setor das letras.

Todos os nossos encontros, em torno duma mesa da calçada do Café Riche ou num banco da Praça do Ferreira, eram marcados inevitavelmente pela presença de Quintino Cunha, sempre irrequieto e trepidante, nunca demorando mais de quinze minutos no mesmo lugar, indo de um grupo a outro, as abas do paletó de brim claro ao vento, os cabelos esgrouvinhados espirrando por baixo do chapéu de palhinha que por milagre se equilibrava no cocoruto daquela selva selvaggia, um estrabismo inverossímil que não deixava saber para que lado estaria olhando — e aquela indefectível, aquela infatigável verve dos apartes e dos reparos, mordiscando a um e a outro a vaidade epidérmica, pois não iam, na maior parte dos casos, além do limite entre a maldade declarada e a inocente malícia.

Outra porem e muito diversa era sua atitude, quando fora da roda costumeira, sabendo pôr knock-out muito adversário, pelo instantâneo e direto ataque de sua ironia.

A cronica local de Fortaleza é mesmo um guizalhante rosário desses relâmpagos de graça, dessas setas do eterno Gavroche que ele foi, espadachim na hora devida, sacudido e lepidado como um saci do espírito a vida inteira, avatar polido do Boca do inferno ou encarnação mais recente do Ceará moleque, ao qual se dera de todo, em corpo e alma.

Assim, dois famosos episódios de juri, a que o poeta frequentemente comparecia, como advogado de renome e de brilho:

Após prolongada arenga, certo rabula pernóstico, querendo encerrar a acusação, proclama imprudentemente:

— Senhores do Conselho de Sentença, eu estou montado no Código Penal!

E Quintino, do lado oposto, a rebater fulminante:

— Pois faz muito mal em montar animal que não conhece!

Doutra vez, ele, que era o mais descuidado possível no traje, não se importando de atravessar toda a cidade com um pé no chinelo, por amor de certos calos a que não bastava a folga de largos recortes a canivete no calçado — enfrentava na tribuna um colega esmeradíssimo na indumentaria. Vai daí, no aceso dos debates, o Brummel indígena que procura amesquinhar o outro, com a grosseria desta indiscrição:

— Vossa Senhoria vem para o Tribunal de alpercatas! Isto, permita-me que o diga, até desmoraliza a profissão!

A perversidade, porem, não passou disso, porque a resposta de Quintino liquidou qualquer duvida:

— Mas, se eu a desmoralizo com os pés, Vossa Senhoria a desmoraliza com a cabeça.

Referindo-se a um presidente do Estado, não muito das suas simpatias, dizia a seu sobrinho Renato Soldon, autor de Ceará se rindo, que regista inumeras de suas boutades:

— Esse homem convenceu-me de que o ideal anarquista não é tão absurdo como eu pensava. Ignoro se outros povos viverão perfeitamente sem governo. O Ceará, sim, não sentiu falta nem necessidade de nenhum, enquanto Fulano esteve pensando que administrava...

Nada lhe escapava ao espírito irreverente.

Assim foi que um dia, por morte duma pessoa de casa, mandou um filho a Empresa Funeraria, que ficava no mesmo prédio da Santa Casa de Misericórdia e era do patrimonio do hospital. O pequeno foi cumprir a ordem paterna, mas voltou com a informação de não ter encontrado a Empresa. Quintino, esquecendo o momento de luto, esclarece deste modo ao filho:

— Volte de novo à Santa Casa e procure saber lá, no lado onde se faz defunto p'ra caixão, onde é que se faz caixão para defunto.

Viuvo, casou com uma irmã da primeira mulher — dizia que para fazer economia de sogras. Como a esposa, para provocá-lo, assinalasse uma vez o que seria capaz de fazer de desgosto, se ele morresse, Quintino, na mesma hora, escreveu uma poesia, *Spes unica*, terminando com esta quadra:



PERCY LAU

*Para evitar essa hora amargurada,
Esse quadro de dor tão verdadeiro,
Deus ha de ser servido, minha amada,
Que tu morras primeiro.*

Mas, esses desperdiçador de genio não foi apenas um vago fazedor de pilherias maldizentes, uma especie de palhaço provinciano, como pretendeu certo necrologista carioca.

Profundamente generoso, dando-se de todo o coração aos seus constituintes, embora a maior parte das vezes a troco de nada, duma displicencia na verdade incompatível com as exigencias da vida atual, soube no entanto pairar sempre num nível de pobreza honrada, avesso por completo à torpeza do passadio de expedientes, tão habitual em certos boemios do seu porte. Boemio ele o foi, porem no sentido de desapego à usura, à tenebrosa conquista do dinheiro como sintese da vida, nutrido sempre dum idealismo miraculoso que lhe fazia da existencia um ininterrupto misterio, a atender sabe Deus como aos insaciáveis apelos do cotidiano, o que ainda ha dias Gustavo Barroso me explicava, numa imagem comovida: "vivía como um passarinho". Para ele, efetivamente, como para os passarinhos de Nosso Senhor, as necessidades do dia a dia seriam sempre atendidas, sem a angustia das indagações antecipadas que nada adiantam nem remediavam. "Olhai os lírios do campo" era bem talvez a sua divisa íntima, que ele nunca se preocupava, aliás, em proclamar, avesso toda a vida a humilhantes confidencias ou a deprimentes jeremiadas domesticas. E' que, acima de tudo, Quintino Cunha era poeta, senão de relevo nacional como o de tantos outros vates melhor providos de propositos mais praticos, mas de clara inspiração nacionalista, num tempo em que os temas da terra eram ainda tão vasqueiros e a presença das condessas e marquezas de importação enchia de ponta a ponta larga copia da poetica nacional.

Seu livro *Pelo Solimões*, caprichosamente impresso em Paris, na unica fase de largueza da sua existencia longa, vale como indice seguro do que teria podido fazer, noutro meio menos estiolante, noutras condições menos prementes.

Tantos anos depois da primeira leitura, ainda hoje, em meio de toda a espantosa efervescencia de certa poesia que nasce do chão, entre as pedras do caminho, como cogumelos, têm com certeza um sabor de coisa muito nossa, estes versos do *Encontro das Aguas*, que a mocidade do meu tempo de Fortaleza tinha em conta bem alta:

*Vê bem, Maria, aqui se cruzam: este
É o Rio-Negro, aquelle é o Solimões.
Vê bem como este contra aquele investe,
Como as saudades com as recordações.*

*Vê como se separam duas aguas,
Que se querem reunir, mas visualmente;
É um coração que quer reunir as magoas
De um passado ás venturas de um presente.*

*E' um simulacro só, que as aguas donas
Desta região não seguem curso adverso,
Todas convergem para o Amazonas,
O real rei dos rios do Universo.*

*Para o velho Amazonas, Soberano,
Que, no solo brasileiro tem o paço;
Para o Amazonas que nasceu humano,
Porque afinal é filho de um abraço.*

*Olha esta agua — é negra como tinta,
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.*

*Aquella outra parece amarelaça,
Muito, no entanto, é também limpa, engana;
E' direito a virtude quando passa
Pela flexível porta da choupana.*

*Que profundeza extraordinaria, imensa,
Que profundeza mais que desconforme!
Este navio é uma estrela, suspensa
Neste céu dagua brutalmente enorme.*

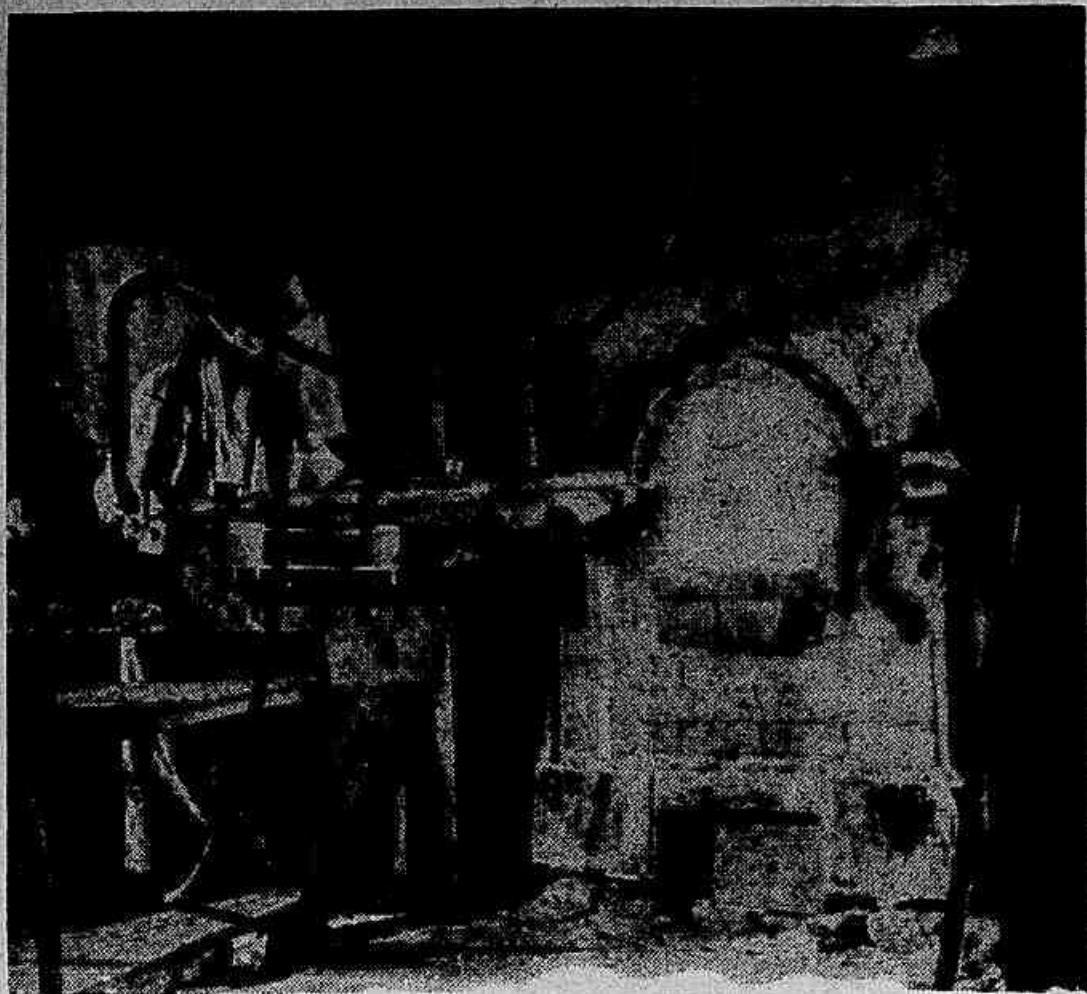
*Se estes dois rios fossemos, Maria,
Todas as vezes que nos encontramos,
Que Amazonas de amor não sairia
De mim, de ti, de nós que nos amamos!...*

Até hoje, no interior do Ceará, é frequente, em noites de lua, que são justamente as mais belas do mundo, passar uma serenata embalada na musica de seus versos da *Comunhão da Serra*. E quanto poeta de alto coturno não daria, com certeza, boa parte de sua fortuna literaria, pela gloria de viver uma hora de enlevo no coração do cantor anonimo ou na boca fresquinha como ubáia da cabocla amorosa que eu ouvi tantas vezes, na ribeira do Jaguaribe, no alto sertão de Russas, batendo os bilros da almofada, no tecer da teia do seu enxoval, ao compasso da doce modinha inspirada que não tem nada a invejar à Casa branca da serra ou à Mucama de Gonçalves Crespo:

*Ontem a noite eu vi à minha serra,
Como uma virgem, tremula, contrita,
Recebendo de Deus, daqui da terra,
Uma hostia luminosa, hostia bendita.*

Se a seleção do povo é a grande antologia universal, como quer ainda, argutamente, Agrippino Grieco, o nome de Quintino Cunha viverá por certo por muito mais do que o de muito confrade mais celebrado desta hora, e de quem não haverá quem saiba, de norte a sul do Brasil, um só verso de cor.

LENTE PARA A VITÓRIA



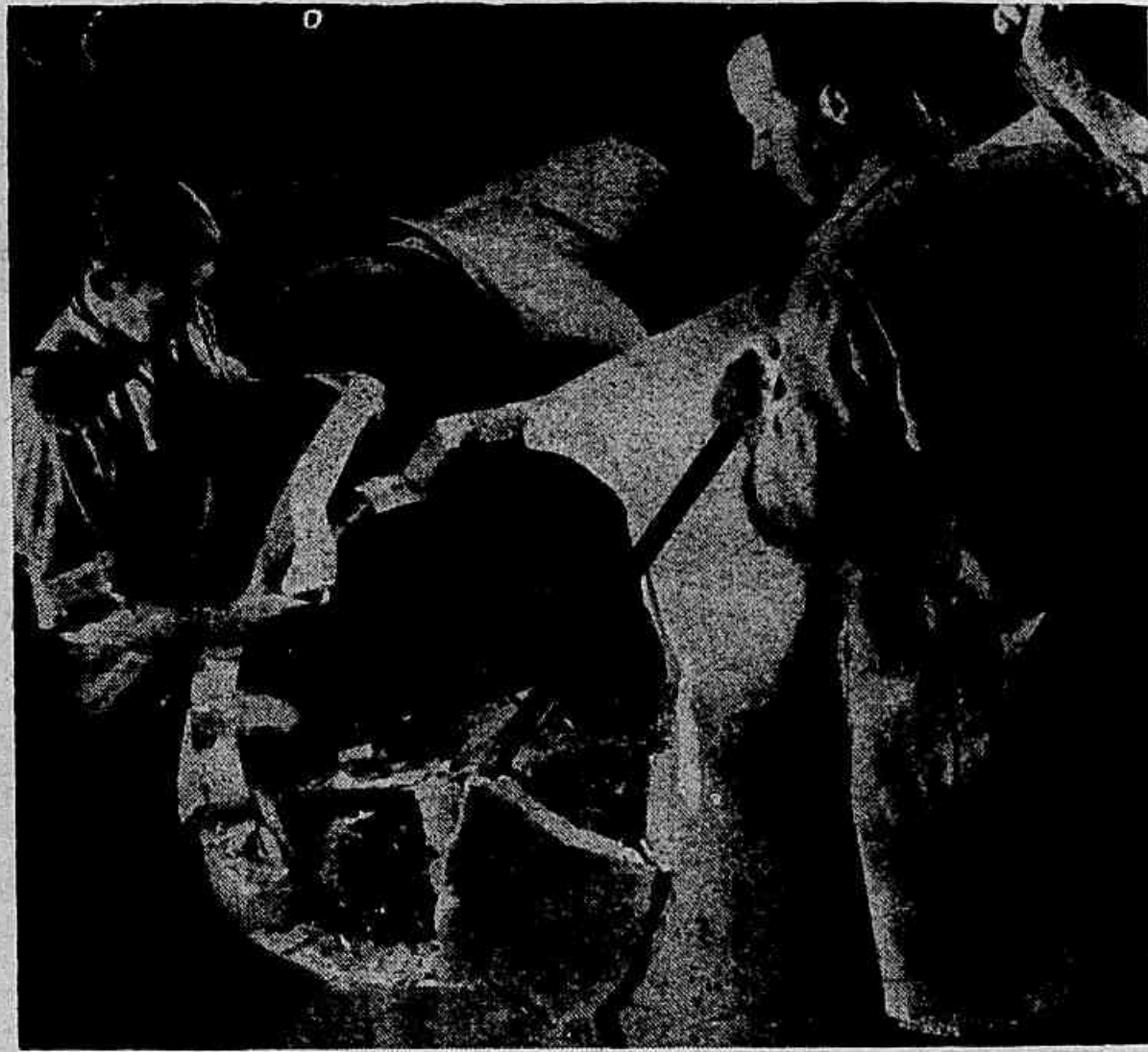
Agitando o vidro em fusão, um estágio importante na confecção do equipamento ótico de guerra. O aparelho que desempenha esta função, movido a eletricidade, é visto aqui penetrando na fornalha.

DURANTE muito tempo se acreditou firmemente que a Alemanha era o primeiro país do mundo na manufatura do equipamento ótico de alta qualidade. Na realidade, as grandes vitórias das forças inglesas de terra, mar e ar não teriam sido obtidas sem o trabalho altamente perfeito dos operários ingleses que aprenderam o segredo de transformar o vidro fundido em lentes de precisão. A fama de seu trabalho eclipsou a da produção alemã. As fotografias acima, tomadas na fábrica de aparelhos óticos de Chance Brothers, revelam algumas das fases desse difícil trabalho, de importância vital para a guerra.

O vidro ótico ideal é aquele que refrata os raios luminosos que penetram ou saem de suas superfícies, sem afetar sua intensidade ou a direção dos raios durante sua passagem através do vidro. O vidro ótico é fornecido aos produtores de instrumentos que o tornam polido afim de formar lentes (que podem ter componentes de diversas espécies de vidro) e prismas que são então reunidos nos instrumentos vitais para os combatentes. Estes instrumentos vão desde o periscópio dos submarinos e os binóculos até as câmeras para fotografias aéreas e os esferoscópios. Essa manufatura foi introduzida no país por Chance Brothers em 1848 quando contrataram um conhecido fabricante francês, George Bontemps que, por sua vez adquirira a invenção de um suíço, Guinand, o qual fora o primeiro a conceber a possibilidade de meter o vidro durante o processo de fusão. Esta técnica aperfeiçoada, constitui o característico da manufatura de vidros óticos. Os elementos mais diversos entram nesta indústria: areia, soda, potassa, ácido bórico, óxido de zinco, óxido de chumbo, etc. Os recipientes em que essas matérias são misturadas são construídos com argilas inglesas escolhidas pela sua pureza e resistência à corrosão pelo vidro fundente. Porções cuidadosamente pesadas e controladas desses materiais, misturadas a vidros de propriedades bem conhecidas, são colocadas no recipiente e o processo de fusão continua até que os gases se desprendam inteiramente. É necessário um controle minucioso da operação, porque a vaporização dos materiais mais voláteis podem modificar as propriedades óticas do produto final. O vidro líquido nunca se mistura igualmente na fusão e é por isso continuamente agitado especialmente quando se aproxima o fim do processo. Mesmo assim, nem todas as escórias de composição estranha podem ser eliminadas, porque, enquanto o vidro permanece fluido, a solução do recipiente e do aparelho agitado é constante. Depois que a mistura se processa, o vidro é esfriado e quebrado em frações. Estas, após uma cuidadosa seleção, são modeladas e finalmente emergem como prismas brutos e lentes. Antes de serem estas enviadas para os fabricantes de instrumentos, é necessário estabilizar a estrutura molecular interna do vidro por um processo especial que se efetua em fornalhas controladas por aparelhos elétricos de precisão e que demora muitas semanas e até meses. Posteriormente irão para os aparelhos dos pilotos e artilheiros ingleses dando-lhes a possibilidade de alvejar seguramente o adversário.



O recipiente que contém o vidro fundido é retirado da tornalha. É feito de argila especial e sofre um resfriamento lento afim de evitar a desintegração do vidro.



Quebrando um recipiente de vidro resfriado. Uma barra de ferro é empregada afim de separar a parede do conteúdo.



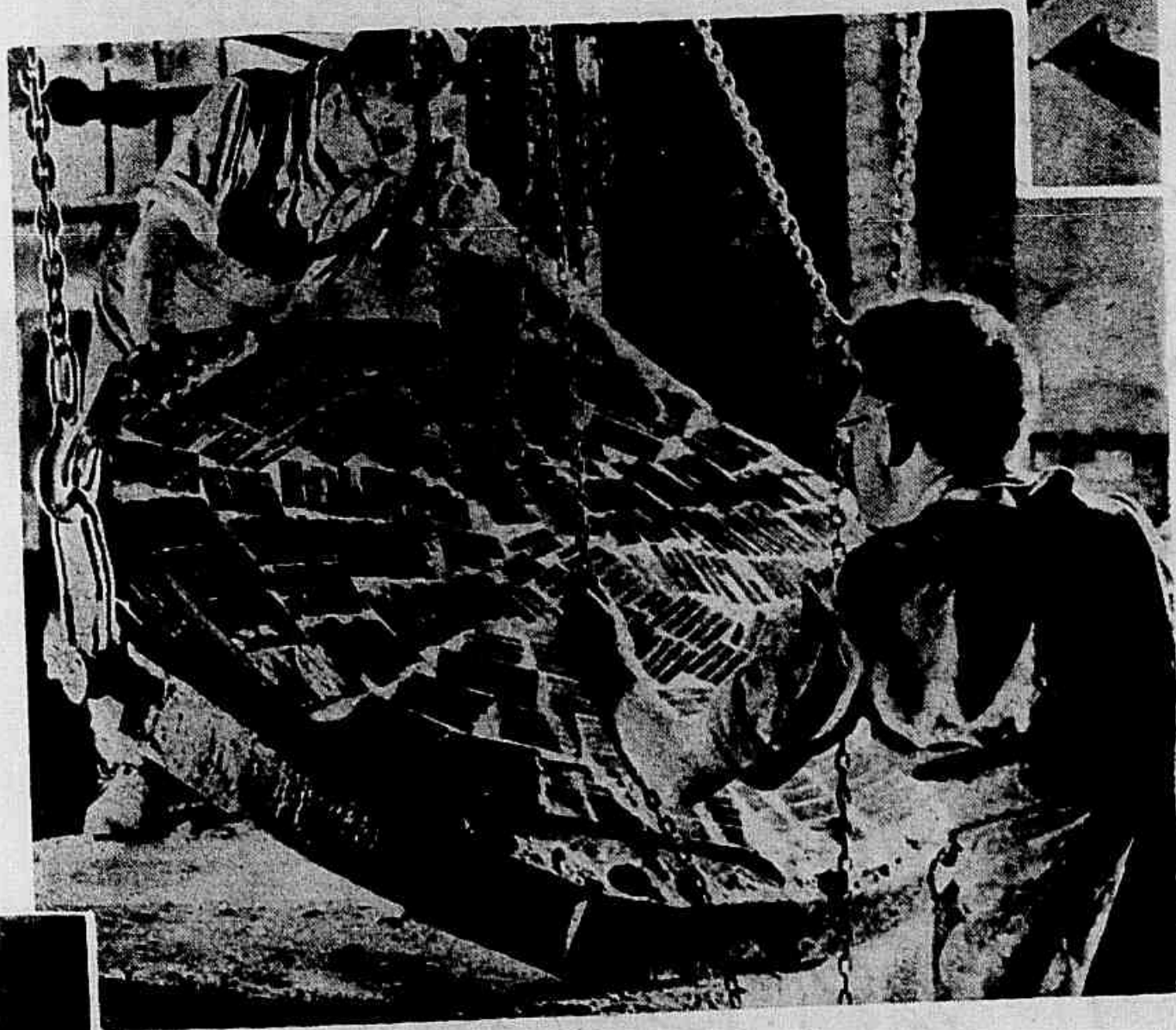
Uma pilha de vidro, cintilante como cristal, depois que a parede do recipiente é quebrada. Os pedaços brutos são reunidos e enviados à modelagem.



Operários usando martelos de aço, quebram os blocos de vidro afim de remover fraturas e falhas e reduzir o vidro às dimensões desejadas, que, posteriormente são modeladas em placas.



Arrumando as placas de vidro ótico num anel de metal antes de serem polidas. São mantidas firmemente no anel por uma argamassa.



As placas são polidas uma face de cada vés, com carborundum, esmalte e vermelho. Estão prontas então para uma inspeção crítica destinada a separar porções rainhas a serem usadas para lentes ou prismas.



Quebrando as placas do vidro ótico em pedaços do tamanho e do peso exatos para remodelá-las em lentes e prismas. As placas são primeiramente cortadas por uma roda de aço e depois quebradas por um malho de madeira muito dura.



Examinando lentes modeladas para evitar defeitos de superfície que podem ter sido originados durante o processo de remodelagem. Estas lentes destinam-se a câmeras fotográficas.

Diga isto a seu Marido

Quando seu marido estiver sem apetite e se sentir indisposto ou adoentado, com empachamento, peso, dor e outros desarranjos do estômago, a língua suja, mau gosto na boca de manhã ou durante o dia, peso, calor e dor de cabeça, tonturas, nervosismo, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça e moleza geral, dores, cólicas e outras perturbações do ventre, muita sede e quentura na garganta, ânsias e vontade de vomitar, mau hálito, indigestão, arrôtos, gases, diga-lhe que todos estes sofrimentos são causados por substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos, e que use **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre evita e trata estes sofrimentos porque combate a prisão de ventre e limpa o estômago e intestinos das substâncias infectadas e fermentações tóxicas que tão grande mal podem causar a todo o organismo.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre
em casa **Ventre-Livre**

Revista da Semana

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr.\$ 63,00; Seis meses — Cr.\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr.\$ 80,00; Seis meses — Cr.\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr.\$ 170,00; Seis meses — Cr.\$ 90,00
O numero avulso custa Cr.\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o numero atrasado: Cr.\$ 2,00

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegrafico: "REVISTA"
Rio de Janeiro

Telefones: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866

Tem agentes em todas as localidades do territorio nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Este numero consta de 52 páginas.

NOSSA CAPA

Apesar de vivermos uma guerra total, em que um quinhão de heroísmo cabe a todas as armas e até mesmo às populações civis, não ha duvida que os paraquedistas têm sobressaído pelo papel que lhes competiu nos ultimos combates. Verdadeiros soldados do céu, sua missão é a mais perigosa, e sua vida é um grande poema de abnegação e sacrificio. Como os arcanjos bíblicos, eles precipitam-se das nuvens, trazendo consigo a morte e a destruição. Arremessam-se em nuvens dos aviões de transporte e abatem-se sobre os pontos vitais do inimigo, longe das forças aliadas, num ataque fulminante. Esta nova tática, que foi criada pelos russos e aperfeiçoada pelos alemães, tráz em si a marca do desespero da alma eslava. A situação do paraquedista é das mais precárias, conta com poucas simas probabilidades de vida, no ca-

so de uma simples mudança na direção dos ventos, de um ataque subito do inimigo que o impeça de aterrissar ou que o apanhe de improviso ainda no ar. Esses homens, no entanto, é que muitas vezes decidem a vitória. Foram os principais instrumentos do ataque aliado à Sicília e serão sem duvida empregados em larga escala nas posteriores operações que visarem libertar a Europa do jugo nazista.

Aos heroicos paraquedistas das forças aliadas dedicamos nossa capa de hoje.

Desprende, joga
ou cai a sua

DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postiças, conserva-as com maior firmeza na boca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. **FIXODENT** não deixa nenhuma sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o cheiro de dentadura postiça. Perfuma o hálito. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

PRISÃO do VENTRE?



Pilulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará do Como Mispasto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente 1 litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é uma martíria.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Píulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Píulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.



ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO

CABELLOS BRANCOS

CASPA
Queda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE



Senhoras!

CAPULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUÇÃO

APR. PELA CENS. SANIT. N. 98-7-1

ONOMATOGRAMAS



Claudinier



Ermelinda



Aranha



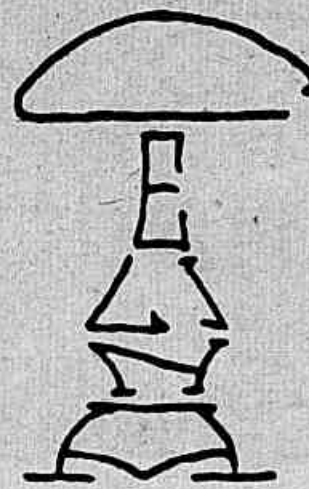
Getúlio



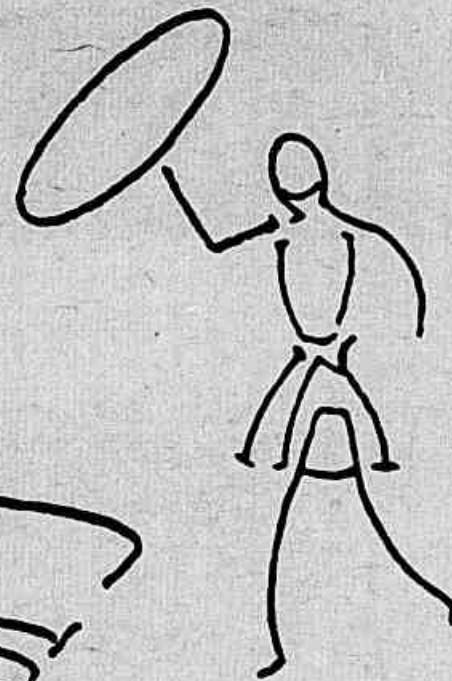
Josepha



Lili



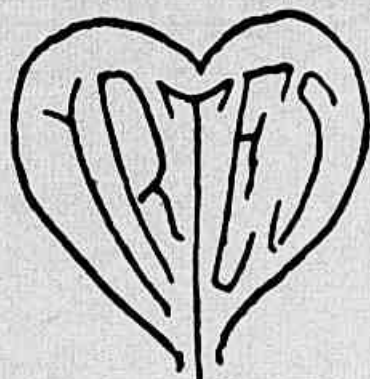
Celina



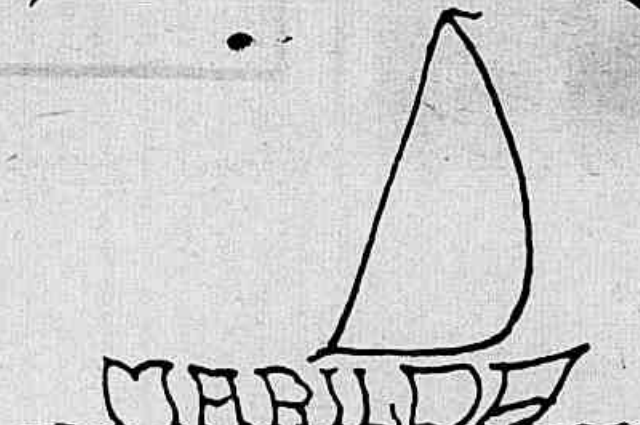
Olavina



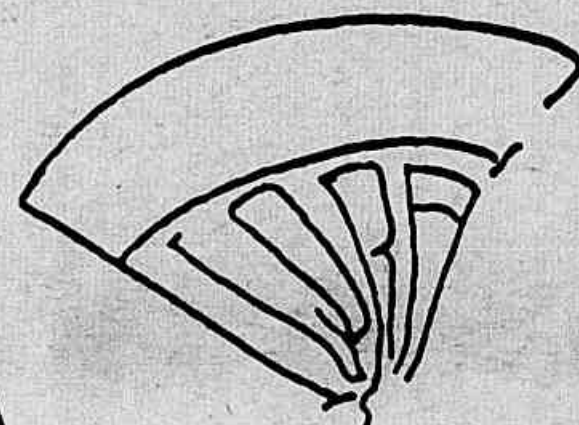
Iracema



Mirtes



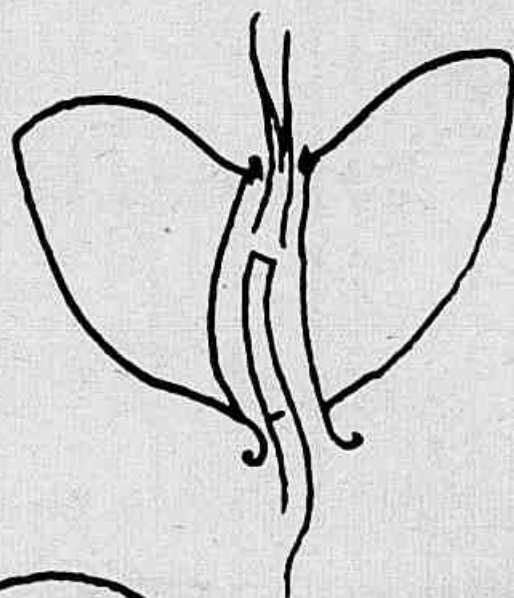
Marilda



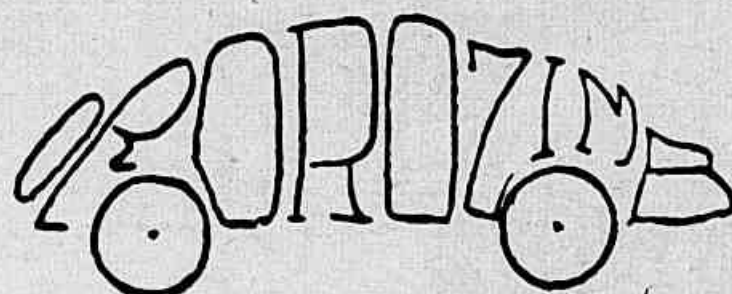
Flora



Suzana



Alma



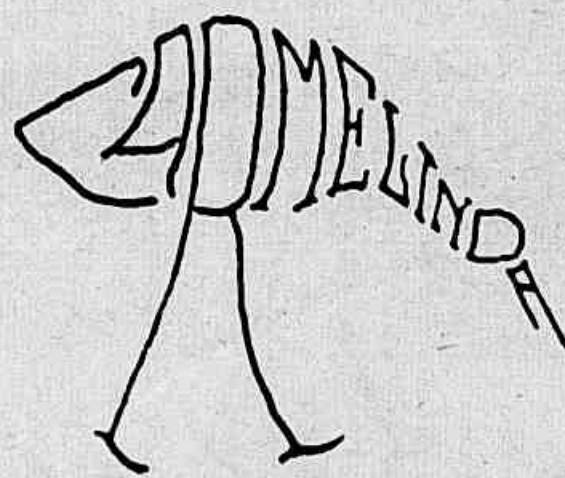
Orozimbo



Luzia



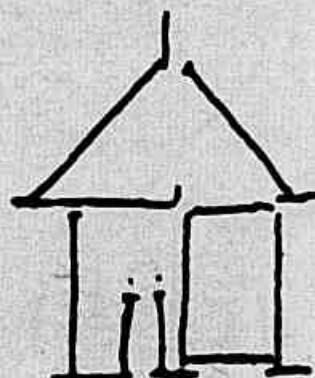
Santuza



Carmelinda



Terezina



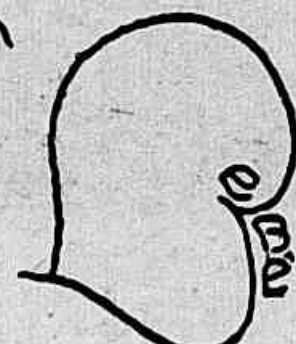
Lília



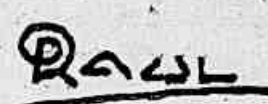
Coriolano



Eleutéria



Bebê



Raul

O farol das areias tiritantes

J. S. FLETCHER

(Traduzida do inglês especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

1

Quando Mordecai Chiddock veio juntar-se ao pessoal do farol das Areias Tiritantes, Jezreel Cornish estava tomando sua ração de sono, e Chiddock, sendo novo no posto, não sabia quem iria encontrar, quando Cornish acordasse. Do contrário, o bote que o trouxera do continente, com as provisões de um mês, não teria voltado sem ele. Muitas vezes tenho perguntado por que eu havia de estar de serviço naquela manhã, em vez de Jezreel Cornish. Se Jezreel tivesse ido receber o bote, e os dois homens se houvessem encontrado, enquanto Chiddock contasse com a oportunidade de fugir com vida, eu teria me livrado de boas. Mas, é tolice especular sobre o porque das coisas.

Até a vinda de Chiddock nós nunca tínhamos sido mais do que dois no farol. Era um mau arranjo, naturalmente, e fui eu que levei-o pior no fim das contas. Uma vez, Reuben Cleary caiu doente e teve que ficar de cama. Foi justamente depois da vinda do bote mensal, e até que ele voltasse de novo eu tive que trabalhar dia e noite e cuidar do doente. Depois foi o caso de Pharaoh Nanjulian; era um sujeito melancólico desde a mocidade e a solidão e a monotonia lhe afetaram o cérebro. O juízo foi-se-lhe afinal e ele ficava o dia inteiro cantando salmos e hinos religiosos e pregando às aves marinhas. Tivemos grandes temporais naquele outono, e o bote das provisões veio com o atraso de quinze dias, para me achar quase morto, de viver dia e noite com um louco e trabalhando por dois. E foi por causa do que eu contei — não atenuando as coisas — que decidiram mandar um terceiro homem, para que em casos como os de Cleary e Nanjulian o outro homem não ficasse terrivelmente só.

Chiddock foi o homem que mandaram. Naturalmente nem Cornish nem eu sabíamos quem seria designado; tudo o que sabíamos era que o bote de Setembro traria um terceiro fareleiro. Fazia uma manhã bonita e clara, quando ele chegou, e eu o observei atentamente enquanto ele desembarcava na plataforma ao pé do farol, o que só se podia fazer em certas ocasiões. Era um homem de meia idade, entroncado e trigueiro; tinha os cabelos encaracolados, usava barba e os olhos eram tão manhosos que eu não fiquei nada satisfeito. Contudo me deu bons dias com bastante delicadeza e depois de arrumar suas coisas me ajudou bem com as provisões. Não foi senão depois que o bote largou que pareceu disposto à conversa.

— Meu nome é Chiddock, — disse ele. — Mordecai Chiddock.

— O meu é John Graburn — respondi.

Ele me ofereceu um pouco de fumo torcido e relanceou em torno um olhar compreensivo.

— Aqui — disse ele — é mais isolado do que na maior parte dos faróis.

— Você fará maior companhia, — disse eu. — Agora somos três.

Ele lançou os olhos para a porta no alto da escada de pedra, como se esperasse ver o terceiro homem aparecer.

— Ah — disse ele — e que espécie de camarada é o outro companheiro, nesta rocha de solidão?

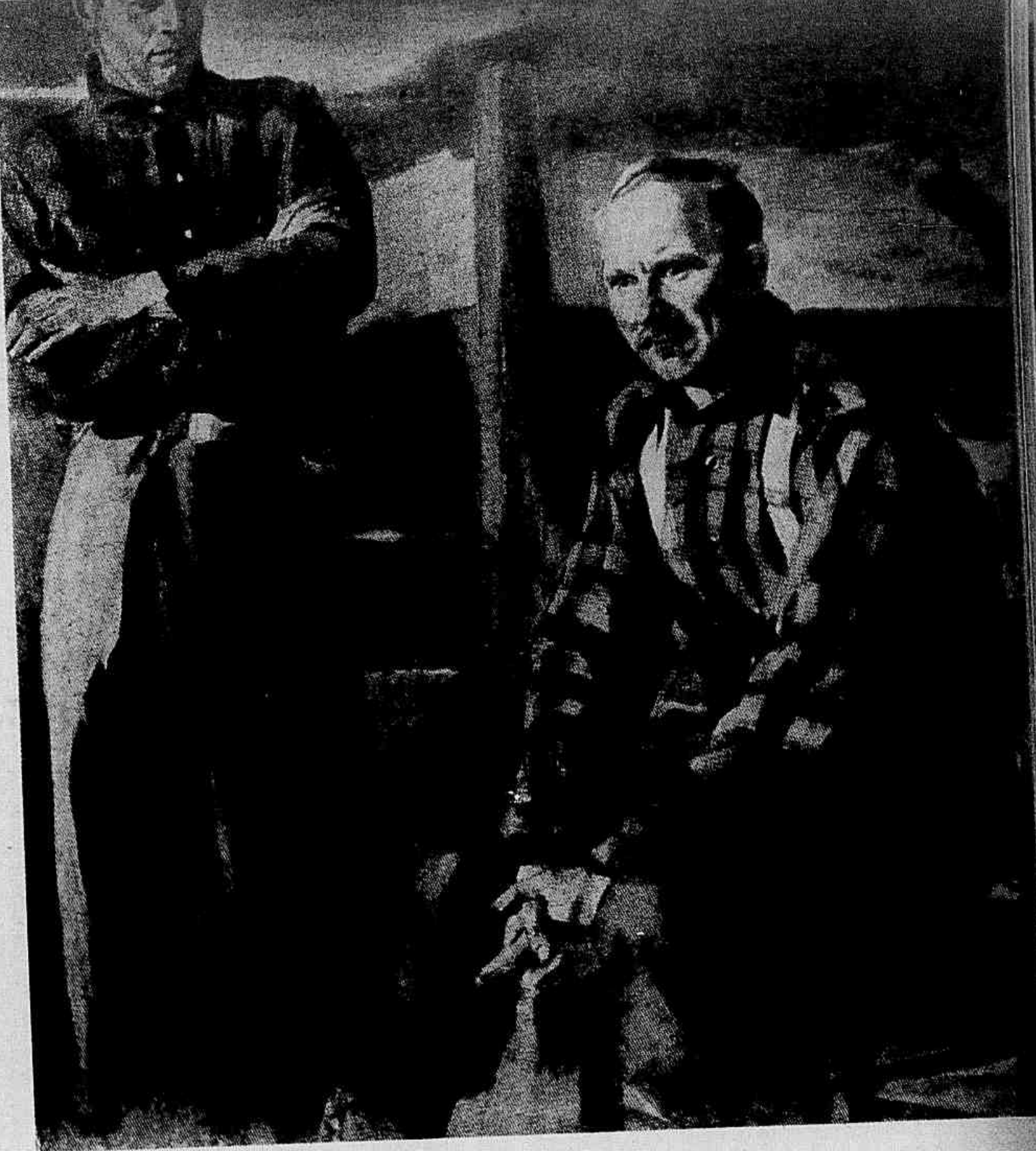
— Oh, é bom rapaz — disse eu, indiferente. — Ele está aqui apenas há um mês, mas é um homem decente; chama-se Jezreel.

Chiddock virou-se para mim como um raio e vi uma expressão singular nos seus olhos.

— Jezreel! — disse ele, rápida e incisivamente — E' um nome incomum. Eu conheci há tempos um homem com esse nome. Como é o outro nome desse homem, Graburn?

— Cornish — respondi. — Jezreel Cornish.

Então percebi que havia alguma coisa grave, pois suas faces perderam a cor triquetra e tomaram uma estranha tonalidade branca, e vi que o suor lhe brotava do rosto.



Deu um passo para mais perto e me olhou com olhos ardentes, os lábios tremendo debaixo do bigode preto.

— Jezreel Cornish! — disse quase num cochicho. — Jezreel Cornish! Um homem alto, ossudo, com um nariz comprido e agudo, cabelos ruivos e olhos penetrantes; é um homem assim?

— E se for? — disse eu, observando-o.

Ele tomou um longo hausto e, dando volta, olhou pela baía, em procura do bote de terra, como se quizesse chamá-lo de volta. Porém já a embarcação ia longe e ele se virou novamente para mim, respirando fundo.

— Se for ele — disse, mastigando as palavras — se for ele, mister, eu preferia estar naquele bote, na praia, em qualquer outro canto. Jezreel Cornish — ah!

Vi como seu rosto passava subitamente do branco ao rubro, e do rubro ao branco, e dando volta, avistei Cornish, o próprio Cornish, descendo as escadas, bocejando e se espreguiçando depois do sono. E rápido como o relâmpago, a mão do recém-vindo bateu no bolso traseiro da calça e eu percebi o que havia ali.

— Se é uma pistola que você tem, — disse, rapidamente e de modo decidido — pode deixá-la onde ela está. Aqui sou o chefe e...

Ele não pareceu prestar mais atenção a mim do que a uma criança e manteve os olhos pregados em Cornish, com a vigilância dum cão que espera um golpe. Voltei-me então para olhar para Cornish, indagando de mim mesmo que era que ia acontecer.

Cornish não era homem de apreender as coisas com rapidez, e já havia chegado ao pé da escada sem olhar diretamente para Chiddock. Porém quando o fez, eu vi tam-

MENSARIO DO "JORNAL DO COMERCIO"

Temos sobre a mesa o Tomo XXII, volume II, referente a Maio de 1943, do "Mensario do Jornal do Comercio".

Traz, como sempre, artigos de colaboração publicados no velho órgão da imprensa brasileira, todos de interesse e sobre os assuntos mais variados.

PENSAMENTOS

A verdadeira caridade não se ostenta; semelhante ao orvalho do céu, chi sem ruído.

MABIRE

O casamento é, de todas as cousas sérias, a mais comica.

BEAUMARCHAIS



SABONETE

VALE QUANTO PESA

E' O IDEAL PARA O BANHO!

GRANDE · BOM BARATO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

sem toda a côr abandonar-lhe o rosto, e quando a mesma lhe voltou foi uma espécie de rubro intenso, havendo-lhe nos olhos alguma coisa que queria dizer morte. Endireitou o corpo, gingando, como um animal quando vai atirar-se, e avançou com os dentes agudos a se mostrarem sob o bigode ruivo e falho; e eu fiquei certo de que ia haver tempo quente antes que o bote tornasse ao farol. Pois aqueles dois, Chiddock e Cornish, permaneceram mirando-se o tempo todo como bestas feras que estão loucas para se atacarem e eu podia ver que bastava uma palavra para haver o diabo entre eles.

Cornish foi o primeiro a falar e eu não teria reconhecido sua voz, tão mudada e tão terrível estava. E foi a mim que ele se dirigiu e não a Chiddock.

— E' este o novo faroleiro, Graburn? — disse ele. — E' ele que eu estou vendo?

— Perfeitamente — digo eu — e não é dum modo mais agradável que ele está olhando para você, Jezreel Cornish. E eu não sou tão cego que não veja que há sangue entre vocês dois, e lhes digo que não tolero uma coisa destas aqui; portanto, vocês dois prestem atenção às suas maneiras.

— E ele ficará conosco, dia e noite, fechado conosco no farol? — disse Cornish, observando Chiddock com os olhos dum demônio faminto. — Trancado no farol e comigo!

— E comigo, e vocês dois sob as minhas ordens! — irrompi violentamente. — E eu verei que...

Cornish cuspiu no chão, junto dos pés.

— A última vez que eu pus os olhos na sua cara de demônio, Mordecai Chiddock — disse ele numa voz que se tornara de repente doce como leite — eu lhe disse que o mataria quando chegasse a minha oportunidade. Ela chegou! Agora estou com você na unha e por Deus vou matá-lo!

O que aconteceu em seguida foi como um raio. Chiddock arrancou de repente o revolver da cintura e apontou para Cornish. Mas, antes que ele pudesse atirar eu o derrubei da mão dele, e num momento o lancei com um pontapé por cima da borda do rochedo, para dentro do mar. E com isso Chiddock ficou mais aterrado do que antes, parecendo-me que fosse choramingar como uma criança cuja ama a tivesse repreendido. Mas Cornish apenas deu uma risada, num modo entre cortado e chocarreiro, e afastando-se de nós dirigiu-se lentamente para a escada, penetrando no farol e deixando Chiddock ali em pé, diante de mim e com o rosto úmido mais lívido do que nunca. Quando ele falou, sua voz estava num fio, e eu vi que o homem se achava tremendamente espavorido.

— Você me deixou sem defesa, Mr. Graburn — disse ele numa voz de estranha tonalidade. — Ele vai me matar!

— Não vai haver nenhuma carnificina enquanto eu estiver aqui, meu caro — respondi; — e você faria melhor me contando que negócio é esse. Há alguma rixa de morte entre vocês?

Mas, em vez de me responder diretamente, ele começou a conversar e murmurar para si mesmo, e eu não pude entender nada do que ouvi; e durante o tempo todo que falou, os olhos, inquietos como os de um animal que acaba de cair na armadilha, sondavam o mar em torno de nós, como se ele esperasse fazer sinais para alguma embarcação vir buscá-lo.

— Não há viva alma que venha a este rochedo antes da volta do bote, daqui a um mês, Chiddock — disse eu. — Você pode ficar certo disso. Portanto, se quiser que eu o ajude, seria melhor que falasse depressa.

Ele se voltou então e me olhou com uma raiva surda inflamando-lhe os olhos.

— Se você não me tivesse tratado como tratou — disse ele, acenando na direção onde caíra o revolver — eu teria atirado e então estaria livre dele. Assim sendo, você tem que se pôr entre nós.

— Jezreel Cornish não tem arma de fogo — disse eu. — Neste penhasco há apenas uma velha espingarda de caça e a pólvora e os cartuchos estão comigo e ninguém senão eu pode usá-los.

2

Isso não era estritamente verdadeiro, porque eu tinha um revolver cuidadosamente escondido para qualquer emergência; mas não ia deixar ninguém saber disso. Contudo, Chiddock parecia não prestar atenção a coisa alguma do que eu havia dito.

— Ele vai matar-me, — repetia — e você será culpado do assassinato se o deixar fazer isso! Você tem que me manter afastado, Mr. Graburn; e nesse tempo, como é que vou fazer para comer e dormir? Agora estou com fome e com sede.

— Eu desconfio que você seja um covarde! — disse eu. — Sente-se e me deixe ir lá em cima ver o que Cornish pode dizer-me a este respeito.

Ele se sentou numa rocha, obediente como uma criança, e eu galguei a escada e penetrei no nosso living-room, onde encontrei Cornish comendo e bebendo tão despreocupadamente como se nada tivesse acontecido. E eu julguei essa disposição dele muito pior do que julgaria um feroz acesso de cólera de sua parte.

— Agora vamos, Cornish — disse eu, sentando-me entre ele e a porta — que negócio é esse? Eu sou o faroleiro chefe aqui e preciso saber que é que você pretende.

— O que eu pretendo — disse ele, friamente — é matar aquele homem que está lá fora, o que com toda a certeza farei. Não há pressa. A última vez que o vi eu disse a ele o que faria, e o deveria ter feito naquela hora, porém ele foi muito artilioso e me passou a perna. Desta vez ele não pode fazer isso de novo. Ele não pode nadar até a terra firme, nem pode voar; está na rede. Posso esperar com paciência, mas ele não há de sair vivo deste rochedo!

— Que foi que ele lhe fez? — perguntei-lhe. — Como você é tão franco a respeito de matá-lo, pode ser também franco bastante a respeito do crime que ele cometeu contra você.

Antes de responder, ele cortou uma grande fatia de carne seca que estava comendo, e a comeu com apetite, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

— Aquele homem — disse por fim, acenando na direção da porta aberta, através da qual podia ver-se um trecho de mar ondulante — aquele homem absolutamente não é um homem; é um demônio! Um demônio mesquinho, infame, asqueroso, Mr. Graburn. Ele e eu fomos uma vez companheiros numa tripulação; estivemos juntos em Valparaíso e ali fizemos um bom par de coques — não queira saber como. Eu cai doente com uma febre maligna; a última coisa de que me lembro foi confiar-lhe meu dinheiro, e ele me prometeu mandar a maior parte para minha mulher na Inglaterra. Depois veio o delírio, e não soube mais de nada, até dar num hospital de indigentes. O patife tomara tudo o

que eu tinha — me havia abandonado. O que é mais, viajou para a Inglaterra, procurou minha mulher e a induziu a vender a casa e uma lojinha que ela adquirira, sob o pretexto de mandar-me o dinheiro, persuadindo-a a confiá-lo para que m'o enviasse — o que naturalmente nunca fez. E quando eu regresssei, minha mulher estava morta — morrera no hospício, onde fui encontrar os garotos. Naturalmente, eu tenho de matá-lo!

— Se tudo o que você diz é verdade — disse eu — ele merece mais do que isso. Mas eu não permito mortes aqui, compreende agora!

— Eu não digo que o mate hoje ou amanhã — disse ele, sem me prestar mais atenção, como se eu não estivesse presente. — Qualquer hora me serve, agora que ele está na arapuca. Vou brincar com ele, como o gato brinca com o rato. Vou fazer com que ele não possa dormir noites seguidas, com medo de que a morte esteja rondando. Vou gozar, pensando de que modo hei de matá-lo; hei de inventar alguma coisa boa!

— Eu estive inclinado a pensar que os desgostos e a raiva lhe transtornaram o cérebro, Cornish, — disse eu.

— Você pode pensar o que quiser — disse ele, ainda tão frio nas maneiras como geléia de peixe — mas há de ver o cadáver de Mordecai Chiddock, antes que o bote volte de novo.

— Se o corpo dele virar cadáver por sua causa, Jezreel Cornish — disse eu — você será enforcado.

Ele deu uma risada naquela sua maneira trocista. O som desse riso assustou-me, pois eu não podia saber se o homem estava em pleno juízo ou se havia enlouquecido como Pharaoh Nanjullian.

— Você não teria chance de escapar — disse eu.

— Quem diz que eu quereria escapar? — disse ele. — Desde que achei minha mulher morta no hospício, tenho vivido apenas para matar Mordecai Chiddock. E digo que você há de ver-lhe o cadáver, Mr. Graburn — e pouco me importa se ver o meu depois de ter visto o dele. Mas eu lhe digo, uma vez por todas, que o matarei!

Eu o deixei lá, sentado, ainda comendo, e desci de novo até os rochedos, para encontrar Chiddock onde o tinha deixado. Ele se voltou para mim com o terror estampado nos olhos. Olhei para ele, não há dúvida, com o nojo e a repulsa que sentia, pois havia alguma coisa no tom de Cornish que me fez sentir que ele estava falando a verdade.

— Se o que eu ouvi a seu respeito é verdade — disse eu — você é o patife mais ordinário de quem já ouvi falar, Chiddock. A morte é castigo muito pequeno para você, muito fácil. Você deveria ser esfolado vivo!

Ele olhou para mim ainda pior do que antes.

— Eu sei que você está do lado dele! — grunhiu. — Mas isso será descoberto, e vocês dois serão condenados por assassinato — preste atenção, Mister.

— Deixe isso comigo — disse eu, e lhe pus ao lado um pouco de comida e de bebida que havia trazido. — E por enquanto — disse eu — meta esta comida para dentro e trate de ser mais homem. Você veio aqui para trabalhar, e não para blasonar e se lamentar; eu posso exigir de você mais do que você pensa.

Ele não respondeu, porém se atirou à comida como um lobo faminto, enquanto eu voltei para o farol. Eu tinha tido uma idéia e ia pô-la em prática imediatamente.

Não havia outra coisa a fazer senão pôr aqueles dois homens separados. Que Cornish mataria Chiddock eu não tinha dúvida — do mesmo modo que não duvidava de que Chiddock teria morto Cornish, se eu não lhe arrebatasse o revolver da mão. Agora aquele revolver me dera uma idéia. Eu sendo o único dos três com uma arma, era certamente o senhor da situação. E desse modo, logo que entrei no farol, me dirigi ao meu quarto, apanhei e carreguei o revolver e voltei para o living room para falar, com autoridade, a Jezreel Cornish.

Jezreel havia acabado de comer, porém ainda estava sentado na ponta da mesa, olhando pensativamente para o prato vazio. Eu me sentei na outra extremidade; quando afinal ele levantou a vista foi para olhar diretamente dentro do cano do revolver.

(Continúa na pag. 47)



**Seus pratos
SERÃO APROVADOS
POR TODOS...**

...si preparados com
a saborosa **Maizena
Duryea**. Sopas, pudins e
demais pratos preparam-se
facilmente com **Maizena Duryea**
e ficam mais sabo-
rosos e altamente
nutritivos.

Aqui está o segredo
de alimentos delicio-
sos e apetitosos e
de fácil digestão —
MAIZENA DURYEA.

À VENDA EM TODA PARTE

Figuras e Fatos



AS ALUNAS do Instituto de Educação estiveram no Palácio do Catete afim de convidar o sr. Getúlio Vargas para paraninfo da Turma de diplomandas. Aceitando a homenagem, demorou-se ainda o chefe do Governo em palestra com as moças estudantes.

E' da audiência o flagrante que ilustra este texto.



ASPECTO TOMADO quando eram recebidos pela Imperial Irmandade de N. S. da Glória do Outeiro os novos Irmãos recém-admitidos. Destacamos entre os presentes o Dr. Randolpho Fernandes das Chagas.



O SR. GETULIO VARGAS e Dr. Simões Lopes no V aniversário do D. A. S. P.



O INSTITUTO Nacional de Ciências Políticas homenageia, no auditorio da A. B. I. o capitão Amílcar Dutra de Meneses, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda.

NA CANTINA do marinheiro americano é homenageado o sr. Valentim Bouças.



fação marcava para o ofertante, a melhor das recompensas.

A CENA MUDA, associando-se ao esplendido movimento da Campanha da Borracha Usada, levou a efeito na manhã de domingo 18 de julho, simultaneamente nos cines Metro Passeio, Copacabana e Tijuca, festivos espetáculos cinematográficos infantis, em combinação com o vespertino "Correio da Noite" e a Rádio Mayrink Veiga. Gentilmente, a Metro Goldwyn Mayer poz á disposição de A CENA MUDA, aqueles cinemas oferecendo ainda todos os filmes para as respectivas programações, constituídos de comédias, documentários, educativos, dese-



Promovida pela Legião Brasileira de Assistência a campanha da borracha usada empolgou a garotada das escolas municipais.

Em todo o Brasil acorreram os meninos cheios de entusiasmo, pela oportunidade que se lhes oferecia, de contribuir também, para levantar mais e mais o facho da liberdade.

Não houve solução de continuidade. Colegios particulares emprestaram, de imediato, apoio á operosidade das crianças.

A alegria transbordante, comunicativa e a comovente sinceridade de quem põe, na realização de um trabalho, toda a sua alma, fizeram com que se amontoassem toneladas e toneladas de borracha que se iriam somar ao esforço da nação.

Nas casas ricas, no mais humilde dos barracos, nas oficinas, nas lojas, de extremo a extremo, havia sempre, para o menino, a borracha pedida. E um sorriso largo de inteira satis-



O QUE FOI A CAMPANHA DA BORRACHA USADA



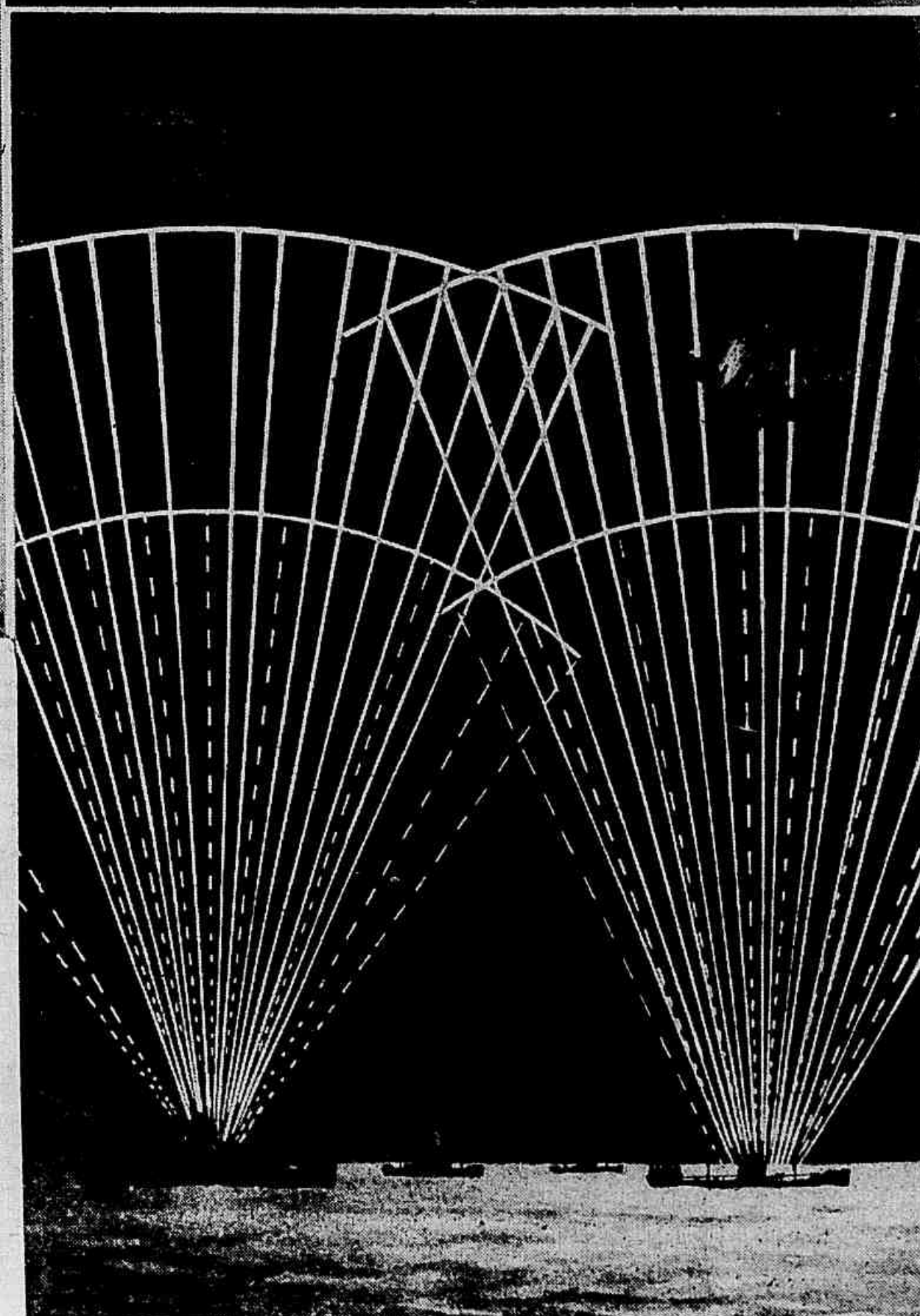
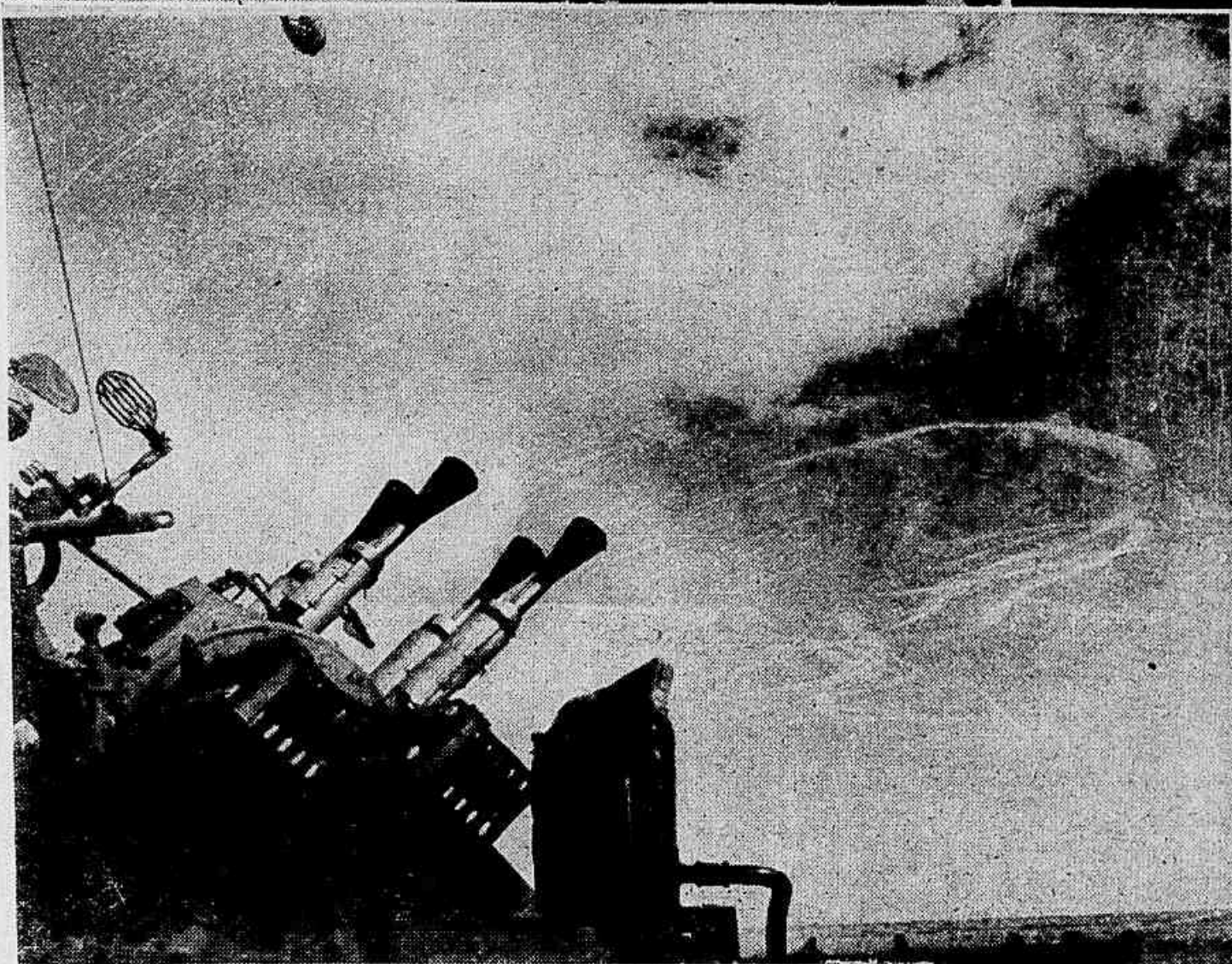
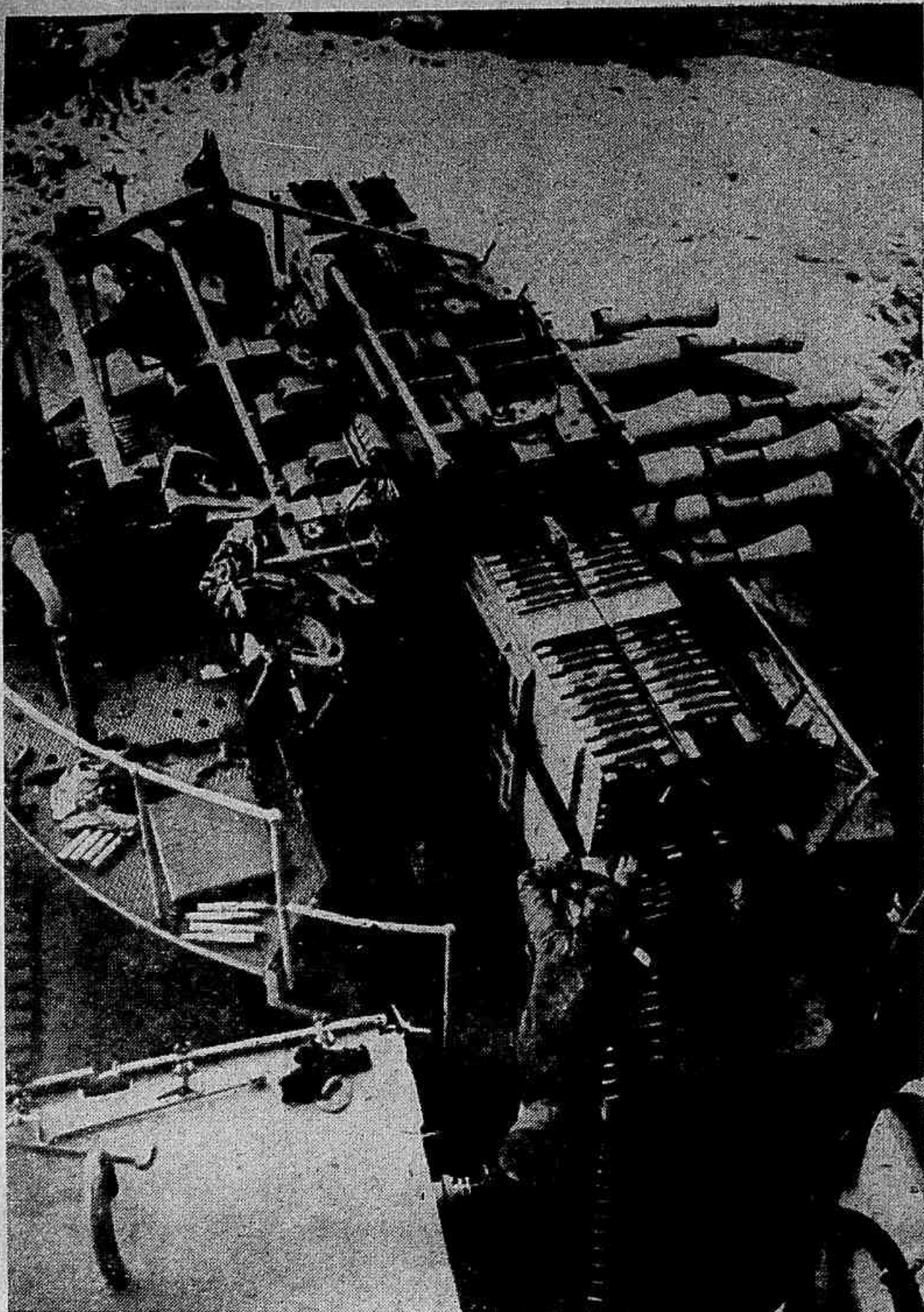
nhos animados e panorâmicos. A originalidade do espetáculo residu no "preço" da entrada, qualquer objeto de borracha usada que as crianças entregavam à entrada dos cinemas. Apuraram-se mil e quinhentos quilos daquele produto que se entregaram à Legião Brasileira de Assistência.

Nos flagrantes fotograficos que ilustram o texto, podemos sentir em toda a sua grandeza e sinceridade o que foi a campanha da borracha usada, magnífica colheita da meninada das nossas escolas.



Tocando o "Piano de Chicago"

(Do B. N. S. especial
para a REVISTA DA
SEMANA)



Com a natural facilidade dos marinheiros para arranjar apelidos, era natural que o canhão denominado oficialmente "pom-pom múltiplo" não conservasse muito tempo esse nome. Em pouco tempo, os artilheiros haviam crismado aquela peça de "piano de Chicago" sem qualquer motivo mais aparente do que aqueles que levaram os marinheiros a chamar o pão de "tommy" e o rum de "grog". E a verdade é que hoje, o "pom-pom" se tornou o "piano de Chicago" para todos, desde o almirante que comanda a esquadra até o mais humilde grumete.

O "piano de Chicago" tem uma história interessante. Foi projetado, originalmente, em 1890, para ser usado pelos navios de guerra contra objetivos dotados de grande velocidade. Era, de fato, uma metralhadora super-pesada. Os novos objetivos dotados de grande velocidade exigiam uma grande rapidez de tiro e, ao mesmo tempo, eram muito fortes para se tornarem vulneráveis ao projeto de uma metralhadora comum. Tornou-se necessário o emprego de uma carga explosiva. Mas o Direito Internacional proibia o uso de balas explosivas, determinando que qualquer granada explosiva deveria ter, no mínimo, uma libra de peso. O "pom-pom" — assim denominado por causa do ruído provocado pela série de explosões dos projetos — foi construído para lançar um projétil explosivo de uma libra num ritmo que, sem ser tão rápido quanto o das metralhadoras, era considerável, em se tratando de cargas explosivas. Pouco depois do começo deste século, contudo, os "pom-poms" caíram em desuso, pelo simples motivo do desaparecimento dos objetivos dotados de grande velocidade.

Hoje, o "pom-pom" foi revivido com o aparecimento de objetivos ultra-rápidos: os bombardeiros de mergulho e os aviões que atacam em vôo rasteiro. O seu efeito contra os mesmos é verdadeiramente devastador. A rapidez com que atacam esses aparelhos torna inúteis todos os métodos matemáticos empregados pelos canhões para fazer sua pontaria. O único meio que têm os navios de se defender é pelo estabelecimento de uma cortina de fogo, que é justamente o que se torna possível graças ao "pom-pom".

Geralmente empregados em grupo de quatro, seis ou oito, tanto a bombordo como a estibordo, os "pom-pom" atiram, em média, 200 projetos por minuto, em cada um dos canos. Esses projetos detonam ao menor contato e, como é fácil compreender, à sua potência de fogo, os "pom-pom" estabelecem no ar uma barragem mortífera, numa área bem extensa.

Apesar do avião lançado por catapulta desempenhar um papel muito importante para a proteção dos comboios aliados, a verdade é que, em grande parte, se deve aos "pianos de Chicago" o fato de ter sido possível à Royal Navy combater, desde o começo da guerra até março de 1942, 100.000 navios aliados, perdendo menos de 0,5% deles.

ATUALIDADE DE DOSTOIEWSKI

José Arthur Rios

Não resta a menor dúvida de que o tempo é um severo crítico literário. A ele só resiste o que possui verdadeiramente a centelha da eternidade. O eterno é a antítese do imperfeito. Por isso as obras verdadeiramente geniais conservam o frescor da eterna juventude. As gerações passam, na sua jornada dolorosa, e buscam lenitivo na contemplação dos livros, quadros e estátuas que as consolam da sua própria instabilidade.

Os livros de Dostoiévski são desses para os quais não existe o tempo. Já se tornou um clássico da humanidade porque nele os homens de todas as épocas e países irão buscar ensinamentos para a vida, e esses inesfáveis minutos que proporciona a visão da beleza.

Alesta esta atualidade do russo genial, o sem número de ensaios que se têm publicado ultimamente a seu respeito. Muitos deles já foram vertidos para a nossa língua. Grandes escritores europeus, da estatura de um Gide e de um Berdiaeff, dedicaram alguns belos ensaios à personalidade de Fiodor Dostoiévski, e à decifração de suas idéias. Estas têm para nós uma grande importância, sobretudo no momento atual. Não falta quem tenha querido desvirtuar a doutrina desse extraordinário construtor de ficções que foi também um profundo pensador, atribuindo-lhe a paternidade de algumas das ideologias que destroçam o mundo moderno.

Foi por isso que lemos com satisfação a bela exegese que, sob o título Dostoiévski, homem do sub-solo, o ensaísta Karl Pfleger dedicou ao escritor russo. Publicada em língua portuguesa graças à Stela Editora, na Coleção Presença que Fr. Mansuelo Kohnen tão superiormente dirige, tem antes de tudo a finalidade de trazer à luz raízes cristãs do pensamento de Dostoiévski. Consegue plenamente o seu objetivo, estudando suas obras não apenas como foram publicadas, mas os esboços e originais das mesmas. Estes — como a forma original dos Irmãos Karamazov trazem uma nova luz à personalidade e à doutrina de Dostoiévski. Pfleger, com os textos em mão, opina que o grande russo, que hoje sofre o exílio espiritual da sua pátria é um grande lutador que até hoje batalha "do lado do ocidente ainda cristão, pelo novo humanismo cristão."

Pfleger toma como centro de sua interpretação uma obra pouco conhecida entre nós e que se intitula Apontamentos do Sub-solo. Nesta novela transparece o pensador de abissal profundidade que foi Dostoiévski, não se contentando em plasmar as diretrizes de sua época em personagens imorais, porém chegando a prever a intensa angústia espiritual de nossos dias que as utopias do século XIX não poderiam preencher. O homem do sub-solo é um angustiado. Quer viver as ilusões de seus contemporâneos, mas pressente o que nelas existe de falso e efêmero. Que acusação tremenda ele fulmina contra esses homens quando diz: "O homem do século XIX deve e está moralmente obrigado a ser, no mais verdadeiro sentido da palavra, um ser sem caráter." Aqui, Dostoiévski toca a chaga do mundo moderno: crise de caráter, crise de personalidade, deficiência no querer, insatisfeito ante as miragens que a inteligência lhe apresenta. E, numa afirmação ousada que é ao mesmo tempo essencialmente cristã, declara que "o homem necessita exclusivamente de um querer autônomo", mesmo que este leve ao sofrimento. Dostoiévski condena assim, implicitamente os desvarios a que a razão arrastou o homem moderno e a crescente mecanização da vida, o nivelamento espiritual que é a lepra do nosso tempo.

Apesar de Dostoiévski ter assim devassado demoniacamente as profundezas da alma humana, — é Pfleger quem no-lo demonstra — seu pensamento é cristão, pois "só um cristão que considera o homem um mistério e não mero apêndice da natureza, pode debruçar-

se sobre o caos humano com a paixão do desespero." E a verdade é que nenhum escritor, em tempo algum, desceu tão fundo na personalidade humana, nem seu grande emulo Tolstói, extraordinário construtor, admirável criador de vida, que atinge as fronteiras do épico em Guerra e Paz, mas que nunca alcançou a densidade trágica dos Irmãos Karamazov e de Crime e Castigo. Pfleger atribui a Dostoiévski o adjetivo "apocalítico", explicando-o como aquele que se preocupa com os novíssimos do homem e, acrescenta, "os novíssimos não estão só no fim, mas se encontram já no começo e na origem", porque "si não houvesse mistério no começo, não o haveria tão pouco no fim."

Localiza um dos grandes temas centrais de Dostoiévski no mistério da liberdade que é trágica. Todos os personagens de Dostoiévski são atormentados não por forças escravizadoras, mas sim por uma plenitude de liberdade que os leva até o crime. Antes de mais nada são almas, almas cheias de paixão que saboreiam até a última gota a taça da vida. Liberdade para eles não é uma palavra vã. São todas as faculdades levadas ao máximo, são os sentidos abertos até o limite último à embriaguez da



vida. São almas russas, — já o disseram muitas vezes. Sim, justamente porque no russo, como no espanhol, o culto da personalidade vai até o individualismo anárquico. Pfleger nada mais faz que traduzir Dostoiévski quando subordina esse personalismo a Deus. "Só há o genuíno homem vindo de Deus." Toda a obra do grande Fiodor gira em torno desta frase. Como do Evangelho, que lhe serve de divino comentário...

Estamos de pleno acordo com o ensaísta quando afirma que a obra de Dostoiévski é cristocêntrica. Basta percorrer algumas páginas dos Irmãos Karamazov para certificar-nos dessa verdade que impregna as menores linhas que saíram de sua pena. A isso, Pfleger aduz depoimentos decisivos de sua mulher e dele próprio que provam ter sido a leitura dos Evangelhos uma constante na sua vida, um contínuo lenitivo a seus sofrimentos. "O poderoso âmbito de sua obra assemelha-se a uma eclipse, de dois focos, um que é o sub-solo, outro que é o Cristo."

Pensemos assim, que Fr. Mansuelo Kohnen prestou um real serviço à literatura brasileira, incluindo na Coleção Presença o ensaio de Karl Pfleger Dostoiévski, exilado agora de sua pátria, encontrará entre nós um solo fértil, onde a luminosa semente de suas idéias germinará em fecundas searas espirituais. E quando a cruz de Cristo tornar a abrir seus braços sobre a terra russa, o povo eslavo tornará a encontrar em Dostoiévski a sua única e verdadeira imagem.

ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO

PRINCEPE
DE GALES
UM PRODUTO
COSTA PENNA

GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /



DÔRES /
de CABEÇA

TRANSPIROL

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 19 horas

DEPOSITOS
DESCONTOS
CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50

ESCRAGNOLLE DORIA

Centenario Filatelico Brasileiro

A proposito da celebração do centenario filatelico da emissão de nosso primeiro selo postal, o chamado Olho de Boi não ha mistér remontar a tudo quanto a erudição fornece a respeito da instituição vetusta, dos correios e do uso moderno dos selos postais.

Numa pouca de lembranças é possível dizer do assunto, rememorando alguns fatos interessantes e talvez menos divulgados. Muitos recolheu o insigne erudito Eduardo Fournier, não havendo erudição sem constancia de lêr para si e guardar para os outros.

Para Fournier as invenções e descobertas modernas — ele o dizia em 1877 — têm historia antiga, copiosamente demonstrada a existencia do velho — novo pelo estudo do passado.

O bom progresso começa pelo pequeno. Em cada vivente a propria natureza evidencia isto pelo crescimento sem saltos. O correio em ponto pequeno precedeu o em ponto grande, por fim universal, o recebimento e a entrega de cartas conhecendo as mais variadas fases no discurso do tempo.

Fournier aponta como inventor das caixas postais em França um Snr. de Valayer ou de Villayer que, segundo ele, La Brueyre retratou nos seus *Les caracteres* sob o nome de Hermippe.

As caixas postais começaram a funcionar na Paris de 1653, numerosas e vastas eram colocadas nas ruas de maior ou menor importancia, destinadas as caixas ao recebimento de embrulhinhos, avisos, bilhetes cartas retirados por empregados postais.

Villayer, justificando a sua invenção, avisava às pessoas que se quizessem utilizar de correspondencia da necessidade de juntar a cada carta um bilhete de porte pago pregado na missiva vendido em ponto especial e custando um penny. Nenhuma carta, nem sua resposta, seria entregue sem a prova do porte pago. Não é isso o selo postal? indaga Fournier.

As caixas postais para correspondencia de Paris a Paris foram vitimas de brincadeiras de máo gosto e dano de correspondentes. Um professor de cravo depositou numa caixa postal os convites para um seu concerto. Nenhum chegou a destino. Certos amigos de pregar peças haviam introduzido na caixa alguns comandongos que roeram os convites.

Londres conheceu os serviços do correio pequeno, *two pence post*, em 1683. Descendo rapidamente no tempo encontra-se em 1823 o tenente de artilharia sueca o Snr. Treffenberg a propôr á Camara da Nobreza da Suecia, como disso fazem fé as minutas da assembléia, a emissão de um papel-sêlado para servir de envulcro às cartas. A proposta, vivamente apoiada pelo conde Schwerin, foi rejeitada por grande maioria. A Prussia poria em pratica a idéa do tenente Treffenberg. Mesmo na Suecia ninguem é profeta.

Depois de Treffenberg o Snr. Stead propoz à administração geral dos correios ingleses o uso dos selos de franquia, mas aquela administração deixou de lado a proposta.

Vamos chegar a um proponente mais feliz, Rowland-Hill, após lembrança de quantos predecessores Fournier assinalou.

Rowland-Hill dedicára-se ao estudo aprofundado de questões postais. Tem dito que viajando ele vio certa joven receber uma carta, examinar-lhe cuidadosamente a sobrecarta e restituil-a ao carteiro. Interrogada, alegou a moça assim proceder por não poder pagar o porte da carta, o que satisfiz Rowland-Hill. Ausentado o carteiro, declarou a moça que não valia a pena ter tido aquela despeza. Por que? indagou Rowland-Hill. Porque sinais de convenção no envelope haviam indicado à destinatária ser a carta de um irmão dela.

Rowland-Hill refletio, nascendo-lhe então a idéa do selo adesivo de acordo com o valor das taxas a pagar.

Para adoção da sua idéa dirigio-se ao elemento oficial que o recebeu friamente. Amparou-o a opinião publica na Inglaterra Estado no Estado. Numerosas petições foram levadas ao Parlamento inglês — parlamento digno de Maiuscula — e tanto se multiplicaram as petições que foi nomeada uma grande comissão para estudal-as ela concluindo pela aprovação do projeto Rowland-Hill.

Em Janeiro de 1840 o esforço de Rowland-Hill triunfava e a Inglaterra punha-se à frente de um progresso proveitoso ao homem entrelaçando pensamentos do mundo inteiro.

O bom exito é nuncio de honras e vantagens. Rowland-Hill recebeu o titulo prestigioso de *Sir*. O governo da patria concedeu-lhe a ambicionada Ordem do Banho, tão carateristica por tres corôas no seu centro, as da Grã Bretanha, Escossia e Irlanda e de cortejo a um só cetro para justificação de divisa *Tria Juncta In Uno*.

O povo de Birmingham ergueu estatua ao reformador, a municipalidade londrina concedeu-lhe o titulo de cidadão de Londres, os poderes publicos por fim o recompensando com a viva e util côr de 20 mil libras esterlinas trazendo a effigie da *Queen Victoria*, ainda em começo de reinado que no futuro constituiria uma éra na historia inglesa.

A 1.º de Janeiro de 1840 começavam a circular os primeiros selos para gloria do sistema postal Rowland-Hill adotado em 1839. Naqueles selos de um penny e de dous pence, um preto e outro azul, a rainha Vitoria aparecia joven, de bandós. Esta imagem que o correr do tempo não alteraria, a soberana nos selos patrios em



A rainha Vitória na época da emissão do primeiro selo postal inglês.

Quadro de Winterhalter.

1887 sempre moça, sempre com o mesmo penteado de 1840.

Na filatelia, como na vida, a imagem mesmo favorecido da infancia e da mocidade, traz gracioso cunho. Afonso XIII de Espanha feio na virilidade poz selos do tempo da sua minoridade real aparece de encanto infantil. Não representam apenas um rei em tenra idade, sim a propria Criança, à qual não raro a natureza dóta com prodigalidade de formosura no realce da inocencia.

A Inglaterra é uma ilha a governar de longe grandes e pequenos pedaços do globo terrestre. E' uma ilha que da estreita Mancha preside navio a navio todos os mares.

A imagem da rainha Vitoria circulou inalterada por anos e anos nas colonias do Reino Unido do qual sempre a Irlanda mostrou vontade invencível de sahir.

Talvez em nenhuma possessão inglesa o selo com o busto da rainha Vitoria moça tivesse tanta significação como em Santa Helena onde Napoleão curtio em uma ilha seus ultimos dias de conquistador de continente a ponto de espalhar por ele centenas de departamentos franceses.

Quem se deu pressa em adotar a reforma postal inglesa? O Imperio do Brasil. Entre nós, no tempo colonial, o deficiente serviço postal cabia desde 663 a particulares que o monopolisavam. No citado ano, no Rio de Janeiro, detinha o monopólio o alferes João Valleiro Cardoso.

Na legislação do tempo colonial é que se ha de seguir o paulatino desenvolvimento do nosso primitivo serviço postal. A este D. João VI imprimia um começo de organização regular no meio das iniciativas da sua permanencia no Brasil.

O Primeiro Reinado, a Regencia ocuparam-se com o serviço postal pela reforma Rowland-Hill beneficiária logo no inicio do Segundo Reinado.

1843 assinala o aparecimento de nossos primeiros selos substitutivos dos carimbos e marcas postais estampados na correspondencia sob variadas formas.

A emissão postal de 1843 constou de três selos do valor de trinta, sessenta e noventa réis. Grandes, não tardaram a receber a denominação pitoresca de Olhos de Boi.

Quem assim os denominou? Naturalmente o povo não sendo demasia supôr que fosse o carioca, pois no Rio de Janeiro os Olhos de Boi circularam sem duvida primeiro.

Entendeu o inventor da expressão, entenderam os propagadores da mesma que aos irracionais não era defeso ter entrada na filatelia, porquanto a tinham na historia, na arte, nas letras, pela viveseção pagando tributo doloroso á ciencia. S. Francisco de Assis dava aos irracionais tratamento fraternal. Antonio Vieira, sermonariamente, pregava aos peixes para reprehender os homens.

A pintura, a escultura, a gravura reproduziam as formas e as atitudes dos animais. Nas letras quanto as invocava a Fabula para dizer verdades que por outra forma não poderiam ser ditas.

Aos vistosos Olhos de Boi sucederam outras emissões postais de selos menores, em breve conhecidos por Olhos de Cabra, no prurido de alcunhar tão do povo.

Inclinados, em seguida direitos, os Olhos de Cabra circulavam ainda em 1866. Hoje Olhos de Boi e Olhos de Cabra são caças de filatelistas e alcançam alto preço. Um Olho de Boi perfeito não picotado, 90 preto, era em 1939 oferecido á venda por 1: 500\$. Ainda em 1939 um Olho de Cabra, vermelho, de 480 picotado, conforme o estado, variava de 250\$ a 160\$.

Em 1866, picotados, circularam os primeiros selos trazendo o retrato de D. Pedro II, em selos de varios tipos e de diversas côres. Na continuidade monarchica a effigie de D. Pedro II se conservou nos nossos selos até 1889. O mesmo succedeu á effigie imperial nos bilhetes postais, salvo na emissão de 1880 na qual em vez do retrato de D. Pedro II se viram as armas do Brasil Imperio.

A Republica inaugurou a sua série postal com a representação do Cruzeiro do Sul. Bem mais tarde havia de aparecer os selos com effigies diversas, assim as Rodrigues Alves e Rio Branco, e os selos comemorativos, assim os do centenario da abertura dos portos, os do centenario da Independencia, os da visita do rei Alberto e do Cardeal Pacelli fadado a Pio XII.

E' natural que tenhamos aberto espaço maior à filatelia nacional centenaria sem por isso esquecer, em ligeira lembrança, a de outras nações. A primeira emissão postal francesa data de 1849 ou da 2.ª Republica em França, a primeira emissão espanhola de 1850 para que Portugal iniciasse a sua em 1853, nos selos a effigie de D. Maria II nascida no Brasil.

Em 1847 nos Estados Unidos começava serie postal, para todo o seu territorio, série com o retrato de dous grandes norte-americanos e de então em diante tem os Estados Unidos assim consagrado os seus proceres.

Imprimindo-lhes carater de cantonais, a Suíça, como nós, emitio primeiros selos em 1843. A Inglaterra dá o exemplo da lidima monarchia representativa, a Suíça o da verdadeira republica democratica. Bem praticados, os dous regimens, opostos se encontram para lição politica no terreno da liberdade, esta conferindo direitos e deveres a cada cidadão, que deles se orgulha.



A ilha encantada de Bali, do arquipélago das Índias Holandesas, figura em nossa imaginação, como qualquer coisa de lendário, como outras tantas dessas pequenas coroas de palmas verdes espalhadas pelos livros de aventuras exóticas, ao sabor das novelas de Somerset Maugham, no cenário dos Mares do Sul. O cinema celebrou há tempos numa página luminosa de Murnau — *Manoa, o homem perfeito* — a imponderável beleza dessas paragens a que ficariam ligados também, para todo o sempre, por inspiradora da sua obra imortal, o nome e a vida de Gauguin.

Terra de templos milenários, esculpidos em arabescos duma estranha fauna de magia, suas bailarinas e suas danças mantêm sempre vivo o prestígio duma arte sagrada que vem de geração em geração.

Nesta extraordinária fotografia, vemos uma multidão de fiéis balineses, reunidos diante dum templo em festa, celebrando o ritual do dia, numa fabulosa coreografia de braços e de mãos desdobradas no ar, como se fosse um pedaço da floresta vizinha que tomasse corpo humano e viesse orar á sua moda, em louvor dos seus deuses lares.

TAPETE MAGICO

A Espanha foi sempre o país dos escultores de madeira policromica. Suas obras de arte religiosa, nesse particular, são famosas em todo o mundo. Esta Virgem dolorosa da igreja de LOS SANTOS MÁRTIRES mostra admiravelmente a maestria do talhador que conseguiu o milagre de unir a pureza dos traços fisionômicos á clamorosa expressão de dor desta madona das sete dores, obra prima que vem, há séculos, adornando, como joia inestimável, o altar de sua ermida.





Nossa Terra

O mar é calmo e um começo de luz cria para o encantamento dos nossos olhos a surpreendente tranquilidade de um lago de águas claras em meio às sombras que se encolhem fugindo ao deslumbramento. O barco quietamente imóvel, é o único traço que fica assegurando a realidade do que se nos revela aos olhos como encantado sonho.

Em pouco, a luz, como triunfal clarinada, fará cair os últimos bastiões de sombra, mostrando em toda a sua grandeza o cenário imponente. A reprodução fotográfica que ilustra nossa página, nós a devemos à gentileza e à sensibilidade artística do Dr. Jaime Moreira de Luna, admirador entusiasta de todas as belas facetas desse imenso caleidoscópio que é a terra brasileira. A fotografia foi tomada da praia de Araruama, Estado do Rio, quando o dia se anunciava ao longe, nos largos horizontes.

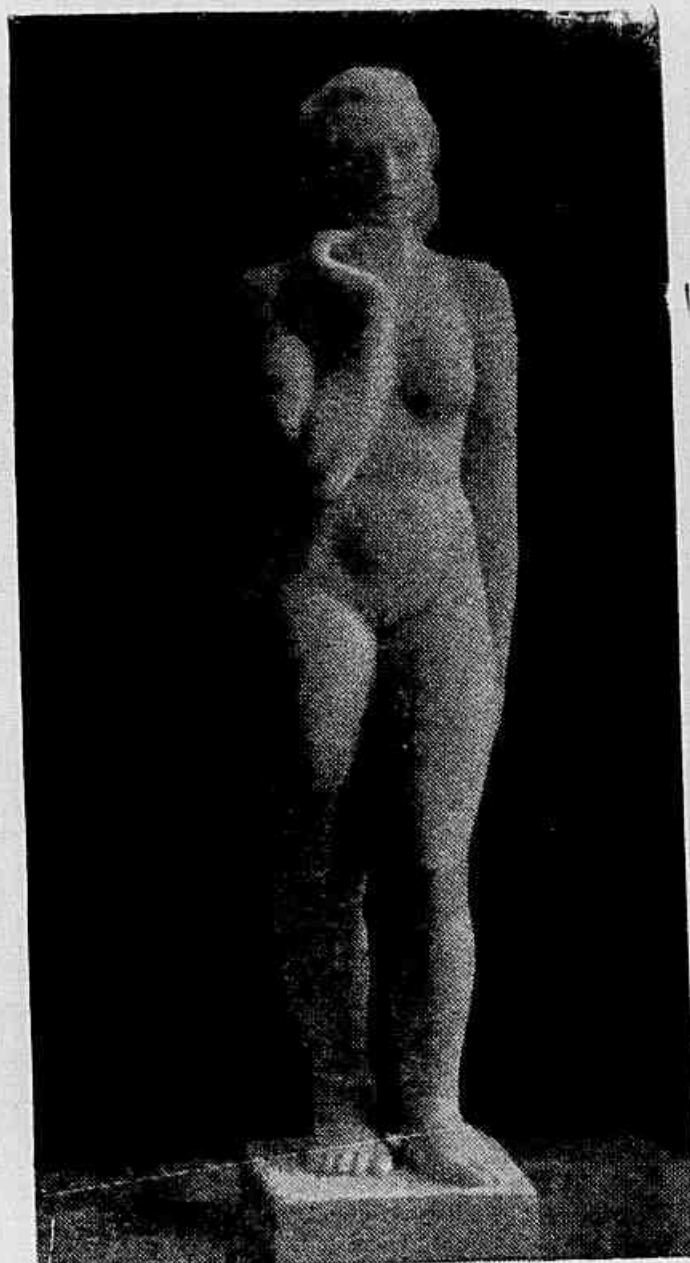
Ferri



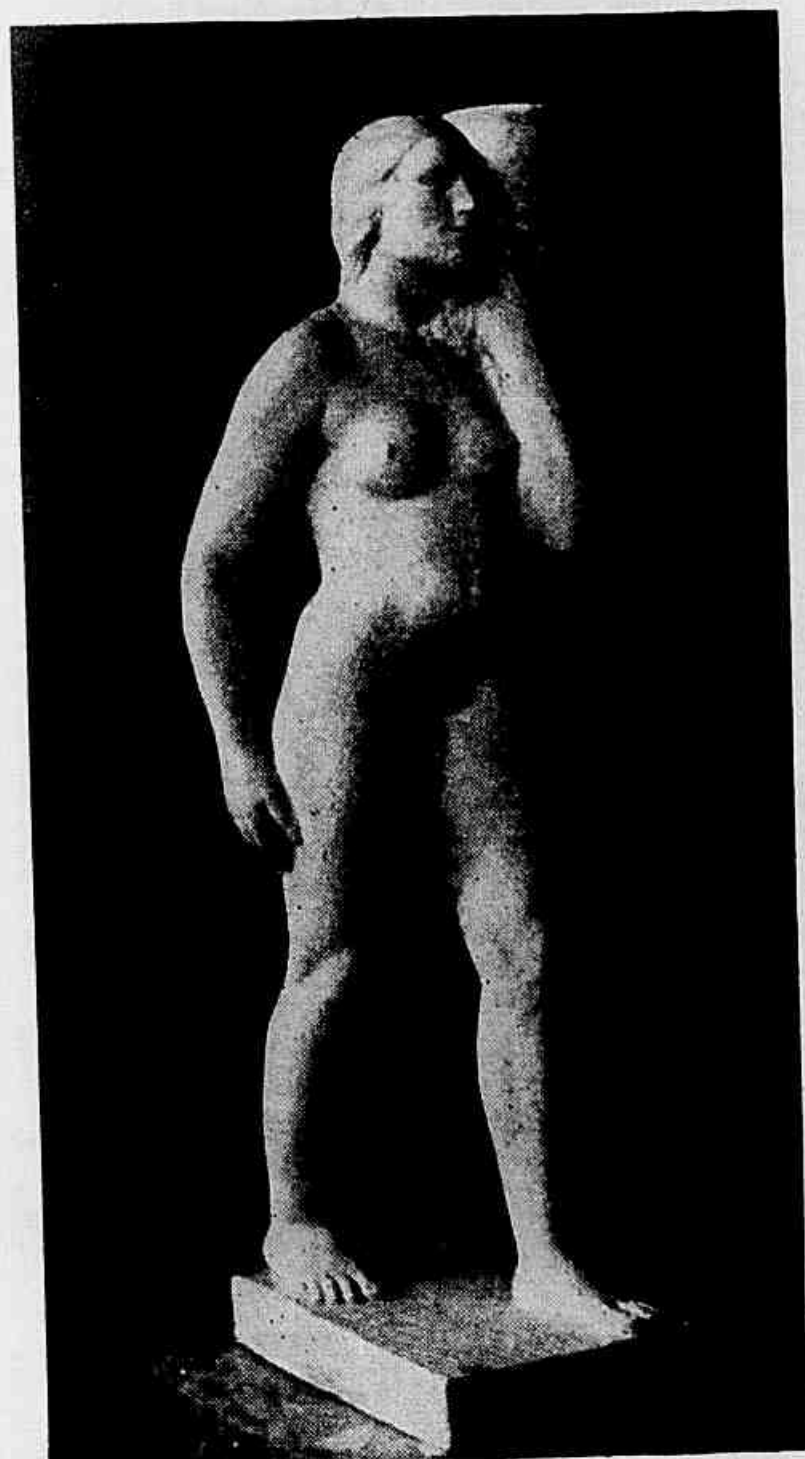
Êstase



Tara



Mú



Mulher do vaso

Com a espontaneidade mesma dos círculos que se formam em torno ao galho seco que feriu a superfície do lago povoado de imagens, onde dormiam as origens de todas as refrações na quietude de aspectos ignorados e contidos, o artista fere a pedra e do corte inspirado os movimentos se anunciam na suavidade de linhas iluminadas.

As mulheres que Ferri esculpe nos aparecem como suprema glorificação de graça e beleza de forma.

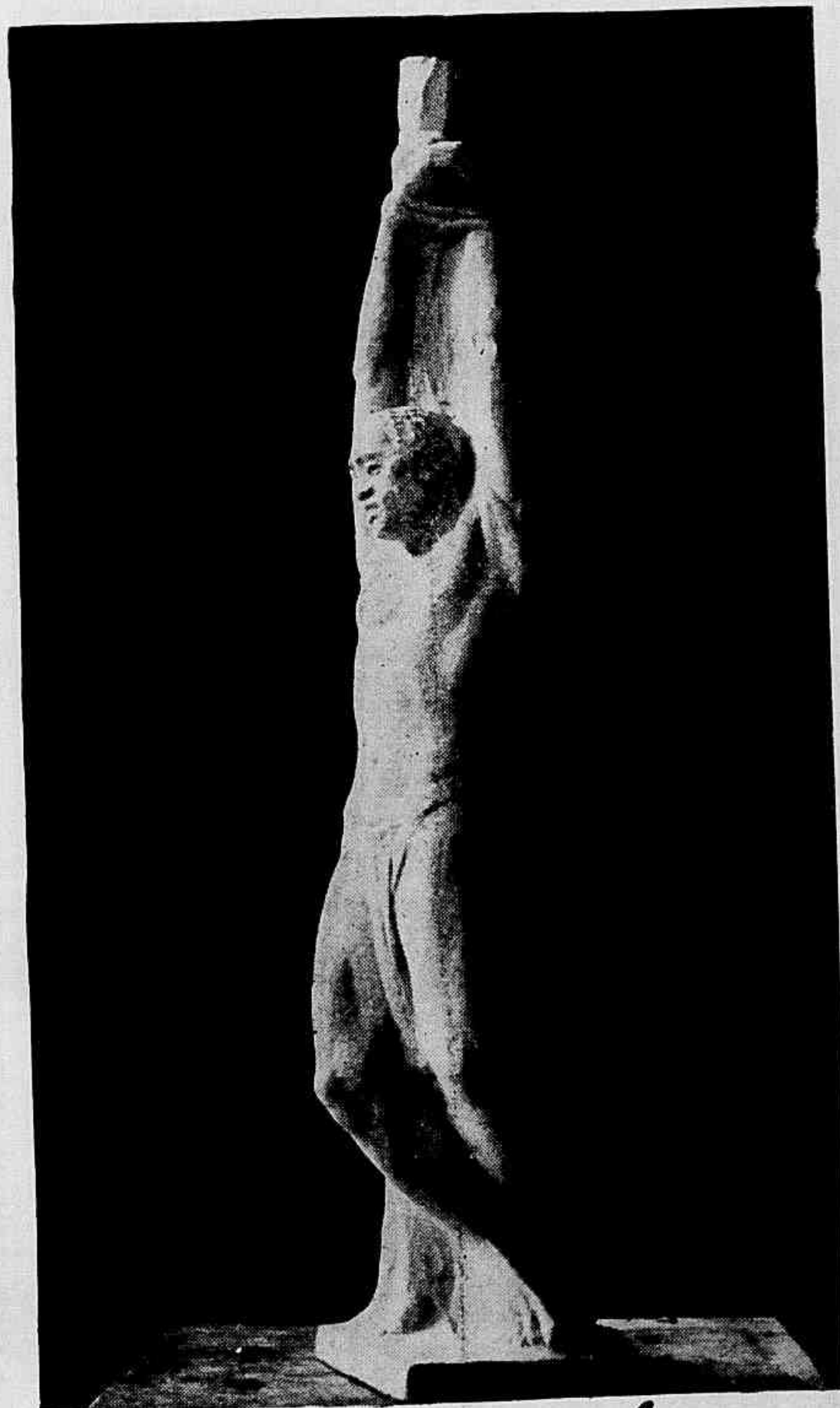
Aos conhecimentos técnicos recebidos dos mestres ele soma o colorido delicado de uma sensibilidade privilegiada.

Ferri ouviu na Academia de Milão as lições de João Mauro. Começou a expor em 1923 ainda em Milão. Posteriormente, de regresso ao Brasil, país de origem, realizou sua primeira mostra de arte em 1928. Foi-lhe conferido em S. Paulo, no ano de 1935, "Medalha de Ouro".

Em 1939, expõe no salão de Nova York e, no ano seguinte, no salão do Chile.

Conquistou ainda "Medalha de Ouro" no Salão Nacional de 1941, merecendo a presidência do Salão Paulista.

Sua obra funde harmoniosamente as influências dos antigos clássicos e o acre sabor de terra da escultura modernista.



Pelourinho

Bate-papo de Guerra

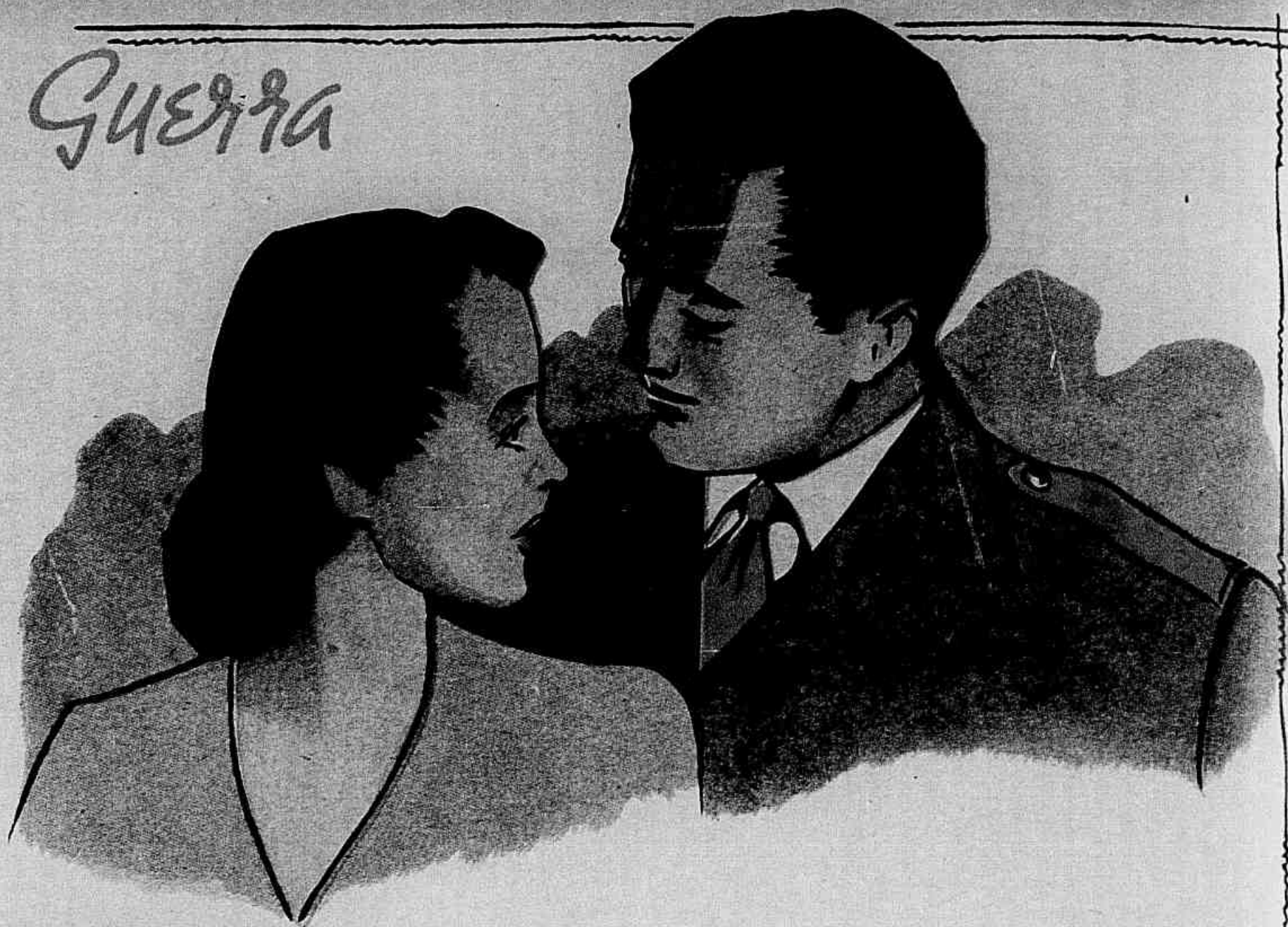
Legendas de SONIA REGINA
Desenhos de LUIZ GOULART

NA CIDADE ETERNA

Comentário oficial: Todas as agências de publicidade noticiaram a queda de Mussolini e, conseqüentemente, o fim do fascismo. Devido a isto, muitas coisas vieram à baila e entre elas...

No gabinete do Badoglio o Ministro das comunicações chama-se Frederico Amoroso

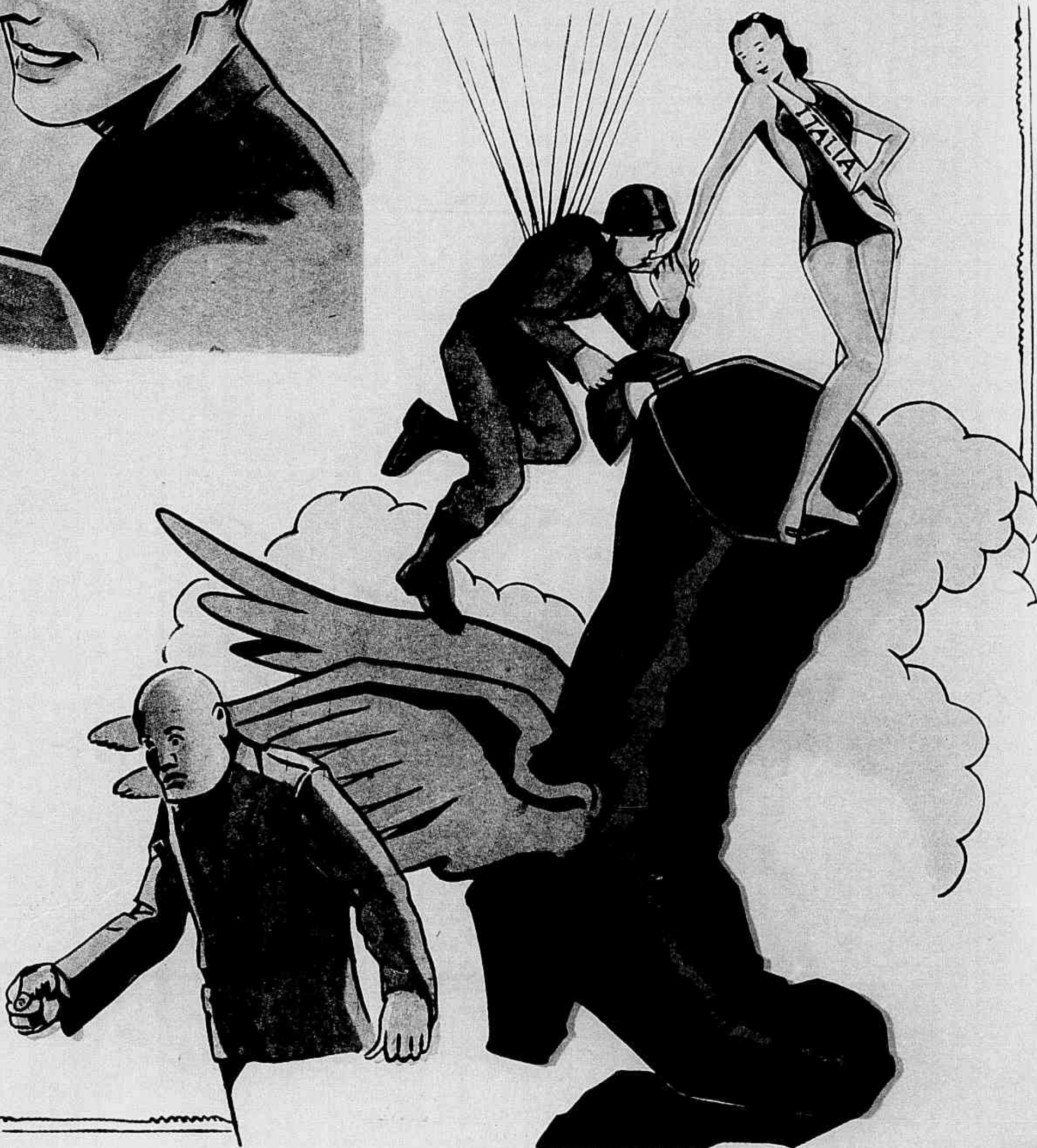
— Para o bem da Italia, esperamos que suas novas comunicações sejam "amorosas", declara o general Eisenhower.



— Que fim levou a "Fanfulla"?
— Perdeu o ultimo "fan" e ficou "fula"



O soldado: E sobre o Virgilio Gayda?
A estudante: Ainda não sabe?
Perdeu a "gaita" quando viu o povo italiano destruir o "Popolo d'Italia". E percebeu horrorizado que ao em vez de imitar o Virgilio que escrevera a Eneida, daquele dia em diante, só poderia escrever: "néris"...



Mussolini, alucinado, observando a Italia sorrindo aos aliados:

"La donna é mobile
Qual piuma al viento..."

SIBILA

Alcides Maya

Ilustração de GOULART

Anunciara-se para o dia seguinte a passagem pela estância do vigário, em rápida viagem através da paróquia; e como o Jango estivesse "grandote", o Izidoro, mau grado seu, anuiu ao desejo da mulher, que se ralava de ter o filho pagão.

Por causa do batizado, levava a china a renitir uma semana: — Era promessa feita a Nossa Senhora, com o guri doente, replicava obstinada aos remoques do gaúcho; e este (que remédio!) consentira, consolado à idéia de não ter de sair de casa, pois morava à margem da estrada e o "reverendo podia ali mesmo esconjurar a gente"...

— Toma tento! Olha o castigo! — ameaçava a amásia, entre risonha e medrosa, envolvendo no mesmo olhar de amor o caboclo e o filho.

O Izidoro dava de ombros, rindo-se gostosamente para o compadre, o seu "tocayo", um guasca dos bons, chegado, para a cerimônia, do posto que habitava ao outro lado do Estaqueador.

— Que ele também não ia com os padrecos, explicou, uns "retovados"; mas, quanto a batizar o piásito, isso era de "boa lei".

Decidida a solenidade, toca de arrumar o rancho para a festa; varre-se, limpa-se, esfrega-se tudo; matam-se galinhas; pela-se o porco; vem da pulperia do André dois barrachões de vinho; sobre um fogão improvisado ferve no páteo, com a calda a escumar, uma tachada de doce; e, de todas as bandas, rebenta em feliz expectativa, a azáfama das chinas convidadas para o "facho".

O baile em casa da Tereza Madruga, uma inimiga, "lambaceira e intrometida como só ela", estimulava os brios à china, "morta" por exceder a outra; e era incessante o seu esforço para que a mesa e as danças "deixassem longe", no dia seguinte, a lembrança do último fandango.

— Haviam de ver!... Ou bem que se faz ou não se faz; e aquela intrigante e linguaruda ia ficar sabendo como se "perpara" um "festo"...

— Mulheres! que se arranjassem! — dialogava o Izidoro com o "tocayo"; deixá-las na presa, que "se não batessem a tramela podia intê que se apeteassem"... O que devia era dar uma chegada à manguelra, no mais.

Foram. Encerrara-se no curral um lote de potros da fazenda, e "para ginelear um pouca", escolheu o gaúcho a um bagual gateado, que derrubou pelas patas dianteiras, num "pealo de cucharra". Prendeu-lhe depois ao laço uma das pernas trazeiras e passou-lhe nos queixos a redilha.

Quando o "bicho" se reergueu, desfazendo o nó corredio que lhe peava a junta, balançava-se-lhe no dorso o domador, alegre, rindo-se, a pantear bravatas aos corcovos do animal.

O cavalo, sempre a "velhaquear", disparou o galope campo fora; depois, encolhido, empinando-se, acurvilhando-se, "plancheou-se", aos bufidos, espumante, em plena várzea.

"Parador", o Izidoro, "pisou na orelha" com uma exclamação triunfal, e quando o poldro se levantou, estava de novo no lombo, firme nos estribos, tão sereno que acendera o cigarro e tirava uma longa fumaçada, a perder-se alvacentas e trêmula no ar.

Meia hora depois, largava o redomão do dia na manguelra e chegava a vez ao tocalo de comprovar em alguns "repasses" a sua perícia.

Laçou-se um potro baio e a lida, um verdadeiro divertimento, prolongou-se até o entardecer.

À noite, "chimarreavam" de cócoras ante o fogareiro com os carvões estalejando tempos a tempos, o tubo do fole afogado na cinza da boca e o pega-brazas para o cigarro, em descanso no vão, sobre a parede de ferro.

Escapava-se da cosinha o perfume acre e apetitoso de um tatú-mulita, que a china temperava.

Os gaúchos falavam de carreiras: o tocalo atara uma, em seis quadras, com o "paréiro" do Chico Torres, das Três Estradas; ambos discutiam as probabilidades da vitória, projetavam ganhos, narravam as trapaças das derradeiras "pencas".

Estrelas começavam a brilhar, multipontuando o côncavo céu azul; de salto, em vôos curtos, na estrada, dorminhocos, despertos à sombra, vagavam por entre pedras, soltando o *currucur* plangente; sobre o horizonte, alumia um clarão de queimada; e através das campinas, num trêmulo capricho de efêmeros volteios verdes, pirilampos fosforeavam, leves.

— Demorado, um tantito — concedia o tocalo, a defender o seu parreheiro, que Izidoro acusava de "mul flouxo" na saída; — meio tonto na arrancada; mas não é o tordilho que *quebra ele* num tiro bom... Eu, naquele *ca'alo*, só rodando, amigo, e *ansim* mesmo rodo na frente e salvo logo... Veja no mais: inda agora tenho três vacas de "invernã" e quelmo tudo. Mando *botar-se galgos*...

Conhecendo os dois cavalos, o Izidoro dissimulou um sorriso curvando-se para espartar o fogo; o tocalo "pegava" a desembestar; era a sua "condição" quando lhe tocavam em carreiras; e não querendo discutir, indagou, a propósito, da saúde de Chico Torres.

— Que ele andara pelas caronas, o tocalo sabia, naquela volteada feia da Estância Nova. Também que atoladouros e que bibocas sobre as costas do banhado! A gente se perdia nos cerrados de tiritica e sarandí, com o "santa fé" de fio e sumidouros por debaixo. A tourada escolhera "querença" boa p'ra se algar; e, *sinão* galoassem com os olhos bem regalados, adeus, um dia! Chico Torres se atirara como louco através de um barroso fumaça, de aspa franqueira mais torneada que rebofo e mais fina que



uma agulha. Primeiro, lastimado, calu o cavalo, à beira mesmo do *paional*; e, quando *chequemo* foi só o tempo de queimar o boi a tiro de garrucha em meia testa. Nem lugar p'ra o laço havia; que eu, por Deus o juro, só gosto de campear no claro...

— Com efeito! — fôra o comentário do outro; e diante do interesse despertado pela descrição, o Izidoro orgulhoso, prosseguiu.

— Que a garrucha (aprendi com o meu veio), eu nunca largo: ou saia em lide ou a passeio, me acompanha sempre. Ninguém sabe o que pode "assuceder-lhe"... Mire, tocalo, o que um dia, lá nas Canas me resultou de uma tora...

— Nas Canas, com o Ambrósio? — Mas sabia! Caramba! Que puço! — interrompeu, ao seu turno, o compadre, receioso de que o amigo "desembainhasse p'ra ali a chavasca". — Era assim de gênio que, quando se entusiasmava, se desatinava de um todo...

— O Ambrósio ficara marcado por muito tempo, — acrescentou, ladeando o tema; a notícia voara de boca em boca; mas a água do mate "mermava" e era bom encher "novamentes"...

— Que um amargo de missioneira dá boa valia anos de vida, — concluiu risonho. O dono do rancho concordou, encaminhando-se ao páteo a empunhar a chaleira de cobre estanhado.

A pipa defrontava com a cozinha; e a china, que continuava a avitualhar viandas, para o batizado, do passadiço onde estava, caçou com o gaúcho, bisbilhotando sobre a sua indiferença religiosa.

— E! Vocês não acreditam em nada; mas chega uma dôr de dente p'ra botarem a boca no mundo... Eu sei...

(Continúa na pag. 22)

DISTANCIAS A BERLIM, CENTRO DA AREA DA BATALHA DECISIVA

De Haia	375 milhas
" Calais	500 "
" Oslo	500 "
" Roma	730 "
" Smolensko	750 "
" Brest	850 "
" Constanza	950 "
" Sicilia	1000 "
" Atenas	1100 "



CAMINHOS QUE LEVAM A

A história da guerra mostra que o destino da Alemanha decidiu-se sempre em tres pontos — no vale do Reno, — a oeste, — na região do Elba, do Oder, do Vístula, — no nordeste, — e na bacia do Danúbio, — no sudeste. A invasão do continente *deve* porisso levar os exércitos aliados á penetração de uma pelo menos destas áreas. A operação abrangerá tres fases: o estabelecimento de uma cabeça de ponte estratégica; o avanço na área decisiva de batalha; e, finalmente, a própria batalha.

OS CAMINHOS DO MEDITERRANEO

Já se definiu o Norte da A'frica como o trampolim para a invasão da Europa, o que parece justificar-se com o desembarque das forças aliadas na Sicília. Entretanto, mesmo no caso da vitória aliada na Itália, restarão grandes dificuldades a enfrentar até que seja atingido o coração da Europa nazista. Qualquer que seja a solução do problema, a destruição das posições avançadas da linha inimiga é indispensavel a qualquer invasão do continente vinda do sul. Vejamos agora quais serão os possiveis caminhos desta invasão que completará o efeito da derrota italiana, levando até Berlim as armas aliadas. A configuração geográfica do Mediterrâneo determina as possibilidades estratégicas. As tres possiveis cabeças de ponte são os Balkans, a Itália e a Espanha.

Ha quem fale em desembarque num dos países balcânicos, sob a sugestão do que aconteceu na primeira Guerra Mundial, mas a situação era muito diferente. O que os americanos eram capazes de fazer na A'frica do Norte em Novembro de 1942, foi feito no próprio continente durante a ultima guerra com o auxilio de Venizellos; o desembarque das tropas aliadas foi protegido pelas forças gregas e sérvias nos desfiladeiros dos Balkans.

Hoje a ilha de Creta barra a entrada do mar Egeu. Um desembarque na Península Balcânica requer antes de tudo não só a reconquista desta ilha, mas a limpeza de todo o arquipélago egeu. Que seria da invasão mesmo que pudesse atingir Atenas ou Salonica? O interior dos Balkans pode ser atingido apenas através dos tres desfiladeiros montanhosos de Vardar, Maritza e Struma. Alem disso, avançar montanha abaixo do norte para o sul, como fizeram os alemães em 1941, é muito mais facil que uma operação vinda da costa rumo aos vales e ás eminências fortificadas. Ainda mais, os alemães devem ter á sua retaguarda uma rede de estradas de ferro que levam á bacia do Danúbio inferior.

A invasão da península balcânica, vinda do oriente, através da Turquia européia não seria uma tarefa de somenos. A força invasora deveria novamente subir ao assalto das impassiveis montanhas búlgaras, as montanhas balcânicas e a cordilheira do Rhódope. Os desembarques nos portos de Constanza, Varna ou Burgas, no mar Negro, dependem inteiramente da limpeza do Egeu porque só desta maneira seria possivel enviar os navios necessários para o mar Negro — completamente aparte do problema político da Turquia.

Até agora vimos discutindo as dificuldades de construir uma cabeça de ponte nos Balkans. A área decisiva, contudo, é a bacia do Danúbio e a planície hungara. Para alcança-la o exército invasor deve primeiro reconquistar um ponto de apoio nos Balkans, e então superar mais dois obstáculos. Devemos forçar a passagem do Danúbio em seu curso inferior e atravessar os Cárpatos Transilvânicos que formam uma muralha circular em torno da bacia do Danúbio.

A península italiana oferece a segunda possibilidade de se construir uma cabeça de ponte estratégica. Admitida a hipótese de concluir a paz com os aliados, ou de render-se-lhes incondicionalmente, poderiam os anglo-americanos tentar penetrar pelo norte na fortaleza de Hitler. Entretanto não nos custa imaginar a frente que os alemães poderiam estabelecer no vale do Pó, afim de barrar-lhes o caminho através dos desfiladeiros alpinos, com relativamente poucas divisões.

Os desembarques na costa do Adriático se tornariam possiveis sómente depois da ocupação da península. Seria mais facil invadir a costa dalmática. Daqui, também, seria fácil penetrar na bacia do Danúbio, com o apoio dos desembarques em Trieste, Pola, Fiume e Zara. Esta operação, contudo, é apenas praticavel no flanco esquerdo quando assegurada a ocupação dos Alpes Julianos e das Montanhas de Karavankan. Temos as tropas especializadas necessárias a tal manobra? Em resumo, embora uma vitória na Itália nos conceda grandes resultados militares e políticos, os Alpes e o Adriático continuarão a barrar-nos o caminho para a bacia do Danúbio a área decisiva.

A terceira possibilidade de invasão é através da península ibérica. Pondo de parte problemas políticos complicados e considerando a questão de um ângulo puramente teórico, devemos reconhecer o problema posto pela Espanha como país montanhoso. As melhores perspectivas de penetração — á parte de Gibraltar — pareceriam repousar na costa ocidental, ao longo dos largos vales do Douro, Tejo, Guadiana e Guadalquivir — as estradas que Wellington escolheu outrora. Para desembarques, a costa ocidental possui alguns bons portos, tais como o Porto, Lisboa, Huelva e Cádiz. A costa oriental também possui inúmeros portos, Malaga, Cartagena, Alicante, Valencia, Tarragona e Barcelona.

Mesmo entre estas considerações teóricas um fato não deve ser esquecido. Da Espanha podemos no máximo combater a batalha da França, mas não a batalha da Alemanha. A planície catalânica proporcionaria uma base relativamente boa para contornar o massivo montanhoso da França Central, por um avanço através dos Piri-



Só pode ser, de fato, bonita a mulher dotada de uma pele boa.

Assim, quando dizemos «FULANA É BELA», estamos, implicitamente afirmando as boas condições de sua pele!...

LEITE DE AMENDOAS MENDEL

Tem a propriedade de restaurar a vitalidade da pele, corrigir as suas imperfeições, tornando-a aveludada, clara e com a cor saudavel da juventude.

Distribuidor geral LEONCITO AMBRAN

Av. Rio Branco, 109 — 4.º and. — Tel. 23-3947 — RIO
São Paulo — SANTOS NEVES & Cia.

Libero Badaró 443-5.º — Tel. 2-1046

Belo Horizonte — GERALDO M. GOMES & C. LTDA.

Rua Caetés, 524

HAQUE

OSLO

SMOLENSK

RUSSIA

EDGAR AINSWORTH

A B E R L I M

do capitão F. O. Miksche

neus e simultâneos desembarques em Certe, Marselha, Toulon e outros portos do sul da França. A linha natural para o principal avanço seria o vale do Ródano, mas este é estreito, flanqueado de um lado pelos Alpes e por outro pelo massivo montanhoso central. Seria, pois, necessário como preliminar a captura do massivo, por um duplo movimento de flanco. Tal manobra seria mais utilmente combinada com uma invasão da costa noroeste da França, partida das ilhas britânicas.

O mesmo quanto às dificuldades puramente geográficas da invasão através uma das três penínsulas mediterrâneas. Estas dificuldades se complicariam mais tarde com o problema, para o qual não haveria fácil solução, da defesa dos transportes contra os ataques marítimos e aéreos. Quanto maior a viagem para os transportes e maior a tonelagem requerida para a condução de tropas e equipamentos, por um lado, e o número de navios de guerra e aviões protetores, por outro.

Alem disso, o problema do transporte depende das facilidades para carregamento e descarregamento nos portos de embarque e desembarque respectivamente. O número de portos do Norte da África, utilizáveis para os embarques, com instalações grandes são Oran, Alger, Bizerta, Trípoli, Benghazi, Alexandria e Porto Said. Espelham-se sobre uma linha costeira de cerca de 3000 milhas e só podem ser atingidos indiretamente ou com dificuldade. Novamente, a coordenação das embarcações através dessa grande distância não será uma coisa simples. O mesmo se aplica aos portos de desembarque, que não correspondem em número ou capacidade ao gigantesco volume de equipamento numa escala bastante larga e numa velocidade suficiente.

UMA INVASÃO DA FRANÇA:—SUAS VANTAGENS

Quanto mais pesamos estes problemas e dificuldades, mais cresce em nós a convicção de que, dentre todas as possíveis linhas de invasão, a do ocidente oferece a maior oportunidade de sucesso.

Suas principais vantagens podem ser assim resumidas:

- 1 — Uma cabeça de ponte sobre a costa francesa ficaria próxima ao objetivo, o campo de batalha decisivo na bacia do Ródano.
 - 2 — A Grã-Bretanha possui portos muito largos e bem equipados que destruirão as dificuldades de transporte, tornando-as mais facilmente superáveis que na África.
 - 3 — A costa francesa tem inúmeros portos de desembarque tais como Dunquerque, Calais, Boulogne, Dieppe, Le Havre, Cherbourg, St. Malo e Brest.
 - 4 — As viagens para os transportes são as mais curtas possíveis, e ambos os lados do canal podem ser protegidos por navios de guerra contra submarinos.
 - 5 — A Inglaterra é hoje uma grande potência aérea, possuindo grandes esquadilhas de aviões que cobrirão as operações com uma contínua proteção aérea.
- A questão de um desembarque na Noruega por certo não deve ser considerada aqui. Aparte das grandes distâncias e da grande vulnerabilidade dos comboios tanto a ataques aéreos como submarinos, desembarque em fjordes bem protegidos apresenta dificuldades e, acima de tudo, tal invasão não atingiria o cerne da Alemanha. A cooperação aérea, especialmente contra a *Luftwaffe* operando de aeródromos bem equipados, seria muito mais difícil de manter. As forças quando desembarcarem terão de lutar com complexas dificuldades de terreno e, tal como nos Balcãs, tropas especializadas em montanhas serão necessárias.

DE QUE FORÇAS PRECISAREMOS?

O segundo grande problema da invasão — que forças serão necessárias para garantir o sucesso — está estreitamente relacionado com os acontecimentos da Rússia. Em 1942, antes de Hitler desencadear sua ofensiva contra o Cáucaso, o exército alemão consistia em 325 divisões. Destas, 194 estacionavam na Frente Oriental, apoiadas por outras 38 dos estados vassallos. As restantes divisões alemãs, 131 ao todo, estavam distribuídas sobre os países ocupados. As forças, inclusive italianas e de outras divisões apreciáveis nos territórios de importância para a invasão podem ser calculadas da seguinte maneira:

- 1 — *Balcãs*: 6 alemãs, 34 italianas, 6 croatas, 3 húngaras, 20 búlgaras. Total: 69 divisões.
- 2 — *Itália*: — 40 italianas, mais a aviação alemã.
- 3 — *França*: 31 alemãs, 6 italianas. Total: 37 divisões.
- 4 — *Noruega*: — 10 divisões alemãs.

O exército alemão sofreu uma séria derrota na Rússia, que acarretou sérias perdas em homens e material. Não é fácil contudo, dar números precisos de sua grandeza. Penso, por isso, que seria mais sábio buscar uma base inteiramente nova para uma estimativa do potencial bélico alemão. É sabido que a frente de combate de Leningrado, através de Stalingrado, até o Cáucaso, era de 2.300 milhas de extensão. Sobre esta linha Hitler desenvolveu 232 divisões em média 10 milhas de frente para cada divisão. Esta distribuição de forças deu ao exército alemão notável poder ofensivo.

A retirada de Stalingrado, no entanto, é devida a várias causas. A derrota de Hitler pode ser atribuída, acima de tudo, ao fato que, desde Setembro de 1942, sua ofensiva fôra desencadeada sem reservas estratégicas. A ofensiva alemã de Julho partiu no sul, da linha Kharkov—Taganrog. Esta linha era 100 milhas mais curta de que aquela criada após a formação do bolsão do Cáucaso. Quando começou a campanha russa de 1942, Hitler possuía uma reserva estratégica de 30 a 40 divisões estacionadas nas vizinhanças de Kiev e Varsóvia. Quanto mais longa se tornava a frente, mais extensivo tornou-se o campo de operações, e Hitler, fracassando em destruir os exércitos russos, foi gradualmente compelido a usar todas as suas reservas. Quando os russos desencadearam sua contra-ofensiva em Stalingrado, o Quartel General alemão não tinha reservas dignas de menção.

A principal causa da derrota alemã foi assim falta de reservas. Uma defesa baseada em núcleos como Stalingrado, Rostov, Kursk ou Karkov só resiste quando o elemento passivo, pode ser combinado com o ativo, uma contra-ofensiva. Sem reservas Hitler não pode libertar seu 6.º exército cercado em Stalingrado. Tudo que se seguiu foi a consequência lógica desta derrota. É óbvio que dizendo isto não tentamos deturpar de modo nenhum a alta qualidade das forças russas e sua liderança, nem sua habilidade na guerra de inverno.

O PROBLEMA ALEMÃO:—A NECESSIDADE DE RESERVAS

Dos fatos aqui esboçados segue-se que o Estado Maior Alemão só conseguirá retomar a iniciativa se conseguir constituir uma nova reserva estratégica. Isto será obtido de duas maneiras ou antes graças à combinação de dois métodos.

- 1 — Acima de tudo, a longa frente russa deve ser reduzida. Uma linha correndo ao longo dos rios Dnieper e Beresina e passando no lago Peipus até o Báltico teria 1200 milhas de extensão. Se tomarmos o cálculo de uma divisão para dez milhas, a defesa desta nova frente há de requerer uma força de 120 divisões. Acrescente-se uma reserva de 30 divisões e a estabilização da Frente Oriental poderia ser efetuada com 150 divisões.
- 2 — Esta estimativa da força alemã seria correta apenas se Hitler conseguisse suprir suas perdas de 1942 por uma mobilização total, isto é, restaurar suas 325 divisões em plena força. Podemos supor que, num esforço máximo, o Terceiro Reich consiga isto. Note-se de passagem que o potencial bélico alemão já passou seu ponto culminante, e que as divisões reforçadas não possuirão certamente seu primitivo poder combativo.

Concluindo, diremos que se o Estado Maior alemão conseguir estabilizar a frente russa com 150 divisões, haverá ainda 82 deixadas para reserva central estratégica, o que permitirá a Hitler levar a cabo operações tanto ofensivas como defensivas.

O RESTANTE PODER OFENSIVO DA ALEMANHA

Podemos apenas supor que os alemães, que construíram sua teoria da guerra sobre o princípio de que o ataque é a principal defesa, não de restringir-se a uma defesa inteiramente tática na fortaleza européia. Operações ofensivas terão o objetivo de retomar a iniciativa estratégica perdida em todos os teatros da guerra em 1942. Com as reservas ainda em mão, contudo, Hitler talvez não pudesse conduzir operações de maior envergadura. Dificilmente forçaria uma decisão no oriente pois, como seria capás de concluir em 1943, com forças reduzidas, o que não conseguiu em 1942 com exércitos maiores e repousados? A total destruição do exército russo parece impraticável nos vastos espaços que o território russo oferece para manobras, pois os hábeis generais russos evitaram sempre o aniquilamento pelo cerco do adversário. Além disso, na Rússia não há objetivos estratégicos cuja conquista fosse decisiva. A guerra não estaria próxima de seu fim se os exércitos de Hitler alcançassem os Urais.

Em qualquer caso há poucas razões para supor que o exército alemão pudesse empreender uma maior ofensiva em 1943. O Estado-Maior provavelmente não seria capás de encarar tal operação antes de 1943.

ONDE UMA OFENSIVA ALEMÃ PODERIA SER DESENCADEADA

A invasão da Inglaterra seria outro grande objetivo estratégico. A vitória levaria a frente ocidental até as praias do Atlântico. Contudo esta solução parece contida no plano de Hitler. Ao mesmo tempo que a força terrestre e aérea de Hitler declinaram, cresce o armamento defensivo da Inglaterra.

A fortaleza européia ainda tem duas portas abertas: a Espanha e a Turquia. Por maiores que apareçam as dificuldades de uma ofensiva alemã, esta de modo nenhum pode ser considerada impossível. A invasão da Espanha pelo exército alemão poderia particularmente acarretar sérios aborrecimentos para nós, pois poderia facilmente ligar-se à cabeça de ponte tunisiana. Tal empreendimento poderia ser inspirado num importante motivo político. O descontentamento crescente na Itália pode levar Hitler a prevenir uma cisão no Eixo. Este objetivo só será obtido se conseguir sucessos tangíveis no Mediterrâneo, a esfera italiana de interesse.

Finalmente há outras considerações que levam Hitler a tomar a ofensiva. Já nos referimos aos teatros estratégicos onde poderemos destruir Hitler decisivamente. Onde estão os teatros estratégicos nos quais o inimigo nos pode derrotar? Já mencionamos a Rússia e a invasão da Grã-Bretanha.

Até vitórias alemãs na África do Norte ou no Oriente Médio, que poderiam ter sérias consequências para nós, não teriam consequências decisivas. Porisso, talvez se possa afirmar que o Estado Maior alemão não conta mais com uma absoluta vitória, mas visa uma paz honrosa, para a qual espera preparar o caminho com os sucessos que puder conseguir com forças pequenas. Em outras palavras, conta com uma situação na qual nenhum dos contendores pode obter uma decisão clássica militar.

A segunda maneira, na qual as reservas estratégicas da Alemanha podem ser provavelmente empregadas, é a puramente defensiva. Concluamos que os exércitos possam ser reagrupados a 1.º de Maio de 1943. O Estado Maior teria então sob o seu comando cerca de 80 divisões estacionadas perto da Boemia, da Austria e da Bavária onde a vantagem de uma posição central numa rede de ferrovias pode ser completamente utilizada. O Estado Maior operaria em linhas interiores, enquanto todos os movimentos dos aliados deveriam ser efetuados em linhas exteriores. Reservas assim dispostas capacitariam a força utilizável para a defesa do território francês ocupado e ser aumentada no momento crítico de 37 a 100 divisões. Ou, em caso de necessidade o exército que defende a Itália poderia ser acrescido de 40 para 100 divisões, ou o exército balcânico reforçado de igual numero.

A FORÇA NECESSITADA PARA A INVASÃO

Encarando estas possibilidades — e imaginando que a Frente Oriental é estabilizada — só pode haver uma conclusão uma invasão do continente pediria 120 divisões. Isto não quer dizer que seriam todas utilizadas num só lugar como força compacta. Mas, se a principal linha de ataque for constituída através da França, a invasão deve ser empreendida com 75 divisões pelo menos e outras 25 como reserva estratégica. As restantes 20 divisões proverão uma diversão atacando um dos outros lados, os Balcãs, a Itália, ou a França meridional. Desta maneira Hitler seria compelido a dispersar suas reservas sem saber onde esperar o verdadeiro golpe.

Disto fica patente quão estreitamente se relacionam os acontecimentos da frente oriental com os da frente ocidental e quão unidas se acham as operações. A invasão não será uma tarefa fácil, mas deve processar-se, pois a dura nós nazista, só póde ser partida por dois lados.

SIBILA

(Continuação da pag. 19)

— Isso **inté aminhã**, retorquiu o Izidoro; mal o "reverendo" venha e engrole p'ra aí umas rezas fica tudo bento, ninguém mais se "aplasta"...

— Olha o castigo! repetiu a mulher. Neste mundo quem peca...

Interrompeu a frase: uma bruxa, vinda ao acaso da treva, batera inópino as asas de encontro à taipa, resvalando trépida pelos torrões, fixando-se num caibro, esvoaçando depois às tontas por entre a fumarada.

Foram-se-lhe à china os olhos-pós o inseto, uma linda sibila, de um preto levemente azulado e com uma charpa diáfana ao través das alas tênues.

— Agouro! — pensou e repetiu em voz alta, crédula, com um princípio inconciente de esconjuro no gesto vago, abortado.

Era supersticiosa: guardava intacta a herança de terror da gente velha, mixto de africano fetichismo e da cabala dos pagés; cria em preságios; e hoje um indício, amanhã outro, cativa e atenta, vivera sempre a augurar desgraças.

Abalou-a profundamente aquela bruxa sobre a parede, agora em pouso lá no alto, a mover espaçadamente as asas, a agitar as antenas.

— Vai-te, — exorcismou, procurando, para espantá-la, um pano.

Mas a borboleta esvoaçava de novo, debatia-se girando, entre volutas de fumo, escapava-se de ímpeto para a treva, de onde, aventureira, chegara.

— Ah! — fôra a exclamação de alívio da mulher. — Maldita!

O Izidoro dava de ombros, rindo-se àquele medo. — Coitada! Si o sereno aperta, pára morta... Também quem **le** manda andar vagabundeando a estas horas...

Disse e foi-se, a chaleira repleta de água a pingar pelo páteo.

— Mulheres! gente fraca! resmoneava. — **Inté** dessas "imundícies" ganham susio...

No dia seguinte, de madrugada, após um churrasco feito ao borralho, cobinaram os guascas dar uma volta pelo campo.

O Izidoro queria aproveitar o tempo, antes do batisado; e na sua irreligião, exagerava os deveres de campeiro, dizendo-se obrigado a mil ocupações e lamentando o dia que se iria perder...

Bom de índole e hóspede, por prazentear, — concordava o compadre; mas a verdade é que, solteiro e jovial, fundava grandes esparanças de prazer na festa.

— Bueno, toquemos! — proferiu, sorvendo o último gole do amargo: si **vancê** tem de ver esse touro, é "muntarmos" que hoje é p'ra se folgar... Eu **le** dou ajutório: um galope e temos o "bicho" no chão...

Quando voltaram, vinha no laço um touro colorado, que o Izidoro recebera de presente e decidira "beneficiar" para a invernoada.

Num momento, auxiliados pelo amigo Silvério, que, de caminho, se lhes reunira, derrubaram o animal, "sujeito" pelas aspas e pelas patas trazelras.

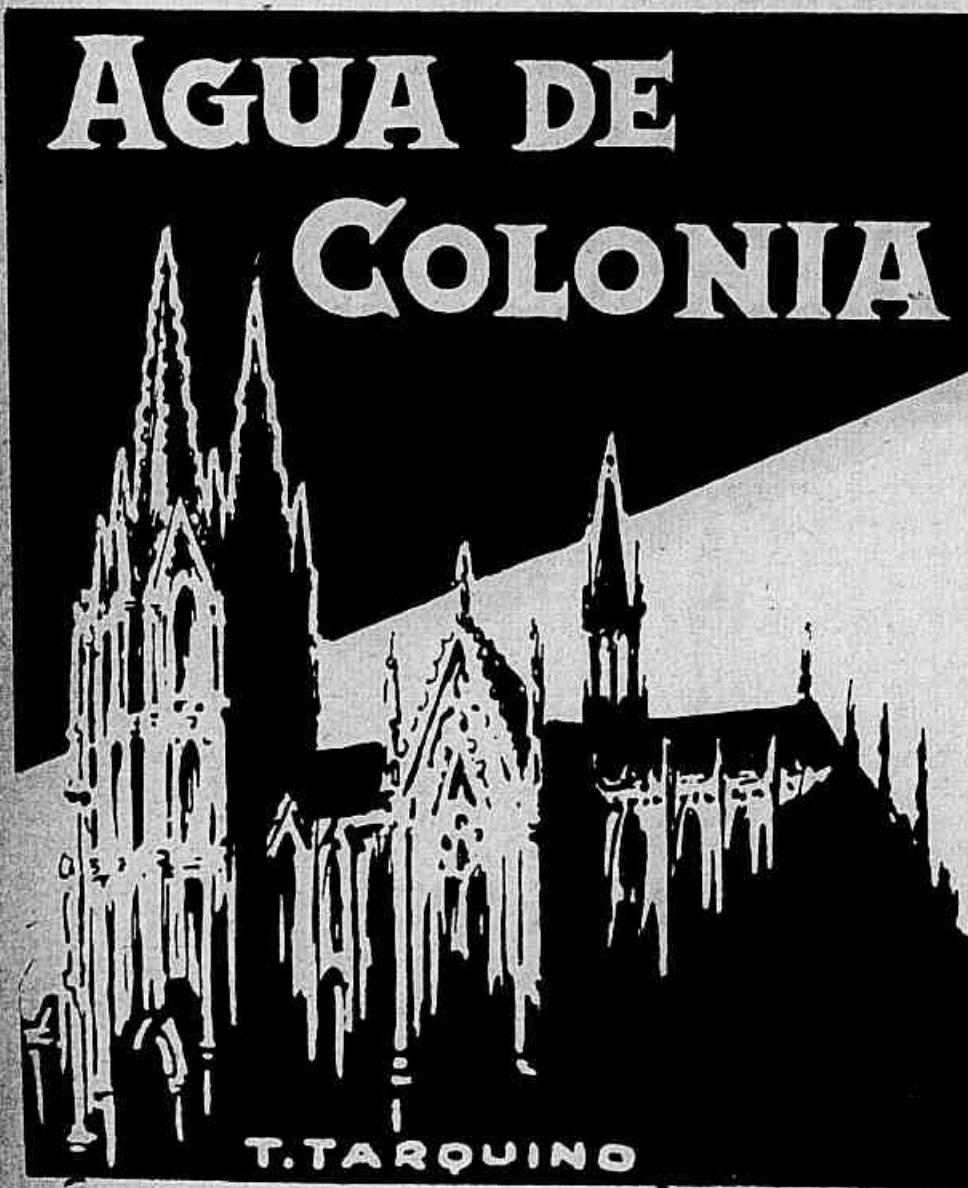
Então o Izidoro, que nada obstante zombar das credices da mulher, acreditava possuir "boa mão", desembainhou a faca e, curvando-se sobre a rez deu-lhe o primeiro corte.

Flo rápido o desenlace: a escabujar, de arranque, aos bufos, o touro, que se aproveitara de um movimento falso do cavalo do tocaio "bambeando" um dos laços, levantou-se e encravou a guampa retorta e lisa no corpo do homem, entre a virilha e o ventre.

Quando os outros, surpresos, "tironearam", sobre o peito do gaúcho, jogado ao solo, já assentara o touro com desprezo a pata vencedora.

Dois gritos ecoaram na canhada; do rancho, a correr, acudia a gente; e, vidrando os olhos, inteiçando-se aos poucos, o Izidoro "abria a boca", de tripalhada à mostra...

No páteo, com a charpa diáfana das alas tênues apagadas na poeira, lá estava, morta, junto à taipa escura da parede, a formosa sibila azul-negra da véspera...



AGUA DE COLONIA Regina

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a agua de colonia tipica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.

T. TARQUINO

A' VENDA EM TODO O BRASIL

"Nação Armada"

Temos em mãos o numero 45. do 4.º ano. referente a Agosto de 1943 de "Nação Armada". revista civil e militar dedicada á segurança nacional. Artigos diversos subscritos por nomes de projeção nos circulos militares e nos meios civis. dão ao volume o interesse que tem caracterizado as edições anteriores.

Redação de "Nação Armada". Alvaro Alvim, n.º 33, 9.º andar. Rio.



Parada dos cegos

Os cegos do Brasil prestaram comovida homenagem ao Presidente Vargas, aos Ministros da Marinha e do Trabalho e ao presidente do D. A. S. P., tornando publico o seu reconhecimento por ter o governo deliberado aceitar o seu, sem duvida nenhuma, valioso concurso, nas repartições publicas.

O snr. Getulio Vargas, com o descortinio que lhe é peculiar, foi o primeiro chefe de governo a se preocupar com a situação dos cegos, visando garantir-lhes a oportunidade de proverem o próprio sustento, ao envez de deixá-los a mercê de asilos e na dependencia da caridade publica.

O snr. Jorge de Lacerda, presidente da Aliança dos Cegos, associação que

ideou e centralizou o movimento, falando sobre os objetivos da homenagem, disse ser uma afirmação sincera de reconhecimento ao Chefe do Governo, patrono de suas reivindicações e se endereçar ainda ao ministro da Marinha pelo trabalho que vem proporcionando aos cegos em setores varios de seu ministerio, ao ministro do Trabalho pela possibilidade oferecida aos cegos de inscreverem-se no Instituto dos Comerciarios e ao presidente do D. A. S. P. pelo encaminhamento ao serviço publico.

Os flagrantes tomados mostram o desfile dos cegos pelo braço de legionarios, acompanhados pela emoção popular e quando eram recebidos pelo Presidente Vargas.



O mundo em Guerra



O "R" da Rhodia é a MARCA-SÍMBOLO dos PRODUTOS de VALOR



RHODINE

CAFEINADA

PANAM

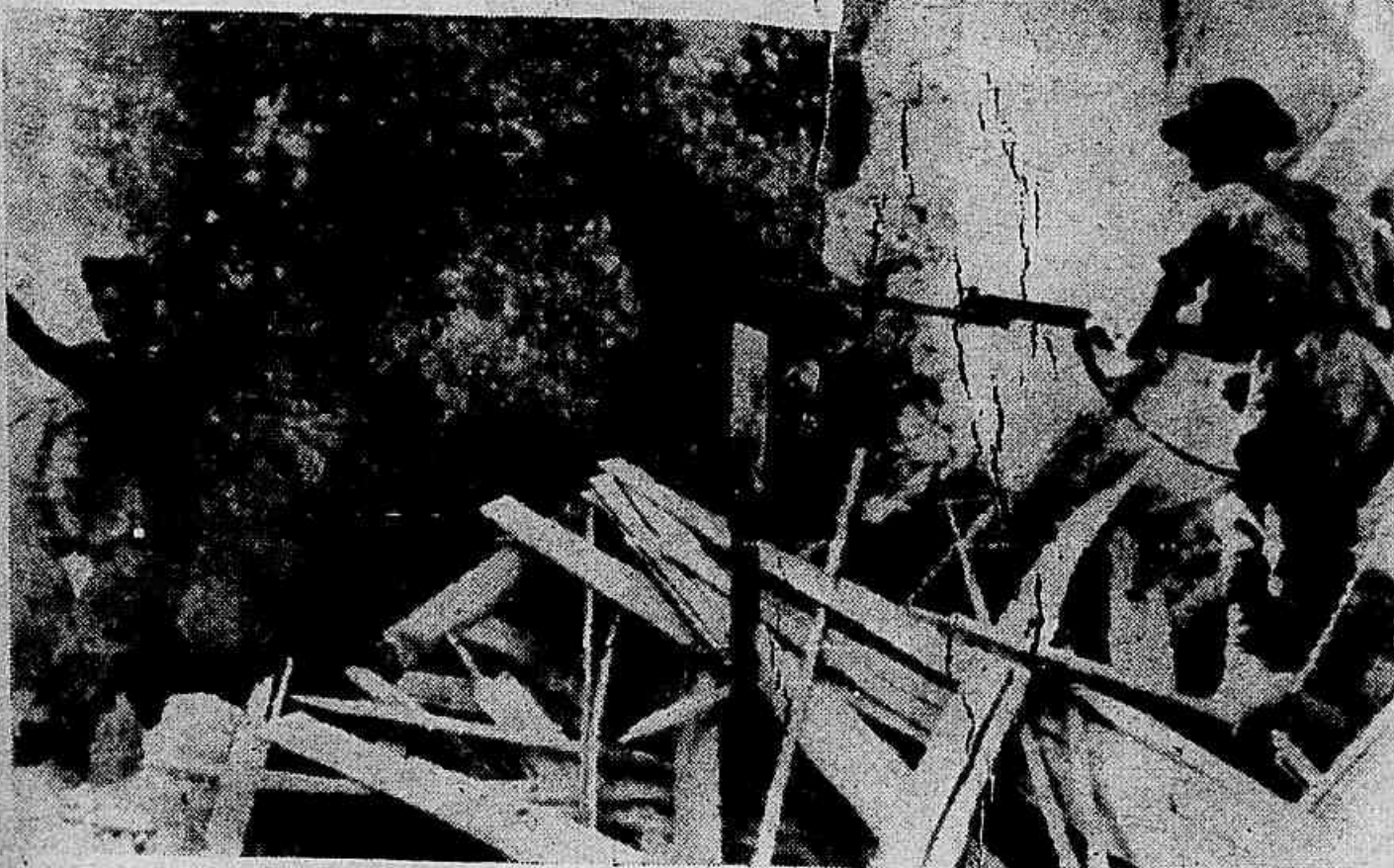
O resfriado comum, que nada mais é do que o primeiro sintoma da gripe, pode ser facilmente combatido com um ou dois comprimidos de RHODINE, tomados a qualquer hora do dia. Se, porém, a gripe já se manifestou, o meio mais simples e eficaz de combater radicalmente o mal é tomar, ao deitar-se, um ou dois comprimidos de RHODINE com um chá-de-canela bem quente. Transpirando, a gripe desaparece. RHODINE é a boa enfermeira que não deixa o resfriado progredir, nem a gripe veneer!



AVIÕES AMERICANOS PÔEM A PIQUE UM NAVIO JAPONÊS, ao largo da costa da Nova Guiné.



UM DOS BARCOS UTILIZADOS NA INVASÃO aproxima-se de uma praia siciliana, prestes a desembarcar seus homens e o armamento que transporta.



OS EIXISTAS RENDEM-SE... Esta fotografia da linha de frente radiografada para os Estados Unidos, mostra tropas eixistas, mãos para o ar e bandeira branca á frente, emergindo de sua fortificação afim de se renderem aos aliados perto de Enna, na Sicília



IUGOSLAVOS, LIBERTOS DO JUGO NAZISTA ajudam os aliados na Sicília a remover os destroços de Caltagirone, na Sicília. Capturados nos Balkans e enviados á Sicília como trabalhadores recusaram-se a trabalhar. As tropas canadenses libertaram-nos do campo de concentração onde tinham estado prisioneiros.

CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO



Desenvolvendo, incansavelmente, a sua atividade humanitária e patriótica, o Dr. Gustavo Armsbrust, depois de lançar a "Campanha do Tostão" no Instituto dos Industriários, instalou, dia 6 do corrente, uma diretoria para a "Campanha do Cigarro", entre os funcionários daquele Instituto com o fim de adquirir bonus de guerra para o Fundo Nacional de Educação. No "clichê" aparece o Dr. Gustavo Armsbrust ladeado por funcionários do I. A. P. I., membros da Diretoria da "Campanha do Cigarro".

CORONEL MAGALHÃES BARATA



Pelo Clipper da Pan American Airways Sistem, procedente de Belém, chegou ao Rio no dia 6 do corrente o Coronel Magalhães Barata.

A recepção festiva que ao ilustre paraense foi feita pelos seus conterrâneos radicados no Rio, foi bem uma evidente prova do prestígio e da popularidade de que goza o valoroso militar em seu estado natal, bem como uma demonstração insusceptível do regosio que causou a sua volta ao Governo do Pará.

Além de grande numero de amigos pessoais e admiradores de S. Excia., compareceram ao desembarque representantes do Sr. Presidente da Republica, do General Firmo Freire, de Ministros de Estado e do Chefe de Polícia.

O coronel Magalhães Barata fez-se acompanhar pelo Sr. Alvaro Adolpho, consullor geral do Estado, nessa viagem em que tem por fim tratar de negócios relacionados com o seu governo. Sua permanencia nesta capital será de cerca de vinte dias.

Nas fotos que aqui estampamos vêem-se dois aspectos do desembarque, aparecendo num deles o ilustre viajante ao descer do avião.



APO'S A' CHEGADA. Eles flutuam no ar como plumas, mas a coisa esquentava quando chegam á terra. Eis paraquedistas norte-americanos acabando seu treinamento antes de partirem para a África do Norte como vanguardeiros da histórica invasão.



SEN MACIO... Os instrutores procuram um campo favorável á aterrissagem dos paraquedistas para em seguida ordenar-lhes que se lancem no vácuo. Por mais que o paraquedista tenha realizado este salto, ele nunca deixa de sentir um puxão nas costelas ao arremessar-se.



O SALTO NO NADA. Estes paraquedistas estão escolhendo seus objetivos. Sua tarefa é, na frente das linhas de batalha, tomar de assalto pontos estratégicos. Terá de resistir até que chegue o grosso da tropa e ocupe definitivamente o lugar.



O ÚLTIMO TAPINHA... Um tapinha no ombro dado pelo instrutor, atira o paraquedista de lado no seu exame definitivo. Depois de saltar livremente com o paraquedas arremado e inspecionado por ele próprio, o estudante tem o direito de usar a insígnia de paraquedista no seu braço.

Si ha um grupo nas forças armadas que seja mais sacrificado do que os outros, é o dos paraquedistas. Si os soldados do céu alcançam a terra, têm garantida uma aterrissagem feliz mas a recepção será tão calorosa que porá à prova sua resistencia e ingenuidade. Na realidade, o salto de paraquedas em si mesmo já é uma prova para loucos. Em cerca de 100000 saltos num dos campos de treinamento do exército, houve apenas duas mortes e nenhuma devida a defeito do equipamento.

O papel do paraquedista, contudo, é desempenhar sua missão sobreviva ou não. Sua segurança pessoal não serve de base para o triunfo. Muitas milhas á frente das unidades blindadas da vanguarda ele é arremessado ao centro de um ponto estratégico inimigo — aeródromo, fábrica, ou centro de comunicações. Nove possibilidades contra dez, o inimigo tem guardas postados afim de proteger o local. Contudo, o soldado do céu deve conquistar o sitio.

AQUI VAMOS... O paraquedista ao atirar-se na direção da cauda do avião, procura virar o corpo para o aparelho. Leva cinco semanas treinando isto. Quanto ás outras qualidades terá de desenvolvê-las por si mesmo.



OS SOLDADOS DO CÉU



CONTE ATE' QUATRO... Nesse momento, ele abre seu paraquedas. Si este não se abrir, ele puxará calmamente a corda do seu paraquedas de emergencia. Então poderá observar a região á qual vai chegar. Nesse transito, no entanto, ele é um pombo sobre uma área semeada de canhões inimigos. Em breve — não agora — ele poderá responder-lhes com suas próprias armas.

FELIZ ATERRISSAGEM!... Lá vai ele de face voltada para a cauda do avião, meio virado para a esquerda. E' a primeira fase. Ao contar até quatro ele puxa a alça do paraquedas. Isso lhe dá tempo de abandonar o avião.

ou pelo menos causar uma brecha em suas defesas. afim de que as forças que se destinam a apoiar o ataque já encontrem o caminho preparado.

Todos os paraquedistas são voluntarios de 5 a 6 pés de altura, têm de ser celibatários, entre 18 a 30 anos de idade. Seu peso não deve exceder 185 libras, pois são carregados com tanto equipamento quando aterrissem que representam verdadeiros arsenais ambulantes. Punhais, pistolas, metralhadoras, granadas e outras armas são atiradas após eles em paraquedas coloridos.

Esta série de fotografias mostra as intrépidas tropas de paraquedistas praticando uma invasão na qual têm de manter o terreno até que cheguem os seus reforços.

PRA' LA'E PRA' CA'... —

Agarrado á corda do paraquedas, o homem pode dirigir-se para o rumo determinado. Ele transporta o peso máximo de armamento que faz dele um arsenal ambulante. O resto do equipamento é arremessado depois preso a paraquedas coloridos.

FLORES DO FIRMAMENTO...

Os paraquedistas deixam os aeroplanos numa massa, dezesseis em cada doze segundos. Parecem bolhas de sabão arrastadas para a terra por pequenos pesos escuros presos a elas. Aprendem a aterrisar de modo a diminuir o choque, a deitar de bruços até que o paraquedas caia sobre o solo. Depois atiram-se sem tardar uma ação intensissima.



De São Paulo



Regressou a São Paulo, procedente dos Estados Unidos, onde esteve a convite do governo estadunidense, o dr. Casper Libero, diretor da "Gazeta". Entre os presentes notamos o sr. Cecil Coss, consul dos Estados Unidos, em São Paulo.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e esperezas e a tendência para a pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o.

INSTITUTO ROENTGEN

Radoterapia superficial e profunda

DRS. ALVARO FORTES-FERNANDO AZZI.

Rua Barão de Itapetininga, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 -- Tel. 4-0394

— SÃO PAULO —

Os ex-presidentes do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" e da Faculdade de Medicina durante a posse do Conselho Consultivo.

A sessão foi presidida pelo Prof. Benedito Montenegro, diretor da escola.

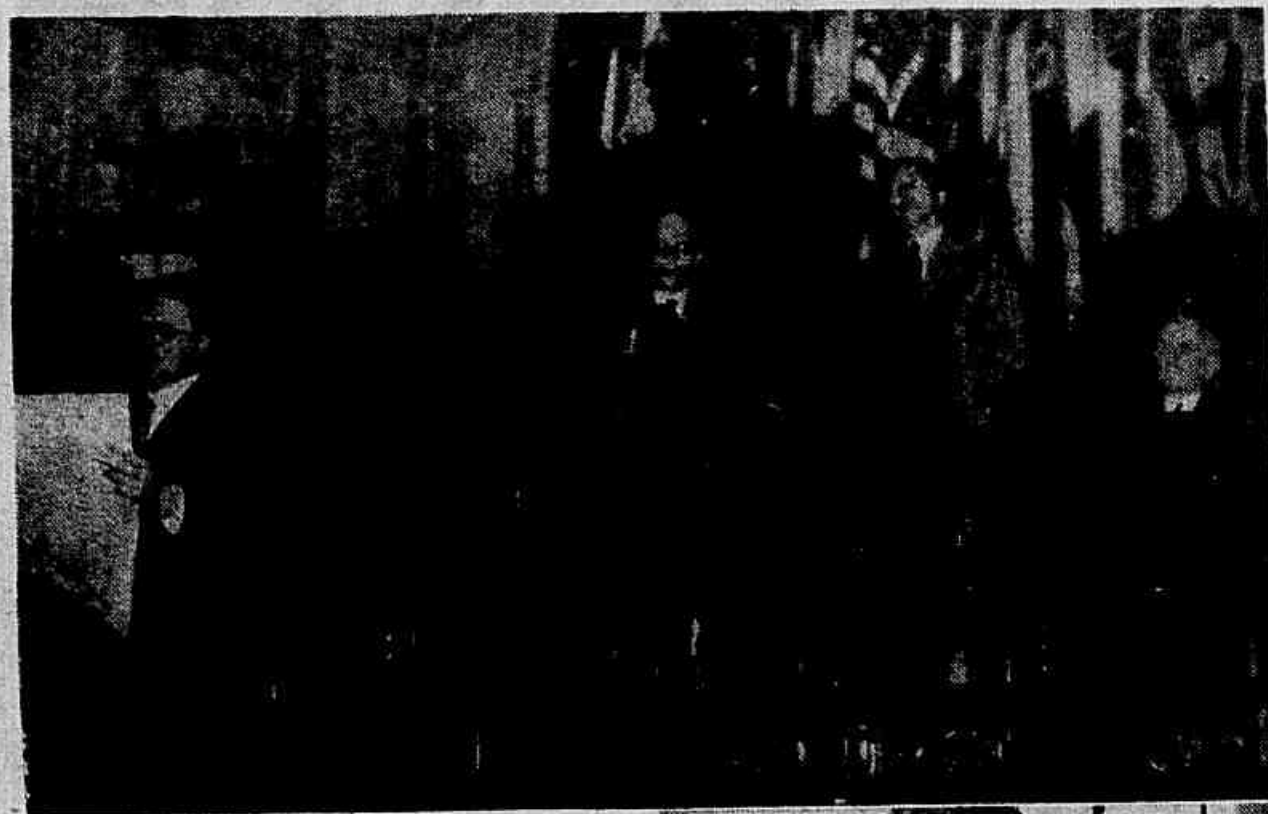


Alguns dos volumes que serão embarcados para a Cruz Vermelha Britânica fundos do trabalho de senhoras da comunidade francesa sob a orientação da senhora Belfrage, esposa do Consul britânico em nossa Capital.



Repercutiu dolorosamente na sociedade paulistana e particularmente entre os jornalistas, a notícia do falecimento de José Maria Lisboa Junior, diretor da "Diário Popular" e figura tradicional e querida do jornalismo brasileiro.

Primeiro Congresso Panamericano de Educação Física



Promovido pela Divisão de Educação Física do Ministério da Educação e Saúde, contou com a presença de representantes de vários países das Américas, tendo despertado singular interesse no transcorrer das suas diferentes fases. Pessoas autorizadas entregaram-se com especial atenção ao estudo pormenorizado dos problemas que tanto interessam à juventude das Américas, visando o contínuo melhoramento das suas condições físicas. Como muito bem acentuou o sr. Gustavo Capanema a educação física deve ser considerada como parcela integrante do processo educativo, pois que é fundamental na formação do ser humano.

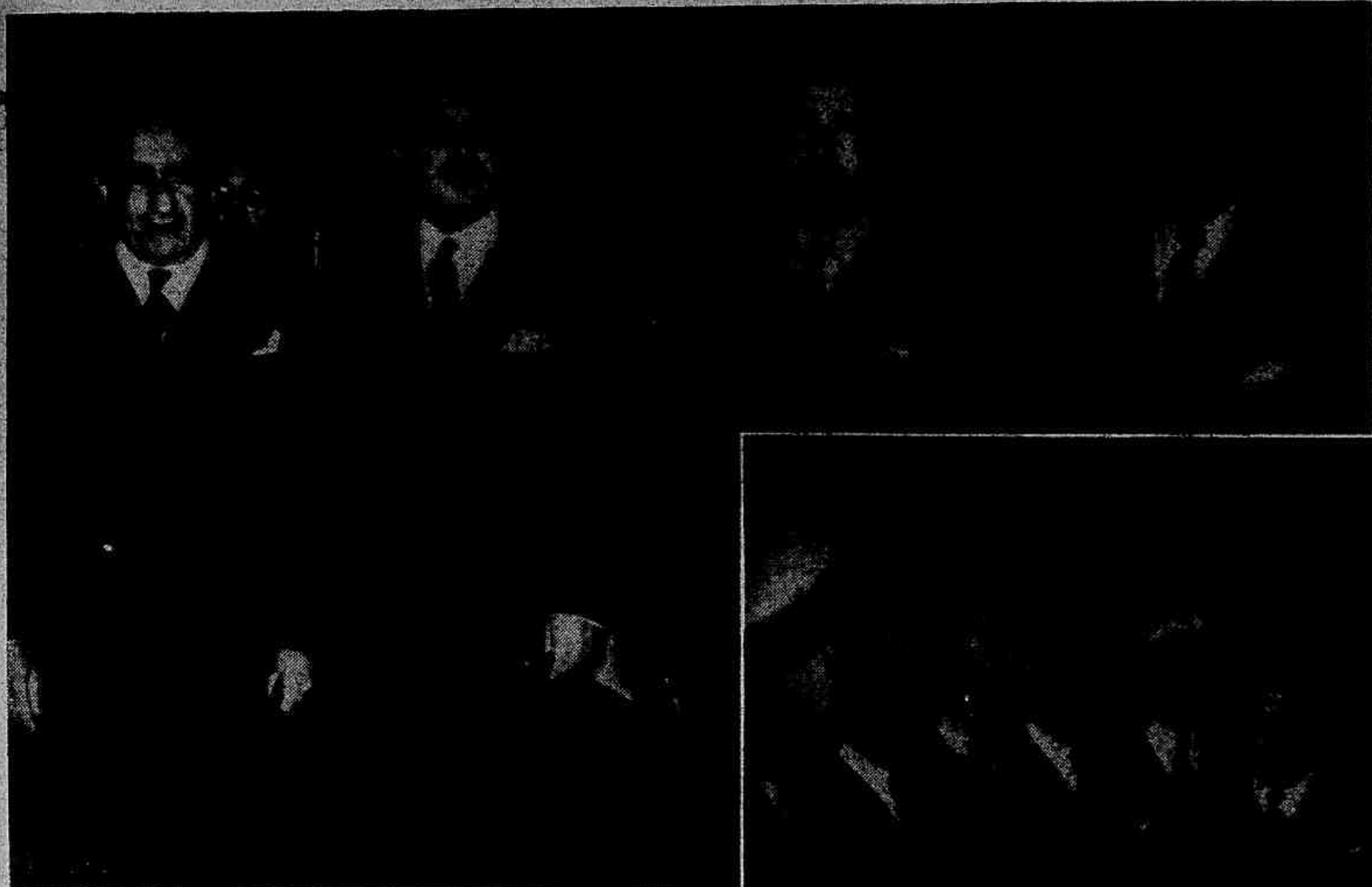


Exposição Filatélica Nacional

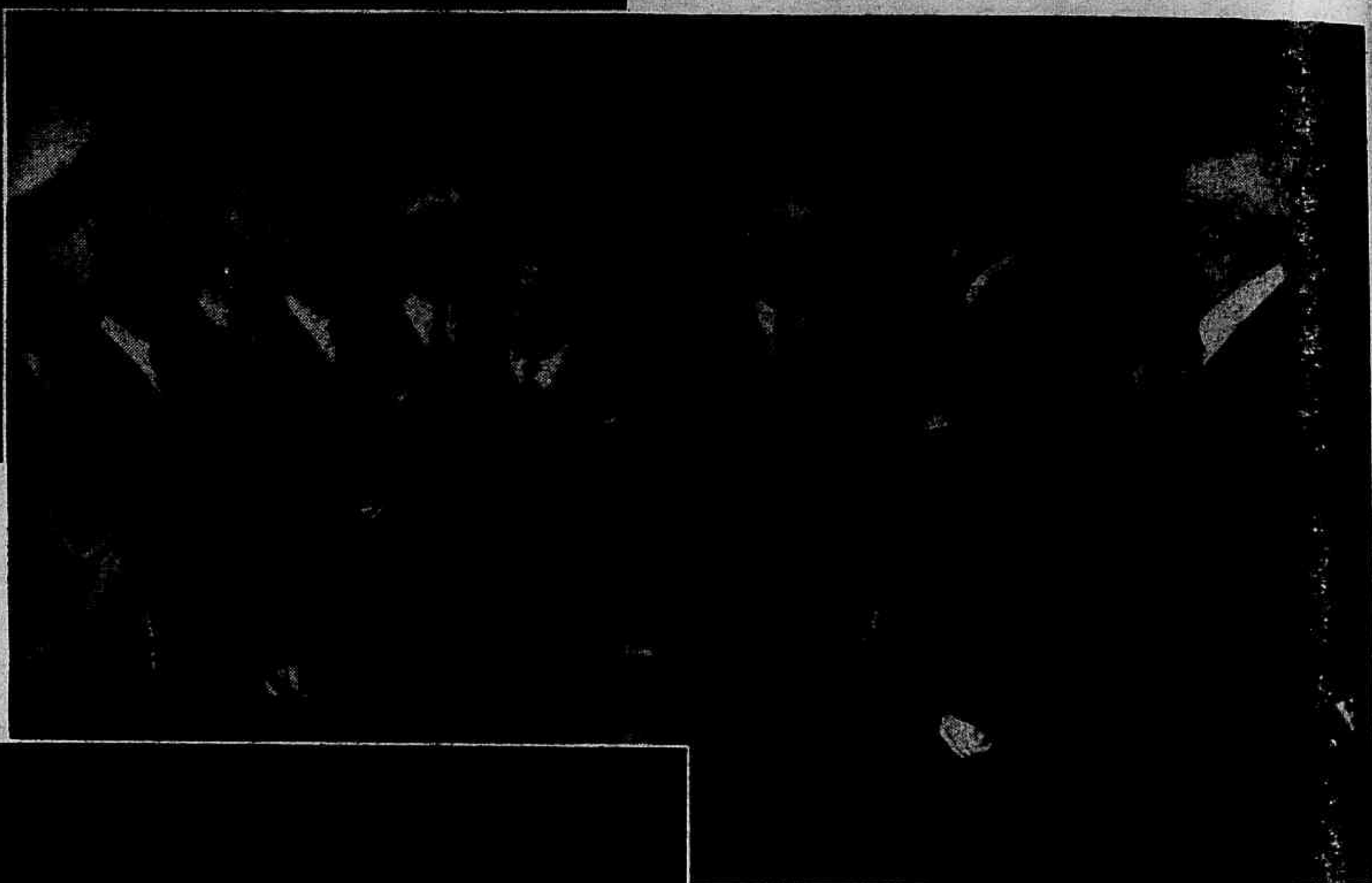


Encerrada a 8 de agosto, tendo sido diariamente franqueada ao publico, nela inscreveram-se 120 filatelistas de todo o Brasil, proporcionando aos apreciadores da filatelia oportunidade de ver as mais famosas coleções de selos não só do nosso país como também de varios outros. Peças unicas e alguns dos mais valiosos conjuntos existentes em nosso territorio foram entregues á apreciação de sempre numeroso publico. A Casa da Moeda, expôs no seu "stand" as chapas de selos emitidos no Imperio e ao lado de cada chapa uma prova em preto destinada ao exame dos que se dedicam ao estudo dos nossos selos antigos. Puderam também ser vistas, a titulo de curiosidade, as maquinas usadas ha 100 anos atrás para imprimir os "olhos de boi". Na Agencia do Correio encontravam-se á venda selos, blocos e folhas comemorativas do Centenario e da Exposição recebendo a correspondencia carimbos especiais. Ilustram o texto dois flagrantes tomados no recinto da Exposição.

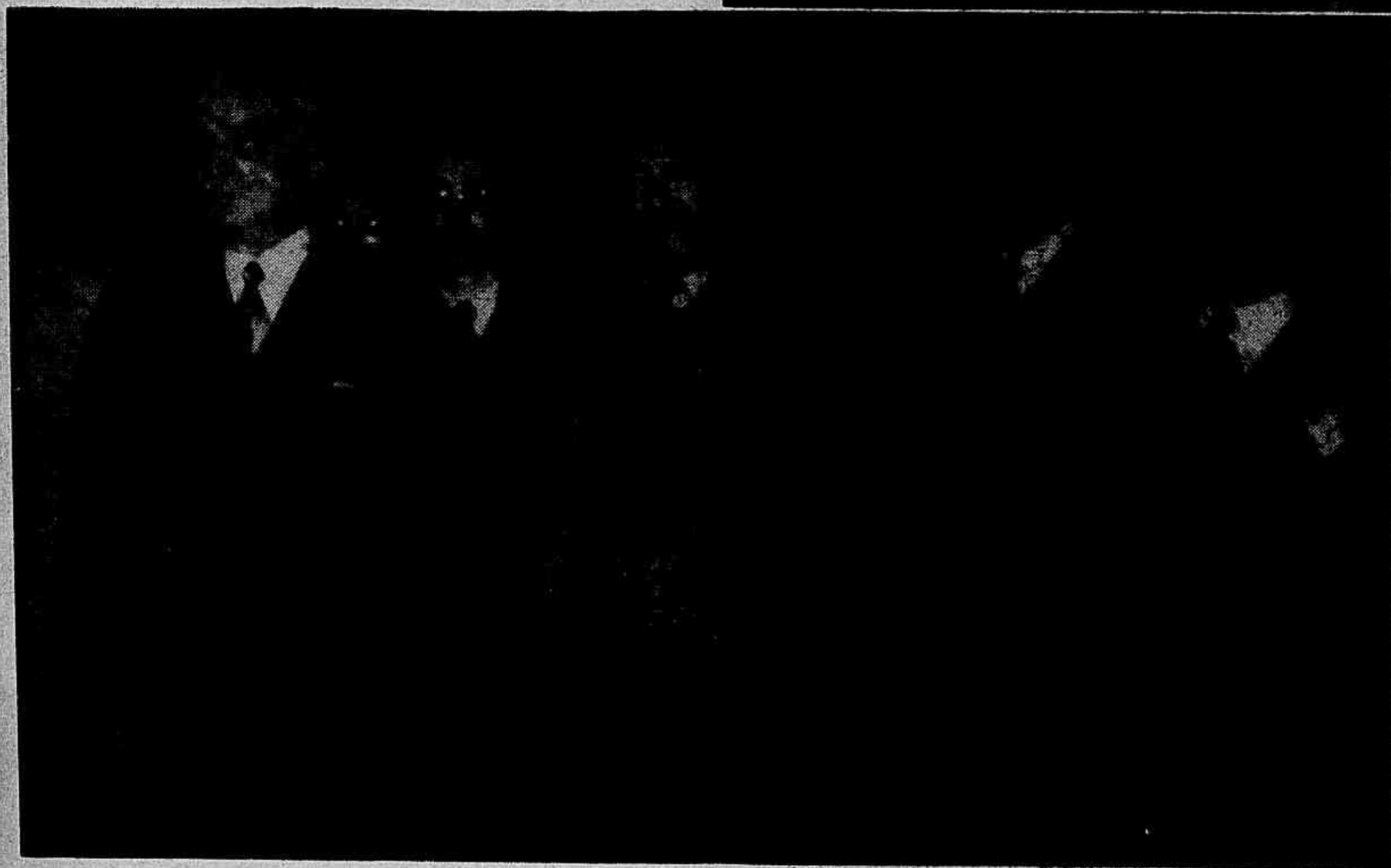
II INTERAMERICANA DE ADVOGADOS



CHEGADA DO SR. MINISTRO DA JUSTIÇA DO CHILE — Fotografia feita quando desembarcava o dr. Oscar Cajaró, ministro da Justiça do Chile, vendo-se o ministro Oswaldo Aranha, embaixador Gonzales Videla, do Chile, e Leão Veloso, do Itamarati.



PRESIDENTE DA CORTE SUPREMA DO URUGUAI — Grupo em que se vê, por ocasião da chegada ao Aeroporto Santos Dumont, o dr. Julio Guani, presidente da Corte Suprema do Uruguai, ministro Eduardo Spindola e dr. Mario Acioli.



DESEMBARQUE DO DR. CARLOS ALBERTO NOVOA — Aspecto da chegada, ao Rio, do dr. Carlos Alberto Novoa, presidente da Corte Suprema do Chile, ao ser cumprimentado pelo chanceler Oswaldo Aranha, e ministro Eduardo Spindola.

REUNIÃO DO COMITÊ EXECUTIVO — Aspecto da mesa que presidiu à reunião do Comité Executivo.



A cidade do Rio de Janeiro foi sede da II Conferencia Inter-americana de Advogados, realizada conjuntamente com os festejos magnos de comemoração do 1.º Centenário do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, tendo se reunido, nesta capital, representações das principais associações jurídicas do continente e figuras de singular destaque na magistratura americana.

Este congresso de advogados havia sido previsto nas deliberações tomadas no anterior, realizado na cidade de Havana, em Março de 1941, por sugestão da Federação Argentina de Colégios de Advogados, devendo ter sido efetuado em Setembro de 1942, o que não pôde ser feito em virtude da situação de guerra.

Coincidindo com os festejos comemorativos do 1.º

Centenário de fundação do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, esta importante associação de classe e o governo brasileiro muito se empenharam para que o congresso conquistasse o maior êxito possível, pelo que preparou-se cuidadosamente o programa das solenidades e expediu-se convites a todos países latino-americanos.

A concorrência não poderia ter sido maior e mais importante, pois que além de virem ao Brasil delegações numerosas e de grande brilho, integradas por advogados os mais famosos do continente, também compareceram altos magistrados e autoridades, destacando-se a vinda do dr. Oscar Cajado, ministro da Justiça, dr. Carlos Alberto Novoa, presidente da Corte Suprema, ambos do Chile, dr. Julio Guani, presidente da Corte Suprema, do Uruguai e os presidentes de várias associações de classe, professores de Universidades, senadores, deputados, etc.

A conferência foi inaugurada no dia 7, sábado, pelo Ministro do Exterior, Oswaldo Aranha, em nome do sr. Presidente da República, tendo falado nesta ocasião, o dr. Miranda Jordão, presidente da Federação Inter Americana de Advogados, o representante americano, dr. George Maurice Morris, presidente da American Bar Association, professor Haroldo Valadão, pelo Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, e dr. J. Honorio Silgueira, presidente da Federação Argentina de Colégio de Advogados. No recinto do Palácio Tiradentes notavam-se representações diplomáticas, de associações culturais e grande assistência.

Durante toda a semana, reuniram-se os membros das diversas comissões especializadas, debatendo temas jurídicos de in-



DIREÇÃO DO COMITÊ EXECUTIVO — Detalhe da mesa que presidiu à reunião do Comitê Executivo da II Conferência Interamericana de Advogados, vendo-se o dr. Levi Carneiro presidente, e dr. William Roy Wallance, secretário geral.

teresse para o futuro da América, implicando suas relações políticas, econômicas e sociais, principalmente os problemas de: após guerra e o aumento do intercâmbio existente entre as diversas nações, para que seja assegurada, por todo o sempre, a paz e harmonia de ideais reinantes no continente de Colombo.



REUNIÃO DO COMITÊ EXECUTIVO — Flagrante da assistência.



NO CONSELHO MUNICIPAL — O representante de Porto Rico, sr. Benicio Sanches Caetano, conversando com o prefeito dr. Henrique Dodsworth.



SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL — Grupo feito durante a visita dos delegados à II Conferência Interamericana de Advogados ao Supremo Tribunal Federal.

VISITA A A. B. I. — Aspecto da visita dos advogados congressistas à Associação Brasileira de Imprensa, notando-se o dr. Herbert Moses, presidente da A. B. I., dr. Pedro P. Berro, da delegação uruguaia e o dr. Pedro Vergara.





SESSÃO SOLENE DE INSTALAÇÃO DA CONFERENCIA. — Aspecto da mesa que presidiu a sessão solene de instalação da II Conferência Inter-americana de Advogados, vendo-se o chanceler Oswaldo Aranha, dando-a por inaugurada, em nome do sr. Presidente da República.

NO RETANGULO AO ALTO: — O secretário geral da conferência, sr. William Roy Wallace, fazendo a chamada das delegações.



VISITA AO CATETE. — O sr. J. Honório Silgueira, presidente da Federación Argentina del Colegio de Advogados e chefe da representação do país irmão, cumprimentando o presidente Vargas.

I CENTENARIO DO INSTITUTO DA ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL. — Flagrante tirado no momento em que o professor Haroldo Valadão falava em nome do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, festejado na data de instalação dos trabalhos da II Conferência Inter-americana de Advogados.





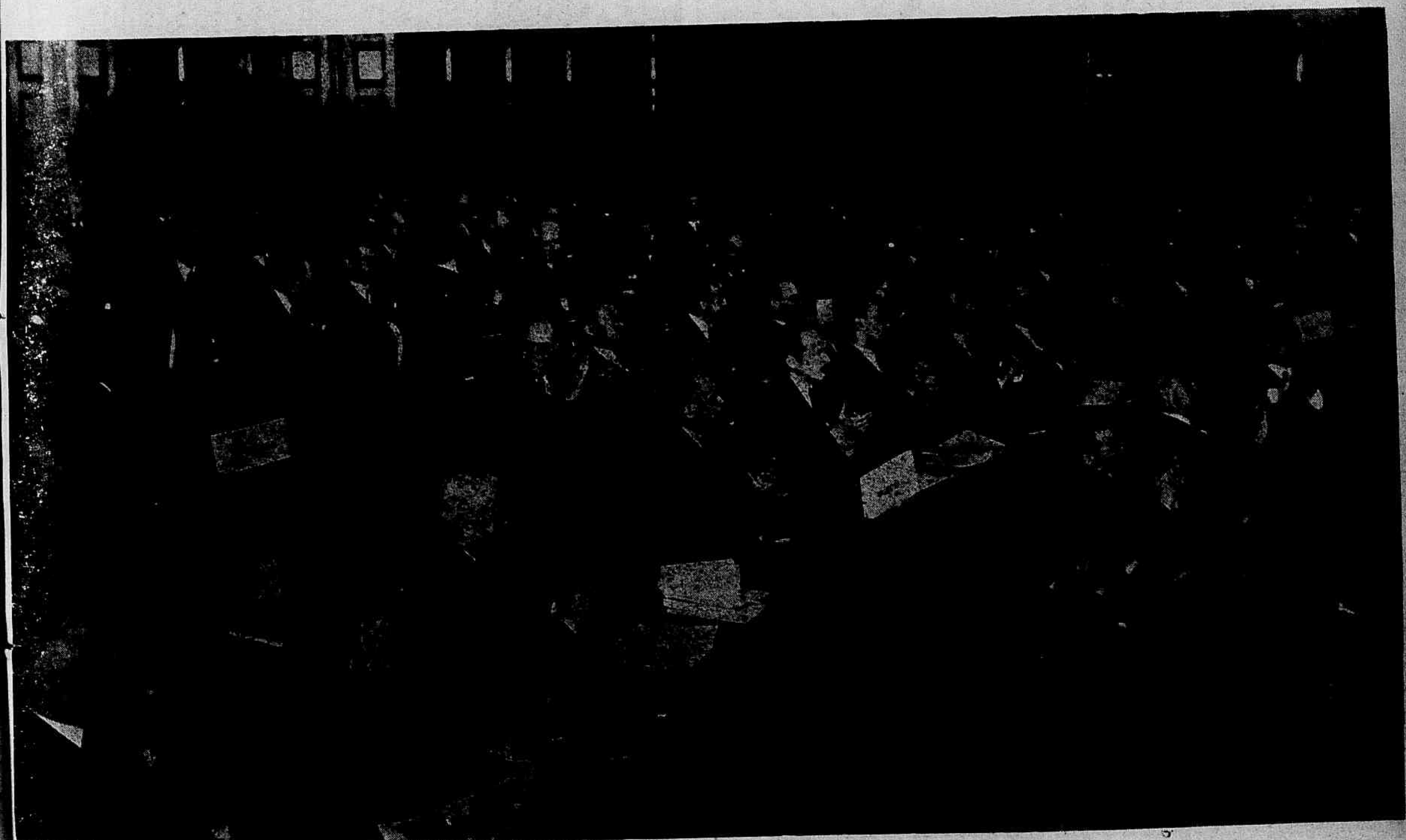
CONDECORADO O MINISTRO DO EXTERIOR — O sr. ministro Oswaldo Aranha agradecendo ao dr. Edmundo de Miranda Jordão a condecoração que lhe foi concedida pelo Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, em seu I Centenário.

Nestas paginas focalizamos a realização da sessão solene inaugural da II Conferência Inter-americana de Advogados, efetuada no Palácio Tiradentes e presidida pelo chanceler Oswaldo Aranha, que, em nome do sr. Presidente da Republica, inaugurou os trabalhos da mesma e passou a direção da assembleia ao dr. Miranda Jordão, presidente da Federação Inter-americana de Advogados e do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil. S. S., em bela oração, deu as boas vindas aos delegados das nações amigas e condecorou o chanceler Oswaldo Aranha com a medalha comemorativa do 1.º Centenário de Fundação do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil.

Falaram, a seguir, o representante norte americano, dr. George Maurice Morris, pelas delegações latino americanas, saudando a efemeride maxima dos advogados brasileiros, o professor Haroldo Valadão, em nome do Instituto da Ordem dos Advogados, de que é orador oficial, e o eminente jurisconsulto, dr. J. Honório Silveira, chefe da delegação argentina.

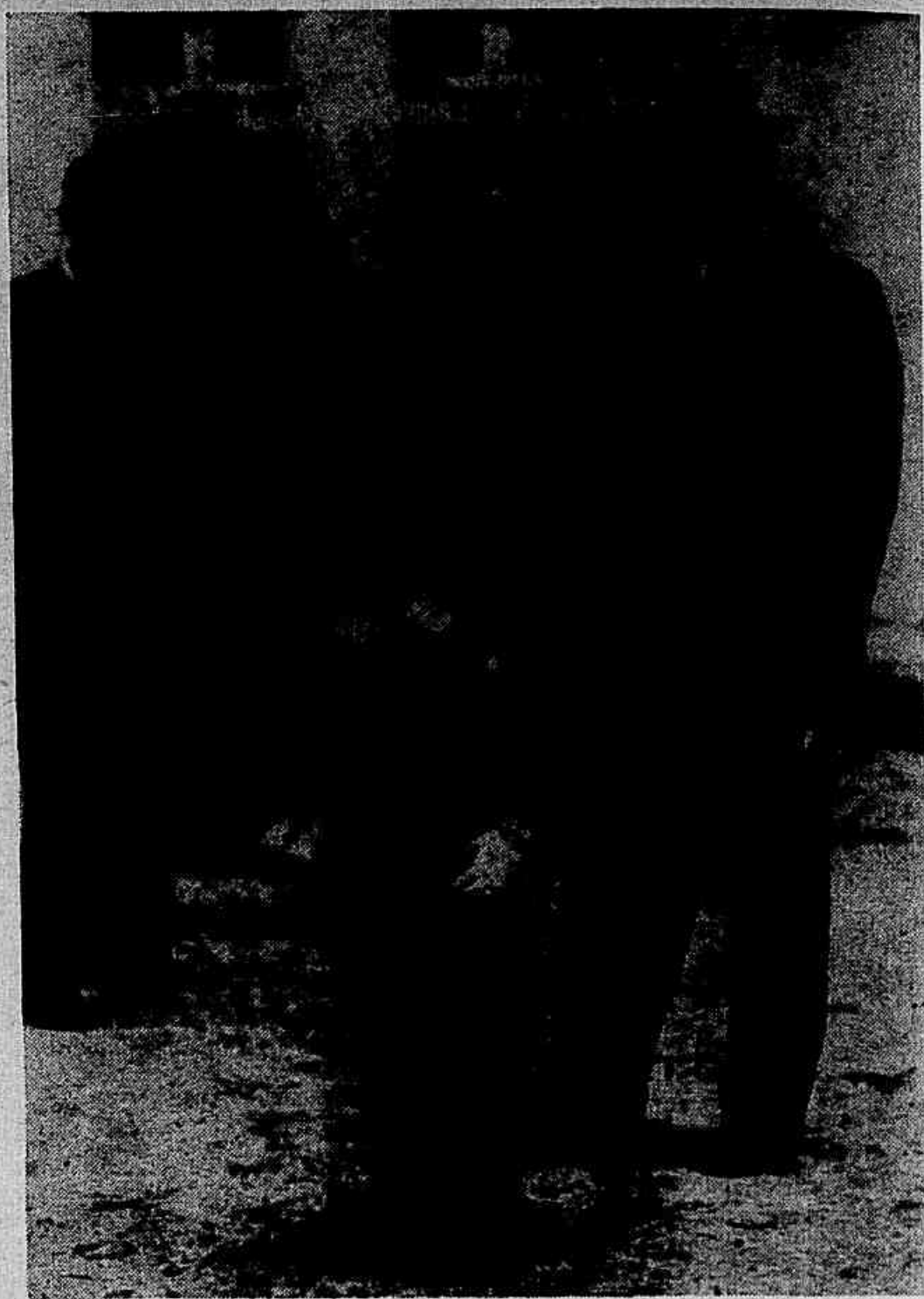
A conferência do Rio de Janeiro teve a assisti-la os representantes da Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Costa-Rica, Estados Unidos, Porto Rico, Mexico, Panamá, Paraguai, Perú, Republica Dominicana, Uruguai, Venezuela e Brasil.

A SAUDAÇÃO DAS DELEGAÇÕES VISITANTES — O dr. George Maurice Morris, presidente da American Bar Association, quando falava em nome das delegações americanas.



Aspecto tomado durante a realização da sessão inaugural dos trabalhos da II Conferência Inter-Americana de Advogados, vendo-se as delegações dos países americanos.

O JOCKEY CLUB MUNDANO



Estampamos nesta página alguns aspectos da brilhante reunião turfística realizada domingo último no Hipódromo da Gavea.

Esta elegante festa esportiva e social contou com a honrosa presença da Sra. Clelia Alvarez Amézaga, esposa do Presidente Juan José Amézaga, do Uruguai, que ora se encontra em visita ao Brasil.

A primeira dama do Uruguai, em companhia da Sra. Ministro Salgado Filho, assistiu da tribuna de honra o desenrolar das carreiras, e visitou todas as dependências do Hipódromo do Jockey Club Brasileiro.



Desfile de Modelos



"As mulheres são ageis, elegantes e perigosas como os felinos, diz o desenhista dessa página, principalmente quando possuem unhas pontudas como garras nacaradas e olhos verdes dotados de estranho poder hipnótico".

E tem razão. Podemos observar isso principalmente quando o frio se torna mais intenso. Então o negro do jersey colante a maciez das pelúcias e a indolência dos gestos recobrem o ondulado dos corpos perfeitos.

E porque pensa desta maneira, GOULART criou estes conjuntos elegantes para serem executados em "rayon", lã ou veludo.

Goulart

SENHORA REPRE



... Repare pois são modelos das famosas Helen Lambert, Hattie Carnegie, Helen Liebert e Sally Victor. Repare porque combinam com o "fabot" de organza do costume que você usa com seu costume ou com a lã do seu vestido para a Universidade ou com seu swaeter...ou...ou...oh, senhorita, repare esses chapéus...!

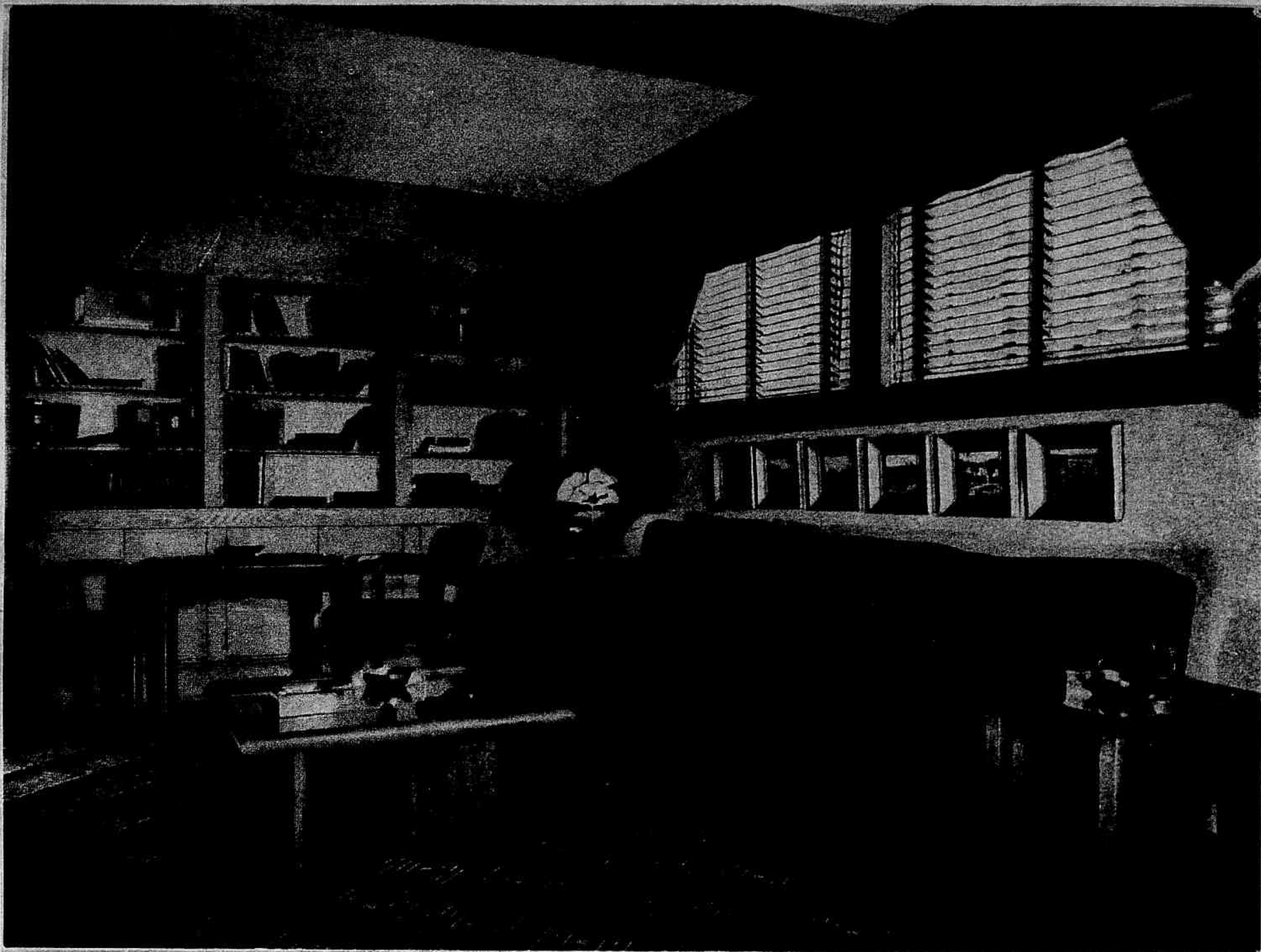
CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

TA, ESSES CHAPÉUS



(Fotos de Arthur Hammer — especial para a REVISTA DA SEMANA)

V Bonbons
ITÓRIA RÉGIA
Cerejas ao
Marrasquino
OS MAIS CAROS
Incontestavelmente as
melhores.



O Lar

PARA o habitante de um apartamento de pequenas dimensões, o problema maximo do conforto domestico está em aproveitar o mais possivel o espaço de seu lar, sem prejuizo da estetica dos aposentos.

Um caso em que este problema foi solucionado com inteligencia, temo-lo na sala de estar cuja foto estampamos acima. Moveis simples mas confortaveis, sem exiguidades de linhas, foram distribuidos no aposento de modo a torna-lo um ambiente comodo e saudavel.

A mesma sala serve tambem como biblioteca, o que representa o aproveitamento maximo do espaço feito com arte e inteligencia.

O PROBLEMA DO ESPAÇO

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

A MORTE DO DELFIM

Conto do escritor francês
ALPHONSE DAUDET

O Delfimzinho está doente, o Delfimzinho vai morrer... Em todas as igrejas do reino está exposto, dia e noite, o Santíssimo Sacramento e grandes círios ardem pedindo a Deus a cura do real menino. As ruas da velha residência estão tristes e silenciosas; os sinos deixaram de tocar; os carros passam o mais vagarosamente possível. Defronte do palácio os burgueses olham curiosamente, por entre as grades, os homens da guarda suíça que conversam nos pátios, com ar importante...

Todo o castelo está em alvoroço. Camaristas, mordomos sobem e descem correndo, as escadas de mármore. As galerias estão cheias de pagens e de cortezãos em vestuários de seda, que vão dum grupo a outro, indagando, em voz baixa, das novidades. Nos largos patamares, damas de honra compungidíssimas, fazem grandes reverências, enxugando os olhos com lindos lenços bordados.

Na Orangerie há numeroso ajuntamento de médicos com as vestes doutorais. Através das vidraças vêem-se os homens de ciência agitando as longas mangas negras, inclinando sabiamente as perucas. O escudeiro-mór pragueja como um pagão, o sr. Governador recita versos de Horácio. E enquanto isso, mais longe, do lado das cavalariças, vem um rincho lamentoso.

E' o alazão do Delfimzinho que os palafreiros esqueceram e que reclama tristemente diante da mangedoura vazia.

E o rei? Onde está monsenhor o rei? Está fechado, sozinho, no seu quarto, no fundo do castelo... Os reis não gostam que os vejam chorar... Com a rainha, porém, o caso é outro. Sentada à cabeceira do Delfim, tem o rosto banhado de lágrimas e soluça alto diante de toda a gente.

No pequenino leito de rendas, o Delfim, mais branco que as almofadas em que repousa, conserva os olhos fechados. Julgam que está dormindo... Não. O Delfimzinho não dorme. Volta-se para a mãe e, vendo-a chorar, pergunta-lhe:

— Senhora rainha, por que chora tanto? Acredita realmente que vou morrer?

A rainha tenta responder. As lágrimas não lhe permitem dar uma palavra.

— Não chore, senhora rainha. Esquece que eu sou Delfim e que os Delfins não podem morrer assim...

A rainha soluça ainda com mais força e o Delfimzinho começa a assustar-se.

— Ah, não! diz ele. — Não quero que a Morte me venha buscar; e saberei impedi-la de chegar até aqui. Mandem vir imediatamente quarenta mercenários para ficarem de sentinela à roda do meu leito. Cem canhões dos maiores fiquem, dia e noite, de morrões acesos, debaixo das nossas janelas. E aí da Morte se ousar aproximar-se de nós!

Para fazer a vontade ao herdeiro real, a rainha dá um sinal. Imediatamente se ouvem as carretas dos grandes canhões rodando no pátio; quarenta robustos mercenários se veem alinhar à volta do quarto. São velhos tarimbeiros de bigodes grisalhos. Ao vê-los o Delfim bate palmas de contente. Reconhece um deles e chama-o:

— Lorrain! Lorrain!

O soldado dá um passo para o leito.

— Gosto tanto de ti, meu velho Lorrain... Deixa ver o teu sabre. Se a Morte vier, é preciso matá-la, ouviste?

Lorrain responde:

— Sim, monsenhor.

E duas grandes lágrimas lhe correm pelas faces encouradas.

Nesse momento, o capelão se aproxima do Delfimzinho e lhe fala por muito

tempo em voz baixa, mostrando-lhe um crucifixo. O Delfimzinho escuta com um ar espantado; e de repente, interrompendo o sacerdote:

— Compreendo bem o que diz, senhor abade. Mas escute... Não poderia o meu amiguinho Beppo morrer em meu lugar, dando-se-lhe bastante dinheiro?

O capelão continua a falar em voz baixa; e o Delfimzinho se mostra cada vez mais apaixonado. Quando o sacerdote termina, o doentinho insiste, com um grande suspiro:

— Tudo o que o senhor abade me diz é triste, bem triste... Uma coisa, porém, me consola: é que, lá em cima, no paraíso das estrelas, continuarei a ser Delfim. Sei que Deus Nosso Senhor é meu primo, e não pode deixar de me tratar de acordo com a minha categoria.

Depois, voltando-se para a mãe, acrescenta:

— Tragam-me o meu vestuário mais lindo, a minha capa de hernina branca e os meus escarpins de veludo! Quero fazer boa figura diante dos anjos; quero entrar no paraíso, vestido de Delfim.

Pela terceira vez o capelão se inclina para o Delfim e lhe fala longamente, em voz baixa... A meio da fala, porém, o real menino o interrompe, irritadamente:

— Mas então... brada ele — ser Delfim não vale nada!

E, sem querer ouvir mais coisa alguma, o Delfimzinho volta-se para a parede e chora amargamente.

PROGRAMAS DE ONDAS CURTAS em português DOS EE.UU. PARA O BRASIL

Transmitindo simultaneamente das seguintes estações:

WCBX - 17.83 Mgs. (Faixa de 16 ms.) das 18.00 às 20.45 ★
" - 9.49 " (Faixa de 31 ") das 21.00 às 24.30
WRCA - 15.15 " (Faixa de 19 ") das 18.00 às 24.30 ★
WGEA - 11.85 " (Faixa de 25 ") das 18.00 às 24.30

Domingo
18.00 Sinfonia da NBC
19.00 O Mundo Hoje
19.10 Resumo dos Programas
19.15 Melodias da Broadway
19.30 A Vida em Hollywood
19.45 Seleções de Opereta
20.00 Rádio Jornal
20.15 Salão de Concerto
20.45 Música Semi-Clássica
21.00 Resenha dos Programas
21.02 Notícias
21.15 Música da América
21.45 Bandas Militares
22.00 Notícias
22.15 Olga Coelho e Trio Charrô Gil
22.30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23.00 Notícias
23.15 Orquestra Filarmônica de Nova York
00.00 Resumo das Notícias
00.15 Devaneio Musical
00.30 Encerramento

Segunda
18.00 Resumo dos Programas e Notícias
18.15 Magia Tropical
18.30 A Semana em Revista
18.45 Divirtam-se Conosco
19.00 Notícias
19.15 Tesouro Musical das Américas
19.45 Música de Dança
20.00 Rádio Jornal
20.15 Sammy Kaye e sua Orquestra
20.45 Música Semi-Clássica
21.00 Resenha dos Programas
21.02 Notícias
21.15 Orquestra de Walter Gross
21.30 Notícias de Hollywood
21.45 Concertos de Jazz
22.00 Notícias
22.15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22.30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23.00 Notícias
23.15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23.30 Música de Manhattan
00.00 Resumo das Notícias
00.15 Orquestra de Raymond Scott
00.30 Encerramento

Quarta
18.00 Resumo dos Programas e Notícias
18.15 Valsas Famosas
18.45 Serenata Tropical
19.00 Notícias
19.15 Seleções de Ópera
19.45 Dinah Shore - canções
20.00 Rádio Jornal
20.15 Contrastes Musicais
20.30 Aviação Americana
20.45 Música Semi-Clássica
21.00 Resenha dos Programas
21.02 Notícias
21.15 Orquestra de Walter Gross
21.30 Notícias de Hollywood
21.45 Concertos de Jazz
22.00 Notícias
22.15 Eileen Farrell e a Orq. da CBS
22.30 Reinaldo Henriquez e a Orquestra Panamericana
23.00 Notícias
23.15 Eva Garza e Orquestra Panamericana
23.30 Música de Manhattan
00.00 Resumo das Notícias
00.15 Quarteto Golden Gate
00.30 Encerramento

Quinta
18.00 Resumo dos Programas e Notícias
18.15 O Clube do Swing
18.30 Música Norte Americana
19.00 Notícias
19.15 Orquestra "Pops" de Boston
20.00 Rádio Jornal
20.15 Enoch Light e sua Orquestra
20.45 Fred Waring e sua Orquestra
21.00 Resenha dos Programas
21.02 Notícias
21.15 Orquestra de Raymond Scott
21.30 Notícias Culturais por Gaspar Coelho
21.45 A América do Norte Canta
22.00 Notícias
22.15 Olga Coelho
22.30 Eva Garza, Trio Charrô Gil e a Orquestra Panamericana
23.00 Notícias
23.15 Trio Charrô Gil
23.30 Banda da Marinha dos EE. UU.
00.00 Resumo das Notícias
00.15 Devaneio Musical
00.30 Encerramento

Sexta
18.00 Resumo dos Programas e Notícias
18.15 Momento Musical
18.45 Revista Cultural
19.00 Notícias
19.15 Música do Novo Mundo
19.45 Música de Dança
20.00 Rádio Jornal
20.15 A Página Feminina
20.45 Música Semi-Clássica
21.00 Resenha dos Programas
21.02 Notícias
21.15 Orquestra de Walter Gross
21.30 Cartas em Revistas
21.45 Alma de Minha Pátria
22.00 Notícias
22.05 Pelos Senderos da Música
22.30 Comentário
22.35 R. Henriquez e Orq. Panamer.
23.00 Notícias
23.15 Trio Charrô Gil
23.30 Orq. de Concertos CBS e Solistas
00.00 Resumo das Notícias
00.15 Orquestra de Paul Barron
00.30 Encerramento

Sabado
18.00 Resumo dos Programas e Notícias
18.15 Ora. de Alfred Wallenstein
18.45 Bolet. Latino-Americano
19.00 Notícias
19.15 Chopiniana
19.30 Música Popular
20.00 Rádio Jornal
20.15 Caravana Tropical
20.45 Fred Waring e sua Orquestra
21.00 Resenha dos Programas
21.02 Notícias
21.15 Orquestra de Raymond Scott
21.30 Notícias de Hollywood
21.45 Bandas Militares
22.00 Notícias ou Comentário
22.15 A Hit Parade
22.45 R. Henriquez e Orquestra Panamericana
23.00 Notícias
23.15 Orquestras de Variedades
23.30 Música de Hoje e Ontem
00.00 Resumo das Notícias
00.15 Orquestra de Harry James
00.30 Encerramento

TRANSMISSÕES EM "ONDAS DIRIGIDAS" PARA O BRASIL.



Colocando uma carta na caixa postal.

No "zoo" ao lado de um "Zé Carioca".

Comprando confeitos.



Vendo um brinquedinho para Elaine.



Um cafezinho, por favor...?

DÔR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



A "loura incendiária" como é chamada por um milhão de "fans" foi a New York. Enquanto lá esteve — que saudades de Johnny Deslie (seu marido!) e de sua filhinha Elaine que apenas com 14 meses já se tornou o

centro e o objetivo da sua própria vida.

Da visita da "loura blitz" à cidade das largas e inúmeras avenidas, estampamos esses aspectos curiosos — especiais para a REVISTA DA SEMANA.

AGUA DE TOILETTE RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

"MENTHOLATUM
MATOU NA CABEÇA
O MEU
RESFRIADO!"



MENTHOLATUM

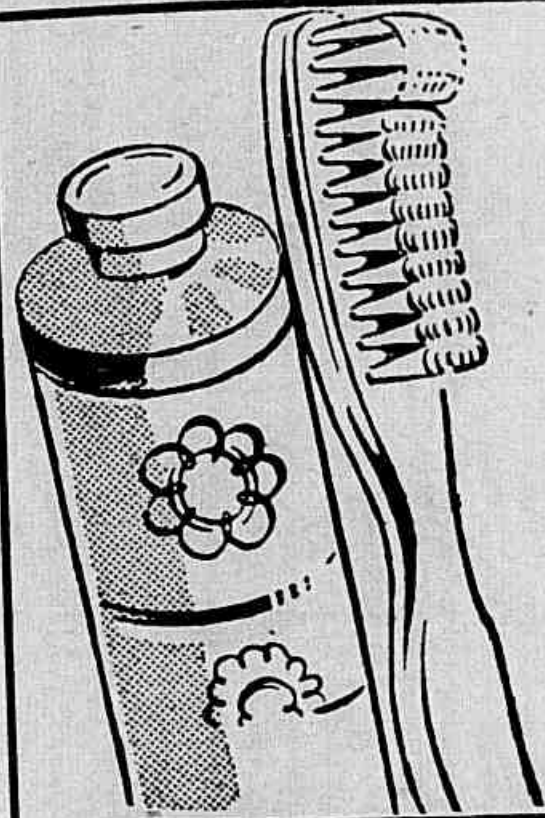
É usado por
multidões contra
RESFRIADOS
que atacam a
cabeça e o nariz.



PROPORCIONA ALIVIO RAPIDO



Bem, também posso comprar balangandans, não é?



Isto limpa os dentes, mas não elimina o **MAU HÁLITO**

Para assepsia completa da boca, use Odorans — o dentifrício medicinal, que penetra em todos os interstícios dos dentes não atingidos pela escôva, impedindo a fermentação de partículas alimentares — principal causa do mau hálito. O poder germicida de Odorans evita a piorréia, gengivites, etc. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições.

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

"Querido, estou à sua espera..."



Sim, é isso mesmo que "elas" — Joan Leslie e Joyce Reynolds ("Warner") parecem insinuar agora que estão prontinhas para sair.

Joan Leslie, por exemplo, está impecável no seu casaco negro que combina com o sapato e a boina e contrasta admiravelmente com o branco das luvas e do "cache-col".

Quanto a Joyce Reynolds — como lhe fica bem essa simplicidade! — aguarda pacientemente a hora da saída num traje de tecido acamurçado verde e chapéuzinho negro.

Ainda há nuvens no céu...

"...embora o sol doure a Terra", pensa Bette Davis encostada ao largo portão do pomar de sua casa. Duas poses, dois vestidos sóbrios de seda pesada e mangas fartas, bem no estilo da magnífica intérprete de Jezebel eis o que a "Warner" oferece para alegria das nossas leitoras.



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



PASTA DENTÍFRICA S.S. WHITE

INDUSTRIA BRASILEIRA

“Você tem a Mademoiselle?”



Pergunta a interessante Jane Wyman (“Warner”) — por sinal elegantíssima no seu costume de tecido aveludado cinza e sapatos combinando com a blusa cor de cereja.

— Que ingênua, essa garota! exclama uma das mais encantadoras pequenas que servem de modelo às criações de Eastman CO. de New York. “Procurar Mademoiselle”, agora!”

(E rindo-se, divertida, ageita a gola do seu costume de “rayon”).

SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

O “CREME ANTI-RUGAS”, CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A “LOÇÃO ACNEA”, PARA ESPINHAS E CRAVOS; O “BALSAMO BRANCO”, PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.





Diplomáticas

O snr. João Neves da Fontoura, por ocasião da sua chegada a Lisboa, como embaixador do Brasil ofereceu ao mundo oficial e diplomatico e a figuras expoentes das artes, das ciencias e da literatura uma recepção de singular e imperecível brilho.

Numa das mais lindas festas a que Lisboa assistiu, se tornou ainda mais evidente a cordial afeição de portugueses e brasileiros.

Vemos aqui três belos flagrantes fotograficos, tomados no Salão do Hotel Aviz, que nos falam do realce impar da recepção do embaixador brasileiro.



Noticiario Elegante



Contrairam matrimonio, no dia 3 de Julho ultimo, em Recife, onde residem, o dr. Eraldo de Melo Paes Barreto, filho do sr. Eugenio de Melo Paes Barreto e d. Emerentina de Melo Paes Barreto, e a srta. Carmen Costa Lima, filha do sr. José Costa Lima e de d. Ana Rita Costa Lima. A' cerimonia nupcial compareceram os elementos mais representativos da sociedade pernambucana, que foram levar ao jovem casal as suas felicitações.

ANIVERSÁRIOS

Senhoras: — Maria Augusta Roxo, Evangelina Bahia e as senhoritas Maria Terezinha da Fonseca e Valquiria S. Fraubel.

Senhores: — Mario Augusto de Castro, ministro do Supremo Tribunal Militar e o Dr. Luiz Galloti.

Dia 15:

Senhoras: — Gloria Miguez Aiala, Inácia Vitorina da Costa Almeida e Maria Luiza Romano.

Senhores: — Professor Dr. Raul Pederneiras, nosso companheiro de redação, Dr. Agenor Porto, tenente-coronel Jesuino Correia de Sá e major Gilberto de Freitas.

Dia 16:

Senhora Cecilia Cardoso de Castro Aguiar e senhorita Odete Moraes Castro.

Senhores: — General Oswaldo Cordeiro de Farias, interventor federal no Rio Grande do Sul e o coronel João Augusto Siqueira.

Dia 17:

Senhora Ana Amelia Carneiro de Mendonça, presidente da Casa do Estudante do Brasil e senhorinha Heloisa d'Avilla.

Senhor: — José Calmon de Britto, nosso colega de Imprensa.

Dia 18:

Senhoras: — Sebastiana de Oliveira Graça, Cecilia Carvalho de Barros e senhorinha Norma Tavares.

Senhores: — Coronel Wolgrand Pinheiro Cruz e Paschoal Ferreira, nosso confrade.

Dia 19:

General Antonio Coelho Neto e o brigadeiro do Ar Amilcar Sergio Veloso Pederneiras, juiz do Supremo Tribunal Militar.

Dia 20:

Senhora: — Adelaide Meira Lima e senhorinha Aurora dos Anjos Costa.

Senhores: — Almirante Eduardo Augusto de Britto e Cunha e Dr. Rui Carneiro, interventor federal na Paraíba.

VIAJANTES

Chegou, no dia 2 de Agosto, a esta capital, o sr. Osvaldo Rios, Secretario da Viação do Governo da Bahia. S. Excia. vem ao Rio em viagem de repouso, demorando-se, aqui, poucos dias.

Sol de Outono



O sol de outono é assim... não queima abruptamente, possui um brilho suave e se transforma quase sempre numa sugestão luminosa para as carícias envolventes... O sol de outono doura melhor frutos amadurecidos como Irene Manning, Julia Bishop ("Warner") e Marta Linden ("Metro"). Mulheres que se impõem pela distinção e sabem conjugar devidamente os verbos "querer" e "poder".

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE



Observe esta
CARINHA...



A primeira vez que sua filhinha usar o Creme Dental Squibb... observe-lhe a expressão do rostinho. Note o ar de prazer e admiração que demonstra no momento em que percebe este

delicioso sabor... ao mesmo tempo que sua boquinha sente uma sensação excitante de frescor!

As crianças — e os adultos também — gostam de usar o Creme Dental Squibb. E é uma satisfação saber que o brilho natural dos dentes se revela, sem o menor perigo

para o esmalte ou as gengivas, porque o Creme Dental Squibb é puro e garantido. Mais de 100 provas asseguram essa pureza. Outro detalhe importante... o Creme Dental Squibb é feito com um eficaz *anti-ácido* — o Leite de Magnésia Squibb. Procure usar diariamente este Creme Dental, tão puro e eficiente, após cada refeição, se possível. Apesar das suas muitas propriedades superiores, não custa mais do que as pastas comuns. Ao comprá-lo, examine o tubo cuidadosamente. Verifique se traz o Selo Squibb — porque Squibb é um nome em que se pode confiar.

Creme Dental Squibb

255

ESCOVA ANGLE SQUIBB

Recurvada em ângulo adequado para atingir por igual os interstícios e a superfície de **TODOS** os dentes. Fios da mais alta qualidade — eficientes — duráveis.



Peixes, lagostas e camarões

PESCADINHAS A "MATTRE D'HOTEL" — Tome algumas pescadinhas, retirando as espinhas da barriga. Salgue-as, e deixe as mesmas em molho de pimenta e limão. Em leite frio põe-se de molho um pouco de miolo de pão, passando-se depois por uma peneira. Faça um refogado com uma das pescadinhas depois de bem picada, com manteiga, cebola, tomate, sal, cheiros e pimenta, juntamente com o miolo do pão embebido em leite. Deixa-se cozinhar um pouco; ao tirar-se do fogo liga-se a massa com duas gemas já desmanchadas. Depois de fria a massa recheie com ela as pescadinhas, costurando-lhes a barriga. Depois de quente a grelha põe-se as pescadinhas para assar. Arrumam-se as mesmas em um prato no forno com um pouco de manteiga fresca, um pouco de salsa picadina e aí colocam-se as pescadinhas à medida que forem assando. Tira-se-lhes a linha da costura antes de irem para a mesa. Serve-se com molho de tomates.

"SUPER"

PARA AUMENTAR
O PÊSO
DOS BEBÊS
E CRIANÇAS
DESNUTRIDAS...



Eis a "super" nutritiva aveia Quaker Oats de grão integral

Dizem as mães: "Vocês precisam ver meu filho desde que comeci a dar-lhe todos os dias a Aveia Quaker Oats". A aveia Quaker Oats fortifica, dá saúde e nutre as crianças debilitadas. É uma fonte rica em energia alimentícia. Contendo 50% mais proteínas que muitos outros cereais, fortalece os tecidos orgânicos. A aveia Quaker Oats é ainda a fonte mais rica em Thiamina (vitamina B1), que a natureza fornece para um crescimento normal. A aveia Quaker Oats aumenta o peso e a estatura. É o alimento ideal para todas as crianças na fase do crescimento. Dê Quaker Oats a seus filhos para que fiquem mais saudáveis.



"SUPER" - porque é quente!

Numa investigação recente entre 142 dietéticos 136, ou sejam 95%, recomendaram um mingau quente na primeira refeição. Cozinhando a aveia Quaker Oats em água fervente, ao cabo de 2 minutos e 1/2 obtém-se o mingau indicado.

"SUPER" - econômico

Quaker Oats é um dos mais econômicos alimentos que se podem servir. É de fácil preparo e toda a gente aprecia o seu delicioso sabor. Compre hoje mesmo uma lata.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker - a original e legítima - identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



28 v.



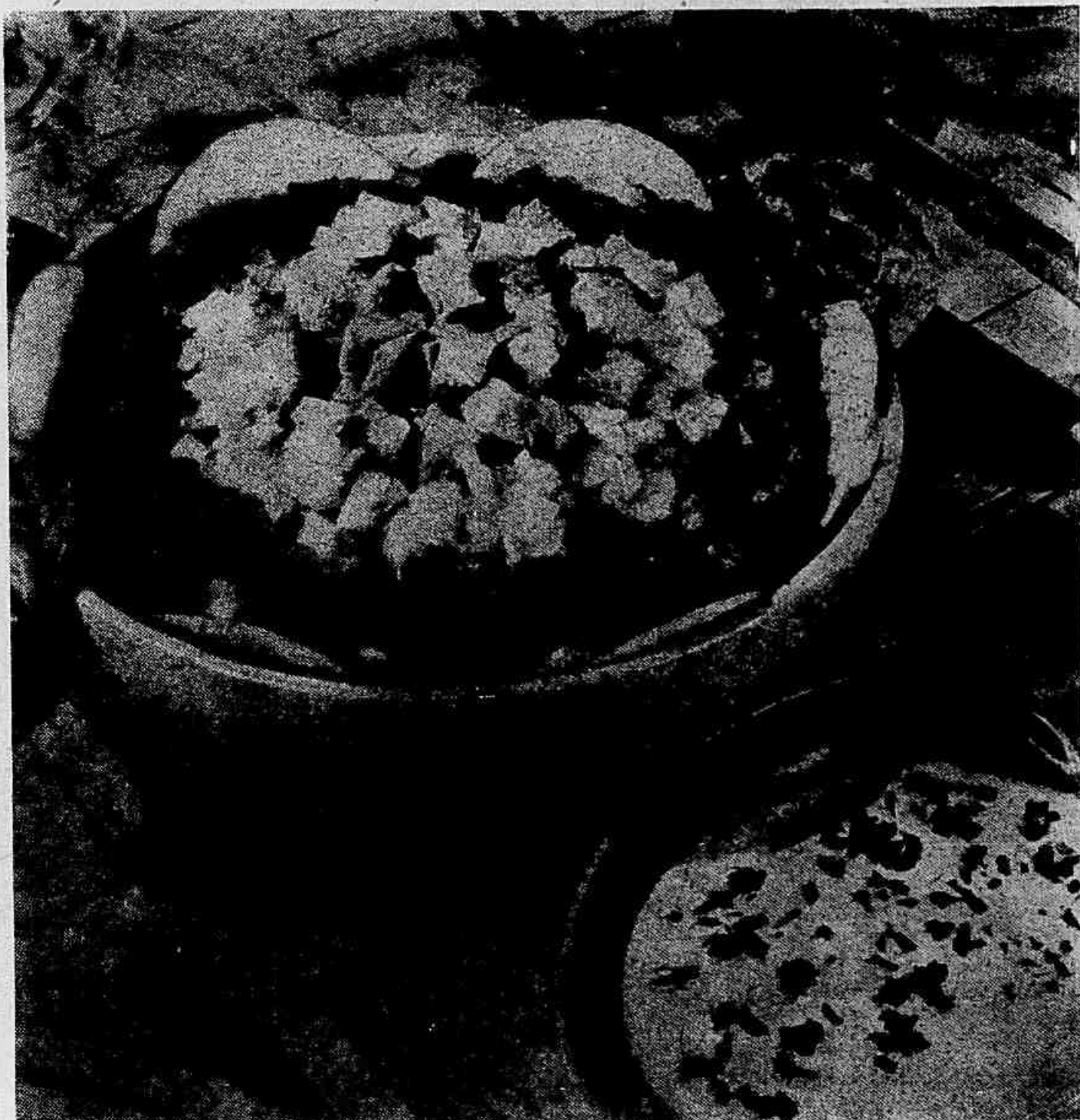
PEIXE COM MOLHO DE "MAYONAISE" — Coloque em um molho de limão, sal, pimenta e cheiros, alguns filés de peixe. Depois de algum tempo aferventam-se sem desmanchá-los. Prepare um "molho mayonaise". Depois de bem escorridos os filés, arrume em um prato, cobrindo-os com a "mayonaise". Enfeite com camarões cozidos e, em volta, com azeitonas, trufas e ovos cozidos.

LAGOSTA

PUFF DE LAGOSTA — Toma-se uns brioches, nos quais corta-se a parte de cima e tira-se um pouco de miolo. Com molho de "mayonaise" recheia-se misturado com lagosta picada. Enfeita-se por cima com as unhas e com a cauda da lagosta, juntamente com ovos cozidos e trufas.

CAMARÕES

CAMARÕES COM ESPARGOS — Põem-se de molho em caldo de limão, sal e pimenta do reino os camarões depois de cozidos. Dois a dois espetam-se os camarões em um palito, passando os mesmos em massa de frigar. Arrumam-se os camarões no centro do prato, em volta põem-se pontas de espargos cobertos com molho branco ao qual se juntam duas gemas de ovos crus.



O farol das areias tiritantes

(Continuação da pag. 8)

— Que... que quer dizer isto? — rosou ele.

— Isto quer dizer, Jezreel, meu caro, — disse eu — que aqui sou o chefe em mais de um ponto de vista, mas especialmente porque sou o único homem de nós três com uma arma. Agora, você e o homem lá de fora não vão mais encontrar-se. E' a sua vez de trabalhar; suba a escada e eu o trancarei na torre. Quando for hora de você sair, eu o soltarei; mas você não o verá, porque ele também estará trancado até que você esteja fechado no seu quarto. Você e ele, Cornish, terão que trabalhar o mês todo; eu vou servir apenas de carcereiro e de cozinheiro, até que o bote volte e leve um de vocês. Agora, trate de ir para seu serviço que eu vou correr o ferrolho na porta. Ande direito, Cornish!

— E que tal si eu não andar? — disse ele, com ar feroz.

— Neste caso não haverá "sis" — disse eu. — Venha!

Ele olhou para mim e para o revólver por um bom minuto, depois empurrou a cadeira para trás e se levantou.

— Eu quero um pouco de fumo que está no armário — disse ele. — Acho que posso apanhá-lo, não?

— Você pode apanhar no armário o que quiser — respondi-lhe — contanto que suba depois. E lembre-se de que eu estou de olho com você, Cornish.

Ele murmurou qualquer coisa que não pude perceber e dirigindo-se ao armário onde guardávamos nossas coisas em geral começou a remexê-lo. Eu não tinha receio de que ele fizesse qualquer tração porque sabia que ele não tinha armas e conservava meu revólver apontado para suas costas todo o tempo em que ele ficou voltado para mim. Ele resmungava e murmurava enquanto esteve bulindo no armário e tinha o rosto fechado e ameaçador quando se voltou. Mas seguiu direto para a porta da escada de caracol que levava à lanterna, e num segundo eu havia dado volta à chave, trancando-o lá.

Agora, para fazer a situação clara para o senhor, eu preciso dizer-lhe como era esse farol no qual estávamos nós três. A distância de cerca de quinze milhas do continente, ficava sobre uma rocha nua e escarpada que se erguia atrás dum permanente banco de areia no meio do mar, conhecido há muito tempo como Areias Tiritantes por causa do estranho movimento da água por cima delas. Era um dos faróis mais antigos em torno da costa e construído de tal modo que facilitava perfeitamente o plano concebido por mim. Chegava-se à entrada por uma escada de pedra que levava a uma porta dupla, a cerca de vinte pés acima da rocha; quando se passava essa porta, estava-se no living-room, que ocupava metade do espaço circular do farol; a outra metade era dividida em quatro compartimentos, cada um formando quartos separados. Uma escada de caracol partia do living-room para um compartimento superior, que usávamos para guardar material, gêneros e coisas semelhantes; no lugar onde se passava de um compartimento para o outro, havia uma porta sólida, aquela que eu havia fechado para que Cornish não descesse. Acima ficava uma escada de oitenta e nove degraus para subir à sala da lanterna de onde partia uma luz move-diga para avisar a toda embarcação distante.

3

Enquanto eu dominasse, não via dificuldade em conservar Chiddock e Cornish separados. Todas as portas eram supridas com boas fechaduras de confiança; na de Cornish resolvi colocar um ferrolho que trouxe dum depósito que eu conservava. Apesar de tudo, o processo era bem simples. Antes de soltar um dos homens para ir trabalhar, aferrolharia o outro no quarto; quando o homem que eu soltasse estivesse trancado em segurança, deixaria o outro sair. E quando o bote voltasse teria o cuidado de manter os dois trancados até que explicasse o assunto e obtivesse ajuda.

Tudo isso acomodado, e Cornish trancado com segurança, fui até a porta e chamei Chiddock, dizendo-lhe que agora podia entrar sem receio. Ele veio até o pé da escada, cheio de bajulação e de medo; quanto mais o via, mais certo ficava de que consumado covarde era ele. Foi preciso descer metade da escada e explicar-lhe o que havia feito, antes dele consentir em apanhar suas coisas e entrar. Quando subiu, olhou medrosamente em torno como si esperasse que Cornish fosse saltar duma das portas e cair-lhe em cima.

— Agora portanto, Chiddock — disse eu, mostrando-lhe o quarto — este é seu quarto. Você sabe a combinação. Você veio para aqui fazer um turno em três; do jeito que as coisas estão, você fará um em dois. E faça o que eu estou dizendo, pois do contrário deixo Jezreel Cornish fazer com você o que quiser.

— Ele não lhe perdoará ter-se intrometido — murmurou ele.

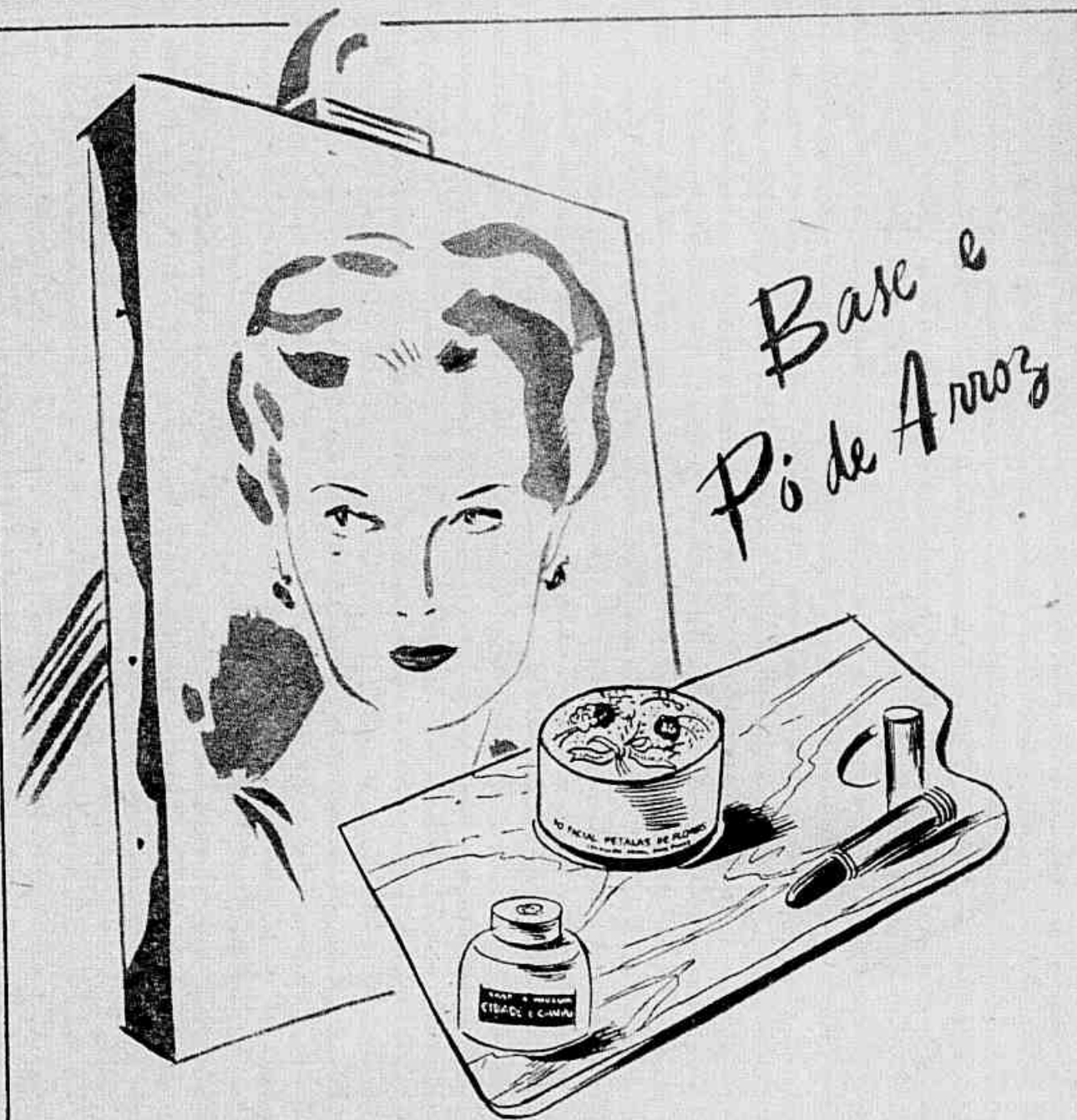
— Tome cuidado, mister. Você fez mal em jogar fora aquele revólver. Ele podia livrar a nós dois dalgum incômodo, e provavelmente guardar nossas vidas. Eu sei como é Cornish quando está instigado.

Eu não respondi, mas continuei o trabalho de tixar o ferrolho na porta de Cornish. E com isso e outras coisas a tarde se passou rapidamente, e na hora habitual comecei a ocupar-me em preparar a ceia.

Mordecai Chiddock sentou-se olhando para mim, como se pretendesse comer tudo o que eu estava preparando para a mesa. Para uma pessoa na sua situação e deôaixo de tal temor, foi o homem mais faminto que já vi, e quando nos sentamos ele caiu em cima da comida e do café como si não o tivesse provado há anos. De fato, comeu com tamanha voracidade que não pude deixar de chamar-lhe a atenção. Ele sorriu, mostrando dentes que não desmoralizariam qualquer tigre.

— Si você tivesse sofrido a fome e a sede que eu sofri — disse ele — não rejeitaria nada que lhe dessem de comida e bebida. Eu não tenho estômago exigente nem caprichoso, mas gosto da abundância. Este seu café é um bocado amargo — continuou, pondo mais açúcar. — Eu gosto do café bem doce, como xarope.

Não me dava prazer sentar-me para comer com um homem que havia roubado o companheiro, a mulher e os filhos deste, e acabei logo, deixando-o terminar, depois do que servi nossa dose habitual de rum. Não lhe respondi quando ele fez uma espécie de cumprimento ou de saude; ao contrário, levei minha caneca para meu quarto e



SEGREDO DO PERFEITO MAQUILLAGE
diz

helena rubinstein

— Base CIDADE E CAMPO — torna invisíveis as imperfeições e linhas e conserva o maquillage fresco e encantador durante muitas horas. Cr\$ 25,00 e 35,00.

— O PÓ DE ARROZ de Helena Rubinstein, de tonalidades que combinam com o colorido natural da pele, dá ao rosto a suavidade de uma pétala de rosa. Cr\$ 40,00 e 55,00.

— Os BATONS de Helena Rubinstein mantêm os lábios macios e brilhantes, dando ao seu maquillage o toque final de sedução. Cr\$ 30,00. Sobressalente 10,00.

— O maquillage adquire todo o seu valor quando a pele é sadia e impecável. No Salão Helena Rubinstein, a HORA DE BELEZA é o tratamento que dará à sua cutis a frescura e a maciês da juventude. A Hora de Beleza se adapta a cada caso especial e satisfaz a todas as necessidades da pele. Todas as possibilidades latentes de sua beleza serão despertadas, sua personalidade aparecerá sob um encanto até agora não conhecido. Marque sua hora: 42-1442.

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO: EDIFÍCIO BRASÍLIA
Avenida Rio Branco, 311 - Tel. 42-1442

sentel na minha tarimba, para beber com calma, refletindo um pouco mais sobre as coisas estranhas que haviam acontecido naquele dia. Depois disso eu me lembro de ter-me deitado para a minha soneca habitual, sentindo mais sono do que de costume, e não me lembro de mais nada até acordar olhando para Jezreel Cornish, cujo nariz agudo e olhos verrumadores estavam bem perto de meu rosto. E então percebi que de qualquer modo eu tinha sido tapeado e que alguma coisa horrorosa estava se passando. Pois não levei um minuto para notar que estava com os braços amarrados ao tronco por uma corda que me apertava bem desagradavelmente e que meu revólver se achava na mão direita de Cornish.

— Você fez mal em deixar que eu mexesse no armário, Graburn — disse ele, trocando de mim. — Eu pus uma droga no café e no rum. E, quanto a me trancar como um passarinho na gaiola, você se esqueceu de que um homem como eu não perde tempo em pensar em descer trinta metros por uma corda. Eu lhe disse que mataria Mordecai Chiddock.

— Você o matou! — arquejei.

— Eu o estou matando — disse ele, frio como nunca. — Ele está contemplando a morte cara a cara. Eu sou um homem misericordioso, Graburn, estou dando tempo a que ele se arrependa. Venha ver como ele está morrendo. E depressa!

Ele de repente me ameaçou e com tamanha persuasão com o revólver que eu fiz força para me por de pé e deixar que ele me fosse meio empurrando, meio arrastando do quarto. Ele me levou à força através do living-room e pela porta dupla, e pela escada abaixo até o plateau da rocha dentro da mais brilhante e prateada noite de lua que eu me lembro de ter visto na minha vida — uma noite tão calma e tão tranquila

e tão bela que a gente imaginaria que uma criatura humana não pudesse ter senão pensamentos bons. Mas Jezreel Cornish não era mais uma criatura humana; o demônio tomara posse dele.

— Venha ver Mordecai Chiddock ser morto, Graburn — disse ele estalando a língua, como si tudo aquilo fosse uma pilhéria. — Venha ver como ele reza e pede misericórdia — Mordecai que nunca teve pena de homem nem de mulher nenhuma! Venha, estou lhe dizendo! — e me arrastou para diante como si eu não fosse mais do que uma criança. — Agora veja Mordecai Chiddock enfrentando a morte como o marinheiro valente que é!

Do ponto a que ele me arrastara eu podia ver toda a infernal engenhosidade de que Cornish havia feito. No rebordo da rocha sobre a qual o farol das Areias Tiritantes se erguia, havia uma reentrância em forma decrescente, que poderia ter sido cortada como se pode cortar num queixo com uma colher. Nós estávamos na beira de um dos lados da reentrância; no outro, pendendo de cordas que haviam sido presas em torno da cintura e por baixo das axilas, o luar deslumbrante resplandecendo sobre ele, pendia Mordecai Chiddock, figura balouçante e trêmula contra a rocha silenciosa e implacável, que ficava atrás dele. Estava metido até a cintura na maré montante e em breve seria submergido e afogado!

Eu me senti dominado por um impulso de fúria repentina à vista desse espécime da crueldade de Cornish, e me voltei para ele com um sentimento que se teria manifestado por um ataque a ele, caso eu não estivesse manietado.

— Você é um demônio! — gritei. — Você...

Porém ele levantou o revólver e por um segundo pensei que havia chegado minha vez.

— Cuidado com a língua, Mr. Graburn — disse ele, carrancudo. — Não me importa que você viva ou morra, porém não quero matá-lo. Afinal de contas eu não estou assassinando Chiddock; estou apenas justificando-o. Agradável ouvir o que ele diz, não é?

4

O despojo humano que se balançava na maré montante a menos de dez metros de mim havia me descoberto e rompeu em frenéticos pedidos de socorro. Mas esses apelos eram misturados com as pragas e blasfêmias mais tremendas que eu já ouvira, e de repente Cornish começou a acompanhá-las com uma série de gargalhadas e zombarias demoníacas. Si pudesse, teria tapado os ouvidos para evitar os sons de horror que rompiam a quietude da noite de luar e se levantavam sobre o doce murmúrio da maré enchendo tranquilamente. Porém tive de permanecer ali, sem defesa e sem remédio, para ouvir e ver, quer quizesse quer não.

Afinal não restava mais do que a cabeça de Chiddock acima das ondas. Eu sabia exatamente até onde a água haveria de subir e que dentro de cinco minutos tudo estaria acabado. E Cornish também sabia disso, e uma idéia pareceu assaltá-lo. Riu alto — uma gargalhada infernal que me congelou o sangue.

— Ele tem apenas alguns minutos — disse ele. — Vou me aproximar e dizer-lhe algumas palavras de despedida. Será uma coisa afetuosa para lembrar a ele que bando de amigos vai encontrar daqui a pouco.

Dirigi-se então para o ponto onde estava Chiddock, pendurado, com a intenção evidente de se debruçar na beira do precipício e falar dentro do ouvido, do desgraçado. E ao se aproximar, tal como si a Providência tivesse resolvido que ele seria ludibriado em ver morrer sua vítima, o pé escorregou-lhe ou ele tropeçou na corda que prendia Chiddock ou aconteceu alguma coisa que eu não pude perceber. De qualquer modo, ele se precipitou de cabeça por sobre a borda da ribanceira e lhe ouvi o crâneo estalar na lage de baixo e o vi fender a água oleosa como uma sonda. E desde então nem eu nem nenhum homem viu de novo Jezreel Cornish.

Foi então que desmaiei, ao ouvir um longo grito de desespero de Chiddock. Talvez tivesse sido antes perda do conhecimento, do que desmaio — foi muito depois do romper do dia que voltei a mim. Arrastei-me até a borda do rochedo e olhei para dentro da cova. Chiddock estava pendurado molemente, contra a penedia, a cabeça descaída contra o ombro. Nalgum canto debaixo dele, na profundidade do poço, sem dúvida, jazia Cornish, também morto.

Não pude fazer nada para me libertar; Cornish tinha me amarrado com vontade. Durante o dia consegui arrastar-me para me abrigar do sol violento, porém estava quase louco de fome e de sede e do horror da minha situação. Aquela noite o farol das Areias Tiritantes não acendeu. Mas foi essa falta que me salvou, pois a lanterna apagada levantou suspeitas, e antes de meia noite uma rápida embarcação do governo estava no rochedo, para encontrar um homem morto, pendurado sobre as ondas onde outro havia sumido, e um homem que não estava longe da morte e se achava em delírio espantoso, balbuciando coisas incoerentes a respeito do que tinha presenciado.



★ CONTINENTAL

A GRANDE VENTURA

A grande ventura de ser mãe! Fazer de seu filho uma criança forte robusta! Realize este ideal, tomando Malzbier Progresso, a cerveja das lactantes.

O malte é ótimo elemento nutritivo e muito recomendado para as lactantes.



A. 401



MALZBIER PROGRESSO

UM PRODUTO DA ANTARCTICA

Torne seu lar um mundo maravilhoso



APRENDA "TRICOT" EM TRES LIÇÕES

(Fotos de Tony Sarno —
especiais para REVISTA DA SEMANA)

Quando você ganhou as blusas e as meias de lã para os seus filhinhos feitas pela mãe do seu marido ficou alegre e triste ao mesmo tempo. Triste porque imaginou que nunca poderia confeccioná-las, você própria.

"E" tão complicado tricotar" — disse para consigo.

Puro engano, minha amiga, porque se você se orientar pela série de gravuras, atendendo a uma ligeira explicação, aposte que será em breves dias uma professora de "tricot".

Faça uma laçada para obter a primeira carreira. Esta é obtida assim: faça a laçada na agulha deixando a ponta do fio bastante comprida para o número de laçadas a serem feitas; segure a extremidade curta do fio na sua direção. Ponha o polegar e o indicador da mão esquerda entre os dois fios e feche os últimos dedos sobre as extremidades do fio para segurá-lo firmemente. Cuidado, hein?

Já acertou? Bem, agora introduza a ponta da agulha para cima através da laçada, no polegar. Então o segundo ponto é lançado. Estude a figura e acerte antes de passar para o seguinte movimento.

Apanhe o fio do dedo indicador e puxe na sua direção através da laçada. Este é o terceiro passo no lançamento do 2.º ponto.

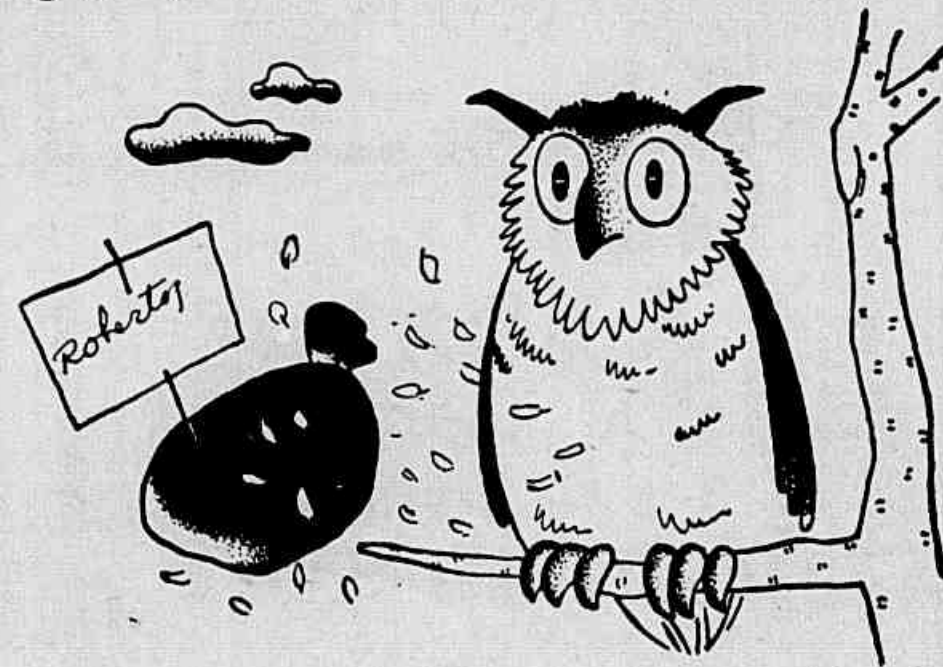
Não foi muito difícil, não é?

Olhe bem! Agora volte à figura e aperte o ponto que acaba de fazer. Completa-se o lançamento de dois pontos. Tudo o que lhe resta depois disso é repetir o processo até lançar o número de pontos pedidos nas instruções para tricotar a peça que planeja confeccionar.

(Continua no próximo número)

FAMOSAS RECEITAS DE AMOR

Penas de coruja para conquistar o homem amado!



A feiticeira ensinava às mulheres que desejavam prender o homem amado, o seguinte: "Apanhe-se uma coruja no ninho, arranquem-se-lhe as penas; meta-se tudo no bojo de um pedaço de veludo preto, espete-se em cima um cartão com o nome da criatura que se deseja conquistar e atire-se o embrulho numa encruzilhada em noite de lua cheia... Nós não acreditamos. E você, é lógico, também não acredita que desse modo possa uma mulher conquistar homem algum! Mas uma receita de amor conhecemos que é usada pelas mulheres mais belas de 72 países e nunca falha. É a seguinte: "A mulher que quiser atrair a atenção do homem amado, pega num Baton Colgate, passa-o suavemente

nos lábios e realça a sensualidade e o encanto de sua boca. Os toques mágicos do Baton Colgate despertam nos homens ânsias de beijos... porque o colorido vivo e provocante do Baton Colgate empresta aos lábios sugestões amorosas e torna as mulheres mais sedutoras". Use esta receita de amor, hoje mesmo! Ela tem feito a felicidade de muitas mulheres e pôde fazer também a sua! O Baton Colgate, importado da América do Norte, é feito com *Karanuva*, o supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha a sua tonalidade dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas!

BATON



COLGATE

Standard

MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Móveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente seção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

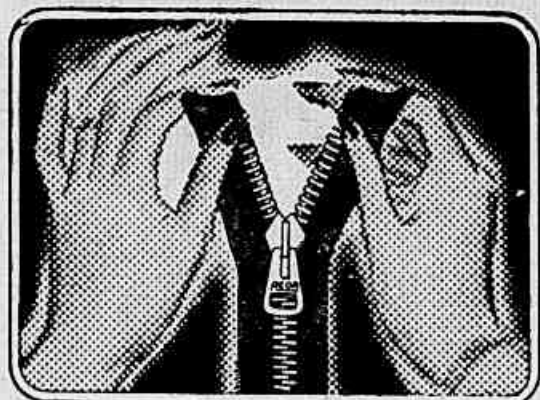
OUTROS RIRAM



Mas eu só sei pintar o que vejo!



Espero que ele faça os japoneses sofrerem o mesmo que eu sofri!



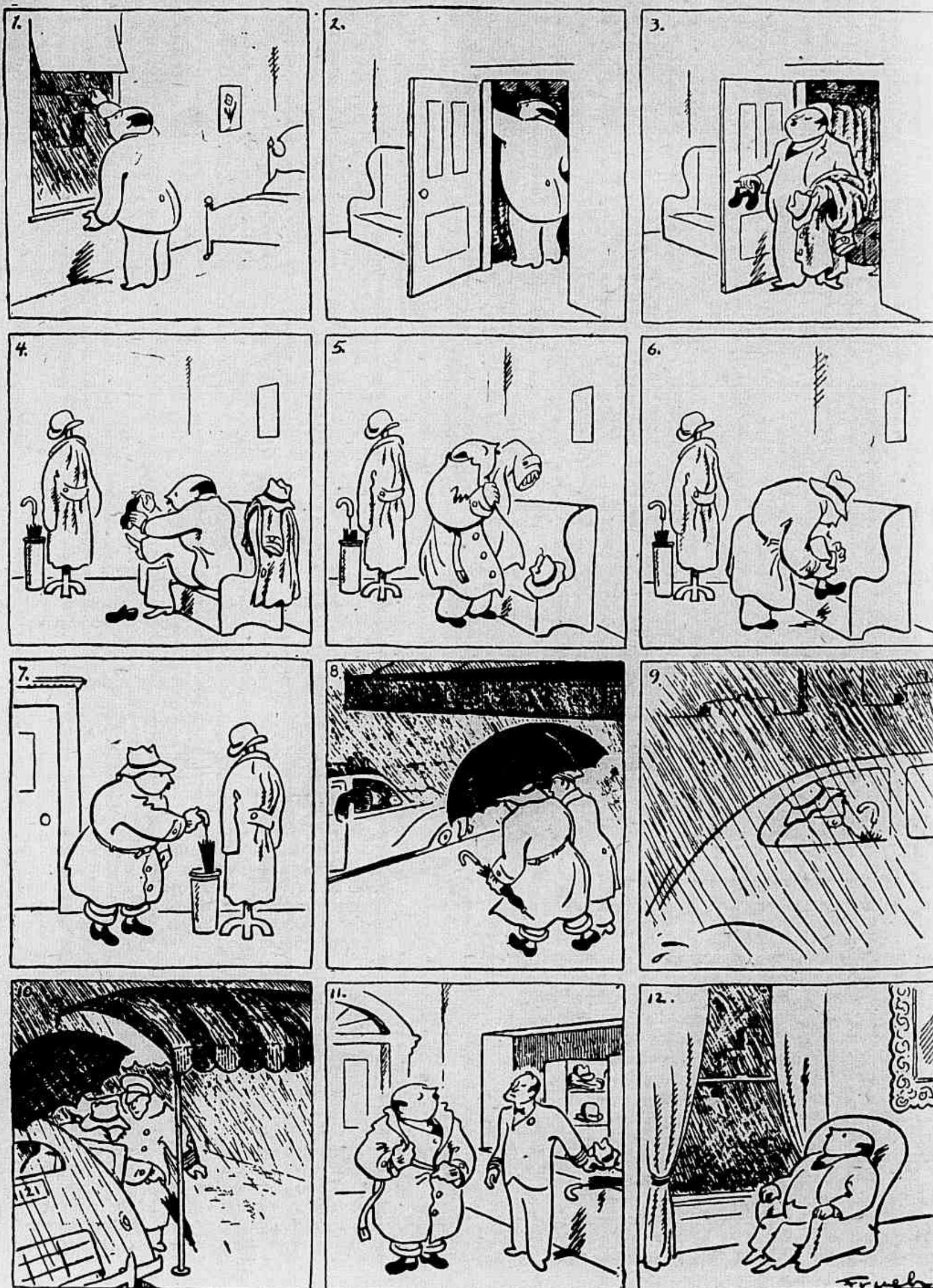
PREFIRA O ZIP NACIONAL

Reor

É MAIS BARATO
E É MELHOR!

Si a senhora é modista, não perca mais tempo procurando zips estrangeiros. Hoje, em qualquer loja do ramo, V. S. obterá facilmente o insubstituível REOR — o zip nacional de absoluta confiança, fabricado em todas as cores, para as mais diversas peças de lingerie. REOR lhe oferece todas as vantagens dos melhores zips estrangeiros, a preços vantajosos. Para sua garantia e satisfação de sua clientela, tenha somente, em seu atelier, o rápido, seguro e resistente fecho REOR.

COMPANHIA BRASILEIRA
DE METAIS

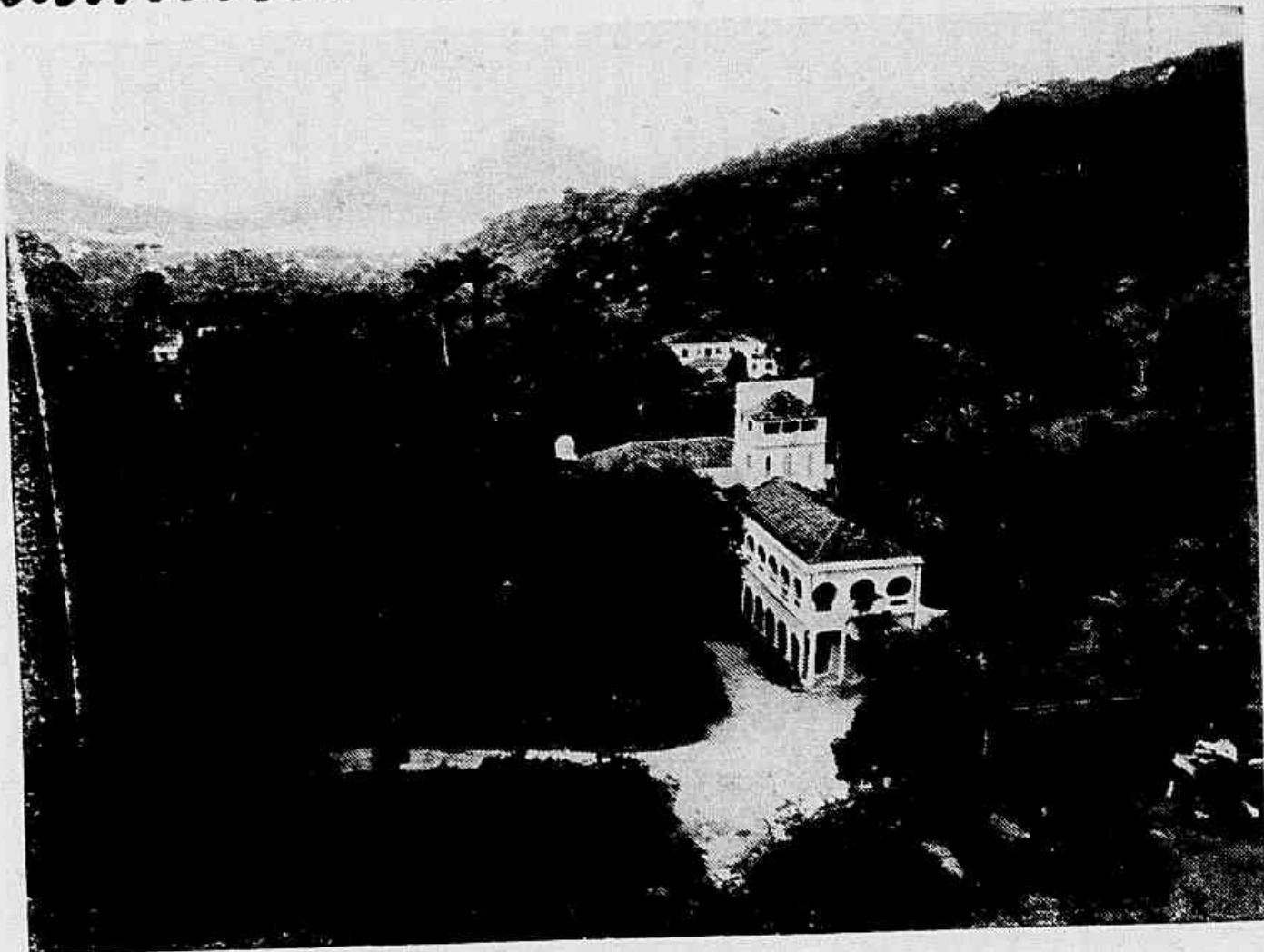


Sanatório Imaculada e o tratamento dos nervosos

Inaugurado o Pavilhão de Clinoterapia destinado a doentes do sexo masculino.

EM sua grande chácara, sita á rua Marquês de São Vicente, 389, Gávea, acaba de inaugurar o SANATORIO IMACULADA o seu "Pavilhão de Clinoterapia", destinado a doentes do sexo masculino. Obedecendo á mais rigorosa técnica hospitalar e assistencial, é um notavel melhoramento que se introdús em nossa assistência privada aos que necessitam de "Curas de Repouso e Nutrição" e dos grandes tratamentos da moderna terapeutica das doenças agudas e crônicas do sistema nervoso — *Cardiazol* — *Insulina* — *Eleirochoque* — *Malarioterapia* — *Duchas* — *Ultra-violeta* — *Tonização Transcerebral* — e todos os demais processos fisicoquímicos e biológicos, sem esquecer a psicanálise e, sobretudo, a psico-reeducação, especialmente, dos esquisofrenicos.

É um magnífico estabelecimento, ocupando toda uma chácara de mais de 50.000 m² de terrenos cobertos de matas, pomares, jardins, cortada de pequenos regatos, onde estão campos de desportos, cinema apropriado, piscina e todos os demais jogos e entretenimentos adequados ao fim a que se destina, tudo formando o que, nesta atualidade se pode chamar um *Sanatório para Nervosos*. Sob a orientação clinica do Professor Dr. Xavier de Oliveira, docente de Clinica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil e Psiquiatra chefe de Serviço do Hospital Psiquiátrico, dispõe o *Sanatório* de um abalizado Corpo Clínico, formado de técnicos em psi-



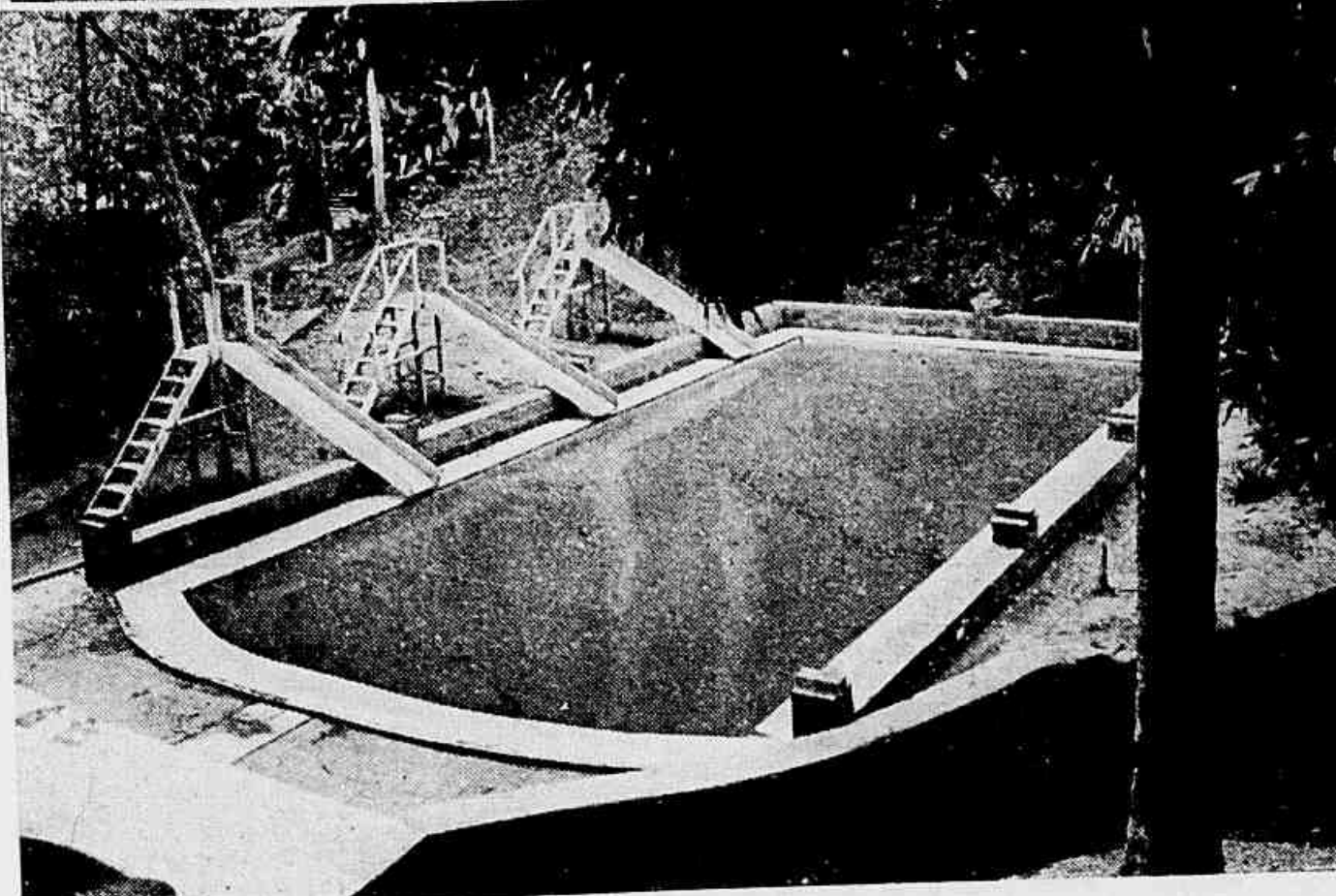
VISTA PANORAMICA DO SANATORIO IMACULADA

quiatria, laboratorio e em terapeutica especializada, além de medicos residentes e plantonistas, para a assistência clinica permanente e a psico-reeducação que proporciona a todos os seus internados, visando a sua cura ou a sua readaptação social e familiar. Inegavelmente, o SANATORIO IMACULADA, situado no mais lindo recanto do saudavel arrabalde da Gávea, está bem á altura da nossa cultura científica em condições de preencher todas as finalidades diagnósticas, terapeuticas e assistenciais, das doenças do sistema nervoso.

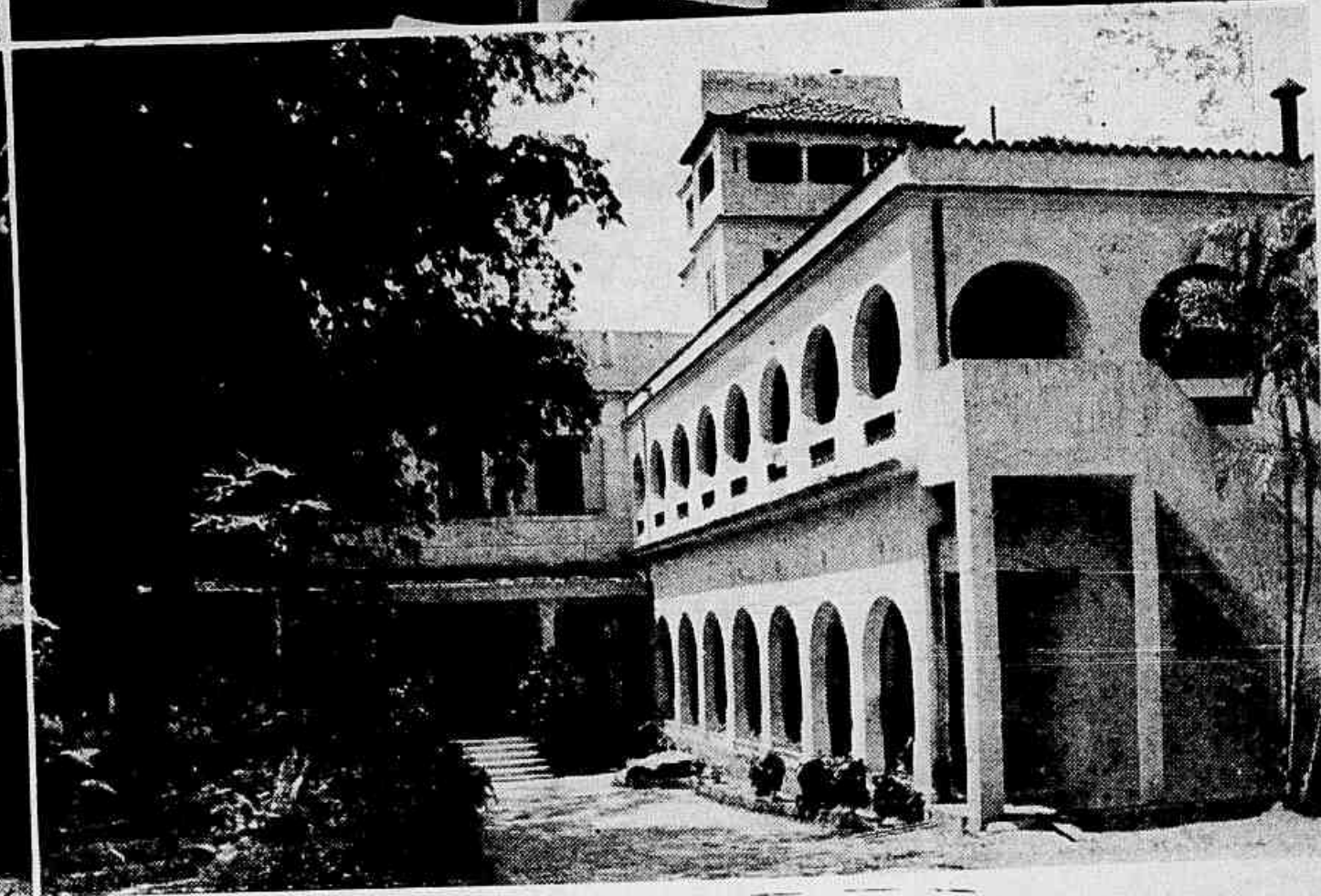
GABINETE DE FISIOTERAPIA



SALÃO DE VISITAS



PISCINA



PAVILHÃO DE CLINOTERAPIA — SECÇÃO MASCULINA, RECEM-INAUGURADO



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ